



Toquinho

acorde solto no ar

JOÃO CARLOS PECCI

| imprensa oficial

Toquinho

JOÃO CARLOS PECCI

acorde solto no ar

Toquinho

JOÃO CARLOS PECCI

acorde solto no ar

| **imprensaoficial**

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman



Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No passado está a história do futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte dela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman
Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.

Guimarães Rosa

A Coleção Aplauso, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biogra-fados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da Coleção é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na Coleção Aplauso foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relaciona-

mento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da Coleção Aplauso – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a Coleção em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégiOS que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



Sumário

Apresentação **12** Capítulo 01 **15** Capítulo 02 **23** Capítulo 03 **28** Capítulo 04 **32** Capítulo 05 **38**
Capítulo 06 **41** Capítulo 07 **43** Capítulo 08 **50** Capítulo 09 **54** Capítulo 10 **57** Capítulo 11 **60**
Capítulo 12 **64** Capítulo 13 **66** Capítulo 14 **69** Capítulo 15 **74** Capítulo 16 **78**
Capítulo 17 **84** Capítulo 18 **90** Capítulo 19 **93** Capítulo 20 **96** Capítulo 21 **98**
Capítulo 22 **102** Capítulo 23 **114** Capítulo 24 **121** Capítulo 25 **127** Capítulo 26 **132**
Capítulo 27 **137** Capítulo 28 **143** Capítulo 29 **146** Capítulo 30 **149** Capítulo 31 **153**
Capítulo 32 **157** Discografia **163** Créditos das fotografias **169**

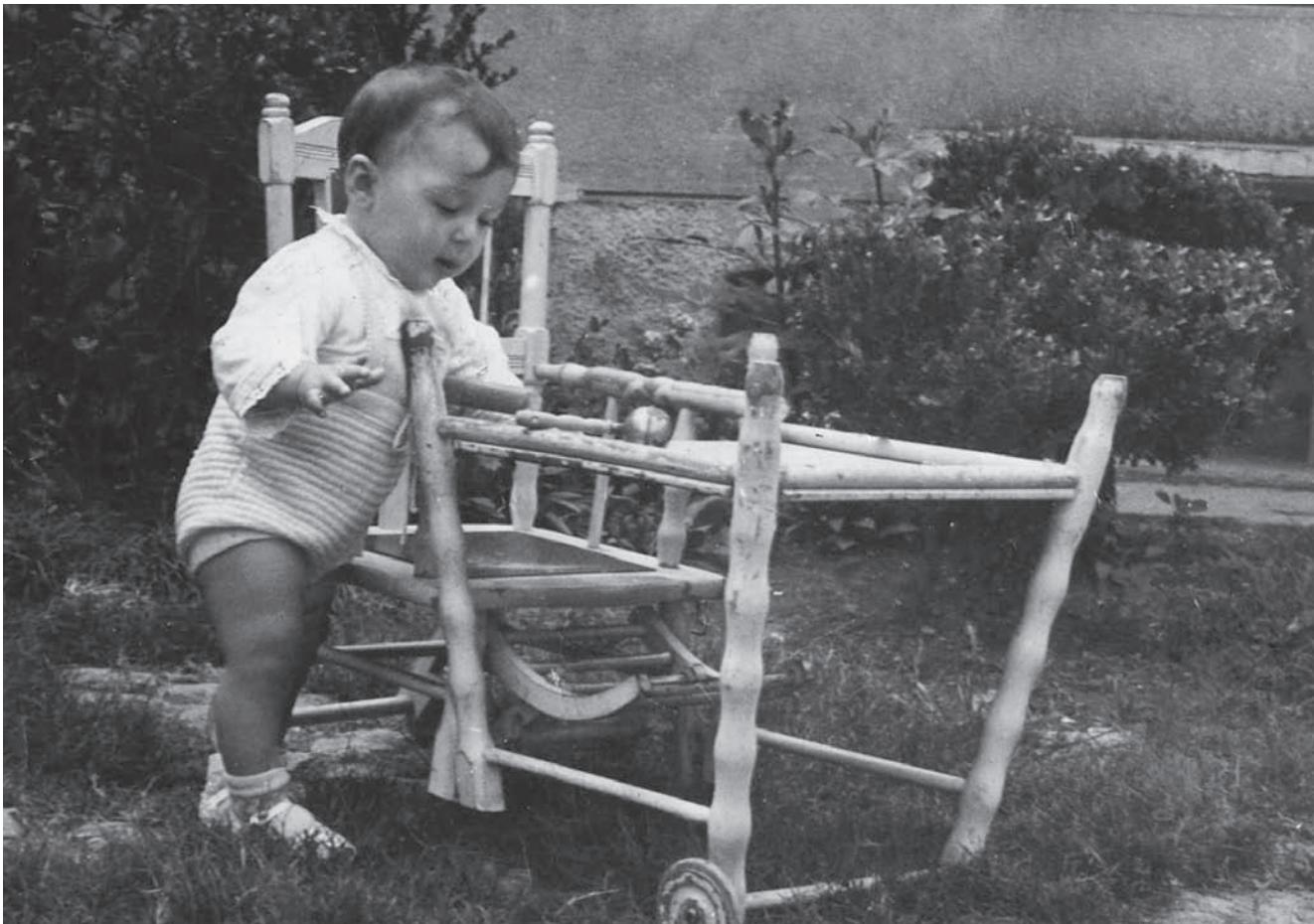


Apresentação

Construir acordes e harmonias, fazer música e poesia, é a profissão de Toquinho, que não se limita apenas a construir acordes e harmonias para suas músicas. Aprendeu a harmonizar a vida no compasso do prazer, no contraponto entre a paixão e a amizade, a família e os amigos. Inventa acordes próprios também quando aborda um assunto econômico, quando se aventura a definir um diagnóstico e recomendar uma medicação aos amigos, já que se considera um doutor formado por alguma intuição luminosa, ou quando sugere estratégias jurídicas conseguindo convencer até renomados advogados a segui-las; ou descrevendo uma jogada de gol da qual tenha participado, ou manejando um taco de sinuca. Usa gentis irreverências na habilidade com que ajusta as emoções que o tempo desafia. Dispensando ou não o avental, revela uma de suas vaidades ao preparar o molho da macarronada, remexer a massa; temperar e cozinhar fartos camarões até o ponto certo; fritar um ovo até a dureza adequada; escolher o vinho e reunir em torno da mesa a alegria de amigos inquestionáveis. Eu tenho o privilégio de ser irmão desse homem, e diante de sua maleável experiência de vida, fico enredado por uma sensação lógica de que ele é o irmão mais velho, e não eu. Esse parecer mais velho desponta mesmo na sabedoria simples e harmônica com que trata as coisas, as pessoas e a vida.

Eu me esforço, mas não consigo remontar na memória a imagem de minha mãe grávida esperando esse irmão, nascido a 6 de julho de 1946, que se chamaria Antônio Pecci Filho, e que mais tarde o talento e a vida o difundiram para o mundo pelo chamamento carinhoso de Toquinho. Entretanto, ainda me é nítida a cena do primeiro dia em que aquele bebê, meu novo companheiro, chegou em casa. Lembro-me do berço de madeira, que havia sido meu, acomodando aquela miniatura de sensibilidade humana. Eu o protegia o mais que podia nos meus tenros quatro anos e três meses.

Entre nós, jamais houve brigas ou rancores. Ao contrário, aprendemos a nos proteger pela vida afora, fortalecidos pelas fortes raízes de disciplina e liberdade herdadas do pai Antonio e da mãe Diva, dois suportes de nossa formação humana. Além de irmãos, mais do que amigos, tornamo-nos cúmplices na infância, na adolescência, na juventude. Apesar de ser mais velho, tenho certeza de que mais aprendi com ele do que o ensinei. Eu o vejo como provedor da própria independência de fazer o que quer, no momento que



Julgar adequado. Assim, revalida o bom humor e o entusiasmo na perseguição e na consecução dos objetivos, e a música é a principal célula geradora dessa revalidação, capaz de transformar os inoportunos tentáculos do passado num firme e constante olhar para o futuro. Carrega com ele a serena inquietude de um menestrel moderno, que dificilmente deixa de abraçar as grandes oportunidades que cercam sua carreira. Com isso, sente a renovação de seu público a cada apresentação. Uma juventude que canta junto com ele, aplaude, solicita, admira e se diverte porque percebe que, por trás da silhueta física do artista de palco, há um espírito vibrante e enternecedor, movido pelo amor à vida e às artes de cantar e de tocar violão. Seu sorriso envolvente, sua versátil vivência e sua simplicidade fazem de seu instrumento um violão acessível e democrático.

Toquinho (1947)

Porém, eu, João Carlos, e meu irmão Antonio (Toquinho) não nos encontramos tanto como gostaríamos. As contingências de minha paraplegia se opõem ao dinamismo constante da agenda dele, requisitando-o seguidamente a compromissos artísticos, horas e horas em estúdios de gravação, viagens pelo Brasil e para o Exterior, mantendo-o, às vezes por longa temporada, distante, inclusive dos próprios filhos; o que se dirá do restante da família. Creio ser esse o mais penoso tributo que o artista tenha de pagar pela manutenção da continuidade da própria carreira. Mas, certamente, Toquinho jamais se arrependerá por ter sustentado com tanta obstinação o prosseguimento de sua arte.

Falamo-nos muito por telefone, participando das situações adversas um do outro ou nos fortalecendo de sorrisos nos momentos mais descontraídos. Às vezes almoçamos ou jantamos juntos, e em muitos fins de semana desfrutamos, entre os amigos mais íntimos, da paz e da liberdade da casa dele no interior de São Paulo, cujas adaptações me tornam quase que totalmente independente, fruto da constante generosidade desse irmão tão querido.

Falta-nos, porém, um convívio diário mais frequente, poder saborear o detalhe do trivial, do gesto simples de abrir a geladeira em busca da ameixa preta ou da água de coco. Poder apreciá-lo escorrer o espaguete para servi-lo em torno da meia-noite, seu horário preferido para o jantar. Concordar ou não com o comentário irônico e inteligente sobre política, futebol, filmes, novelas, os micos dos amigos, as façanhas dos filhos, as neuroses das mulheres. Poder perguntar sobre a nova namorada, e sempre há uma nova namorada, que embora ele tente escondê-la, todos sabem quem é. Pena não poder enriquecer mais amiúde meu cotidiano da presença sempre luminosa desse meu irmão. Conto com a regalia de escrever sobre ele, tentar passar para o leitor o brilho de seu entusiasmo constante pela vida, a ressoar em todos que desfrutam de sua presença física.

João Carlos Pecci

01

A Ascendência Italiana A Família Infância Primeiros Contatos com a Música

Fortes e seculares raízes ligam a família Pecci à Itália, especificamente à cidade de Toro, na Província de Campobasso, região de Molise. Alguns pesquisadores e jornalistas descobriram minha ascendência, e foi remontada a árvore genealógica da família, desde o século XVIII. A partir daí, a comunidade de Toro dedicou-se incansavelmente para me receber e prestar-me homenagens que pudessem enfatizar toda a importância de meu trabalho musical. Esse intento dos torenses foi concretizado em julho de 2008. Estive pela primeira vez em Toro, cidade onde nasceram meus antepassados. Por essa ocasião, recebi o *Prêmio Ambassador, il passaporte d'oro* (o passaporte de ouro), distinção que representa o prestigioso reconhecimento dedicado todos os anos aos cidadãos de origem italiana e molisana que se notabilizam pelo mundo nos vários campos e nas mais diferentes artes.

Na manhã do dia 30 de julho, fui recebido e acompanhado carinhosamente pelos moradores de Toro, caminhando pelas ruas e conhecendo a casa onde morou meu avô paterno Giovannantonio Pecci. Nessa casa, foi montada uma autêntica exposição de documentos históricos relativos à família Pecci, com fotos e depoimentos. E, à noite, encerrei minha celebrada passagem pela cidade realizando, com minha banda, na Piazza San Mercúrio, um concerto que ficará marcado para sempre naquela gente que tanto se orgulha dos que descendem daquela terra.

Tem sido emocionante conhecer as origens de meus ascendentes. O lado italiano de nossa alma torna-se vibrante quando sabemos que tudo começou na pequena Toro, perdurando até nossos dias, e hoje somos nós que representamos essa célula italiana. Meu avô Giovannantonio Pecci nasceu em Toro, em 1885, vindo para o Brasil em 1896, com 11 anos, com seu pai Mercurio Pecci, enquanto a mãe Maria Giovanna permanecia na Itália. Chegando aqui, foi encaminhado para o interior do Estado de São Paulo, permanecendo em São Manuel, a 250 km da capital. Trabalhando na zona rural como camponês, Giovannantonio conheceu Filomena, também italiana, do sul, de Coscenza.

Giovannantonio e Filomena se casaram e com a ajuda de amigos se transferiram para São Paulo. O pai Mercúrio retornou para a Itália e Giovannantonio começou a trabalhar como bilheteiro de bonde, sendo, mais tarde, condutor. Com o surgimento dos ônibus, consegui tornar-se proprietário de um deles, e, trabalhando com afinco e sabendo economizar, acabou comprando mais dois.

Com isso, associou-se a um amigo, e juntos fundaram uma companhia de ônibus, vivendo assim um período muito próspero. Alguns anos mais tarde sua empresa foi encampada pela Prefeitura de São Paulo. Porém, com força de vontade e inteligência, Giovannantonio e Filomena conseguiram montar um bom patrimônio econômico, o qual lhes permitiu manter uma numerosa família com sete filhos: Mercúrio, Maria, Francisco, Antonio, Rosa, Regina e Gilda. Muito doente, diabético e cego, Giovannantonio morreu em 1944. Sua mulher, minha avó Filomena, viveu até os 97 anos, falecendo em 1982. Seus sete filhos lhes deram 15 netos, os quais, por sua vez, lhes deram 22 bisnetos. Todavia, de todos eles, há apenas um homem que carrega o sobrenome Pecci: é Pedro Chaves Pecci, meu filho.

Meu pai, Antonio Pecci, nasceu em 9 de março de 1914 e, como seu irmão Francisco, era alfaiate. Em 1940, casou-se com Diva Bondeolli, filha de Carlos e Serafina, também de origem italiana, de Mantova. Dessa união nasceram dois homens: João Carlos Antonio, em 17 de março de 1942, e eu, Antonio, em 6 de julho de 1946. Meu pai trabalhou como alfaiate até o final de 1945. Depois, tornou-se motorista de táxi e, pouco a pouco, formou uma pequena empresa de táxi, com quatro veículos de sua propriedade. Em torno de 1952 voltou a exercer sua antiga profissão de alfaiate, e, depois de alguns anos, em 1955, abraçou o ramo da indústria, associando-se ao sogro, que possuía uma oficina de fundição de ferro, transformada logo numa fábrica de máquinas de costura, funcionando até 1964, quando a indústria foi vendida e Antonio resolveu dedicar-se a empreendimentos relativos à construção civil. Em seguida, associou-se a um cunhado, montando uma panificadora. Aposentou-se por volta de 1980, e viveu muito bem até os 94 anos, vindo a falecer em outubro de 2008. Esteve casado com minha mãe, Diva, durante 66 anos, até a morte dela, em janeiro de 2007, com 92 anos.

Meu pai era calado, muita gente o julgava até zangado. Mas gostava de lembrar de passagens históricas e filmes抗igos, divertindo-se com isso. Era teimoso; para ele, seus conceitos mais banais eram verdades absolutas. Falava pouco, tinha mania de assobiar canções. Para os filhos, sempre agiu como guia dos vários sentidos da vida.

Dona Diva, minha mãe, manteve-se obstinada a esse homem muitas vezes carrancudo e irredutível. Devota de Santo Antônio, queria o nome do santo



Nico, Toquinho e Diva (1957)



num dos filhos, e o contemplado fui eu. Eu crescia pouco na primeira infância, ela me chamava carinhosamente de *meu toquinho de gente*. O Toquinho ficando e ficou até hoje. A extrema dedicação ao marido e aos filhos reprimiu seu talento de violinista. Formou-se na escola dirigida pelo Maestro Memore Peracchi, tornou-se professora e depois trancou o instrumento no armário. Sob algum aspecto, foi ela quem me aproximou do violão.

No Liceu Coração de Jesus, colégio dirigido por padres salesianos, desde o primário, sempre fui o primeiro da classe. No entanto, eu passava mal na época dos exames preocupado em manter o primeiro lugar. Minha mãe, sempre atenta, me falava: *Se no mês que vem aparecer alguma nota dez na cadereta, você apanha e fica de castigo!* Tentando me livrar dessas tensões, fez com que eu me interessasse por alguma coisa mais relaxante e descontraída. E acabei escolhendo: *Quero aprender a tocar violão.*

Meu irmão e eu sempre fomos grandes amigos. Incrível como jamais brigamos. Nem na infância, muito menos na adolescência, e essa amizade se estreitou ainda mais na idade adulta. Morávamos no bairro do Bom Retiro, no fim da rua Anhaia, perto da várzea cheia de campos de futebol. No nosso quarteirão, a rua era de terra, havia uma cocheira em frente de casa, seu portão era o gol da gurizada. Muitas vezes tínhamos de parar a bola para que as vacas passassem, obedientes. Lembro-me dos jogos de botão pela calçada, da parede da fábrica onde lixávamos os botões e da leiteria onde comprávamos as balas de figurinhas. Foi em meio a essa simplicidade que crescemos, eu e meu irmão João Carlos, com quem aprendi a jogar futebol de botão. No início ele ganhava todas. Depois me igualei a ele. Quando perdia, eu chegava a chorar, inconformado. Não admitia perder, já naquela altura da vida, qual fosse a competição. Ao tornar-me habilidoso no botão, nunca mais perdi, vencia todos os torneios.

Sempre tive vontade de ver o violino de minha mãe. Num dia de faxina, ela baixou do armário a caixa do violino. Meus olhos se iluminaram, foi minha primeira sensação da existência de um instrumento. Pela primeira vez peguei num instrumento, desses que se tornam mais íntimos, que podem ser

Toquinho e João Carlos com uniforme de desfile do Liceu Coração de Jesus (1956)

Toquinho – 1ª Comunhão (1953)



levados para qualquer lugar, colam no corpo. A primeira vez que peguei num foi naquele violino. Minha mãe jamais tocou nele, mas éramos cercados de música através dos discos que meu pai comprava. Seu Nico, como era conhecido, era fascinado por filmes e música. Ia frequentemente ao cinema. Chegava a assistir ao mesmo filme três ou quatro vezes. Não satisfeito, comprou uma filmadora Keistone e passou a registrar tudo o que acontecia na família, desde aniversários, batizados, primeiras comunhões, desfiles colegiais, até passeios e viagens. A música vinha incorporada a esse amor pelos filmes. Na rudeza de sua cultura, ele ia colecionando discos de todos os gêneros. Eu ouvia desde Luiz Gonzaga, Ângela Maria, Francisco Alves, até Ray Antony e Ray Conniff. Clássicos italianos como Beniamino Gigli, Gino Becchi. E de repente estávamos jantando com Chopin na vitrola. Além disso, tinha a Nadir, a empregada, com seu radinho espalhando pela casa as vozes de Anysio Silva, Orlando Dias, Nelson Gonçalves. As canções do Adelino Moreira exerciam em mim fascínio meio irresistível. Gostava muito também do Vicente Celestino e as músicas dramáticas que ele cantava com seu vozeirão. Essas canções se constituíram nos primeiros parâmetros musicais que tive. Logo depois surgiram os sucessos de *Oh, Carol*, com Neil Sedaka; *Diana*, com Paul Anka, enquanto *Only You*, com The Platters, já era supercantada. Mas aquele que enchia os ouvidos, o mais famoso do século, era Elvis Presley, que chegava a influenciar até mesmo os Beatles. Eu curtia tudo, lembro-me que já ouvia aquela marcha-rancho com letra de Vinicius de Moraes para uma cantata de Bach, *Rancho das Flores*. De tudo tirava alguma coisa boa, até hoje faço isso. Mesmo das músicas consideradas bregas, têm algumas que são lindas.

Meu pai prosseguia contribuindo. Fã ardoroso de Orlando Silva, vivenciou o auge de sua carreira. Quando o cantor se apresentou pela primeira vez em São Paulo, em 1937, lá estava o Nico em seus 23 anos no Teatro Coliseu, no Largo do Arouche. Ele conseguira entrar, chegara às 18h, o espetáculo começava às 21h. Era frequente ouvi-lo cantarolando ou assobiando *Rosa, Lábios que Beijei, Carinhoso, Última Estrofe*. Assim, passei a reparar mais no Orlando Silva, um cantor mais refinado, interpretando músicas lindíssimas. Meu pai foi responsável por muitas dessas minhas atenções porque no fundo ele era muito musical, assobiava sempre afinado. Talvez ele tenha sido mais musical que minha mãe, em termos práticos, pois ele precisava **conviver** com a

música, utilizá-la. Nunca me esqueço quando ele projetava filmes de desfiles colegiais, usando como sonoplastia aquele hino lindo da marinha: *Qual cisne branco que em noite de lua / Vai deslizando no mar azul...* Esse hino me emocionava porque ele caía tão bem com a marcha daqueles colegiais vestidos de branco, uniforme do Liceu Coração de Jesus, e eu era um deles.

Aos poucos, a música ia me dominando. Quando ia na casa da prima Cleize, excelente pianista, eu a puxava pelo braço até a sala: *Toca um pouco pra mim, toca!* E ela tocava Noel Rosa, e mais boleros de Gregório Barros e mais Chopin. E eu, ao lado, atento. Apesar de excelente pianista, Cleize ganhara do namorado um violão, mantido esquecido e encostado num dos cantos da casa. Era uma tarde de domingo de maio de 1953 e o Corinthians enfrentava o Vasco no Maracanã. Ouvidos colados no rádio, eu tinha sete anos e já vibrava com as vitórias daquele timaço do Parque São Jorge: Gilmar, Homero, Olavo, Idálio, Goiano, Roberto, Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone, Mário. Na época, esse time ganhava tudo. Entretanto, naquela tarde, o Vasco fez um gol no finzinho do jogo e venceu de 1x0. Coração apertado, refugiei-me no canto da casa onde estava o violão, mexi em suas cordas: sons ilógicos, olhava aquelas cordas e ficava imaginando: *Como é que pode sair tanta música só dessas seis cordas?* E botava outros dedos entre elas, tentando tirar outros sons. Essa foi a primeira vez na vida que tive contato com esse instrumento. Foi naquele violão da Cleize.

Porém, transcorreram quase sete anos para que eu me decidisse a aprender a tocar violão, instrumento que deixara de pertencer apenas à malandragem boêmia e passara a representar até um símbolo cultural. Onde quer que a juventude se reunisse, dois ou mais, e despontava um violão. Até as filhas do Presidente Juscelino aprendiam a tocá-lo com Dilermando Reis, e o fato era cantado em versos por Juca Chaves, inventando bossas bem novas: cantava mansinho, quase falando, e aparecia descalço na TV carregando o violão nas costas disseminando ainda mais seu uso para uma sociedade localizada bem abaixo dos morros. O violão invadia a classe média, e o principal estimulante dessa invasão foi, sem dúvida, o grande João Gilberto, este sim, bossa-novista autêntico no ritmo de sua batida inovadora e no jeito de cantar. Ele colocava o violão de maneira muito íntima e com um tipo de voz que a gente podia até se imaginar cantando. Comecei a aprender logo depois que saiu o primeiro

disco do João Gilberto. Toda minha geração toca violão porque João Gilberto tocava, essa é a verdade. Toda transformação causada pela Bossa Nova, em síntese, mora nas seis cordas de seu violão e na sua maneira genial de interpretar canções.

Assim como tantos adolescentes, outra prima, a Vandinha, entrara na onda do violão e já se acompanhava cantando *Serenô*, que aprendera com Dona Aurora, mulher de ar austero, alta, ruiva, de óculos, professora de piano que resolvera ensinar também violão. Em se tratando de violão, Vandinha não foi além de *Serenô*. Porém, foi no violão dela que pratiquei as primeiras posições dos dedos no braço do instrumento. Logo depois, lá estava eu com Dona Diva e seu Nico na loja Del Vecchio da rua Aurora, no Centro, escolhendo meu primeiro violão. Já podia, pois, enfrentar Dona Aurora. Cada aula exigia dela posições novas que ela desconhecia. Eu ouvia João Gilberto, Carlinhos Lyra, e queria que Dona Aurora me desse aquelas músicas, eram acordes dissonantes que ela não sabia. Antes de sumir, Dona Aurora deixou-me um recado, que não tinha capacidade de acompanhar os reflexos daquele a quem ela chamava de *verdadeira mosca branca*, nem de me ensinar o que eu pedia. E que eu procurasse um mestre do instrumento.

02

O grande Mestre Paulinho Nogueira À Procura de um Estilo Próprio

Sempre sonhei alto. Havia três violonistas brasileiros a escolher. Dois deles, Baden Powell e Luís Bonfá, moravam no Rio de Janeiro. A distância os excluía, naturalmente. E desse primeiro time restava um, mais acessível, paulista radicado em São Paulo, e dava aulas. Aparecia de vez em quando em alguns programas de televisão. Não havia mais o que procurar, um mestre de nome pomposo, Paulo Arthur Mendes Pupo Nogueira, conhecido artisticamente por um nome tão simples quanto ele: Paulinho Nogueira. Foi com ele que me iniciei como violonista. Ele morava num modesto apartamento da Praça Marechal Deodoro. Parava na porta do prédio sempre uns dez minutos antes. Do lado tinha uma farmácia com um relógio enorme. Ficava seguindo aquele ponteiro dos minutos, esperando ele girar, girar. Quando dava um minuto para as duas, aí eu subia e batia na porta. Não queria perder nada da aula, e também não queria ser chato e chegar antes. Eu chegava sempre às duas em ponto! Era sempre uma grande emoção ir lá, ver o violão dele, como ele tirava as coisas. Na primeira aula, ele me passou o acompanhamento da música *Esse Seu Olhar*, e eu tinha de cantar. Na aula seguinte, levei a música no tom que ele me deu e em mais dois tons por minha conta. A partir daí, ele passou a me achar diferente dos outros alunos. É que sempre tive uma lógica muito grande para destrinchar o violão, uma lógica de raciocínio. Perceber como passar de um ponto do braço do violão para os outros tons toda a função de um acorde. Em uma ou duas aulas, achava qualquer acorde no violão. Por dedução prática, minha, visual e lógica. Eu conseguia visualizar o acorde e saber a localização dos intervalos. Sempre tive uma visão muito prática desse mecanismo do violão, das inversões do acorde. Até hoje, uma das coisas que faço melhor no violão é a digitação, que é a maneira de colocar os dedos e executar a mesma frase musical em pontos diferentes do braço do violão, até achar a mais sonora. Desde o início percebi com muita clareza que, quanto melhor fosse a digitação, mais limpo seria meu som.

Daí o Paulinho se surpreender na segunda aula, porque não havia condições para tanto raciocínio nem para o conhecimento de tirar um solo com o acorde. Outra coisa, eu perguntava tudo, não deixava passar nenhuma dúvida. Exigia os fundamentos de uma posição de dedo, a função de uma nota. Às vezes ele tinha até dificuldade em responder certo. E minha curiosidade não se limitava ao violão. Perguntava sobre músicas, autores, épocas. Valsas, choros, interessava-me por tudo. Jamais faltava às aulas nem me



atrasava. Ia com aquela ansiedade de aproveitar o máximo. Eu ficava raciocinando em cima daquilo que me era dado e transportava para outras músicas. Aproveitava a aula do Paulinho e me dava umas cinco aulas em função do que ele me passava. Depois, perguntava para ele tudo aquilo que tinha deduzido. Eu queria evoluir cada vez mais motivado pelo prazer de tocar violão.

Ao mesmo tempo, queria encontrar meu próprio estilo. Paulinho era um mestre dedicado, mas introvertido, uma postura sóbria, linear e rígida perante a vida. No violão, ele procurava um som puro usando a ponta dos dedos. Diferia das minhas características, humor expansivo, transparência de sentimentos, dinamismo existencial, em busca de um som vibrante saído de cordas

Toquinho (1961)

Paulinho Nogueira e Toquinho (Show no Colégio Rio Branco - 1963)



puxadas pela unha. Conscientes de nossas diferenças, ele fez com que eu percorresse caminhos diferentes e conhecesse outras pessoas. Quando sabia de algum lugar ou alguma reunião onde haveria gente tocando violão, indicava para que fosse, para que eu conhecesse outros violonistas. Mesmo assim, íamos juntos a muitas festas, e era natural a facilidade com que eu me entrosava com as pessoas. Foi Paulinho Nogueira quem me proporcionou essas primeiras aberturas que me levaram ao profissionalismo.

Eu vivia com o violão na mão. Ao entrar no banheiro com o violão, demorava lá, me esquecia que só tinha um na casa, local que eu considerava propício, inclusive pela acústica. Passava horas ouvindo João Gilberto, Carlos Lyra, Sérgio Ricardo, Sylvia Telles, Lúcio Alves, Dolores Duran...

Tentava solar *Deixa*, *Consolação*, *Samba da Bênção*, procurando desvendar os mistérios de Baden Powell. Passava manhãs inteiras com o violão, ouvindo discos do Baden, queria saber como ele fazia aquilo tudo, aqueles acordes, um som tão limpo. Instigava-me a vibração flamenca do Baden, e procurava deduzir e aplicar no próprio violão os movimentos dos dedos, o jeito de puxar as cordas tentando um som cada vez mais puro. Não me contentava com o que já sabia, queria aprender muito mais. Paulinho Nogueira me introduzira no universo do violão que compreende a descoberta da passagem do acompanhamento para o solo. Como fazer do acompanhamento um solo. De repente virei um solista de violão, e só. Faltava-me versatilidade para outras coisas.

Nos bailes de formatura animados pela orquestra Simonetti, em vez de dançar, ficava o tempo todo próximo da orquestra observando Edgar Gianullo *estraçalhar* a guitarra, fascinado pelas harmonias que ele fazia. Era daquilo que eu precisava, queria aprender todas aquelas inversões de acordes que só ele sabia fazer. Nos intervalos, eu tentava conversar. Ele desconversava; afinal, quem era o doido falando em acorde naquela hora? Eu não desistia. No baile seguinte, lá estava de novo sugando as harmonias do Edgard. Até que um dia, tentei: *Você não quer me dar algumas aulas?* A resposta veio direta: *O quê? Não, não dou aulas, não gosto de dar aulas!* Depois de muita insistência, Edgard concordou. Lembro-me da primeira vez que estive na casa dele. Cheguei lá, e ele me pediu para tocar alguma coisa. Comecei a tocar *Consolação*. Então, a mulher dele saiu da cozinha e veio para a sala, e ele falou para ela: *Você nunca parou pra me ouvir tocar, e agora corre aqui pra ouvir esse cara que está tomando aula comigo!* Então, eu disse a ele: *Vim aqui aprender aquilo que você sabe melhor do que todos: harmonizar com tantas inversões diferentes.*



03

O violão como Profissão Os Primeiros Shows

Eu já me apresentava em clubes, colégios e faculdades, tomando os primeiros contatos com o público. Além disso, a época facilitava a expansão dos talentos. Era a década de 1960 e o Brasil também se transformava. A voz da juventude soava forte e determinada, estimulada por um abrangente processo libertário. Surgia Brasília, até automóveis já produzíamos... Éramos campeões no futebol, no tênis, no atletismo, no basquete, no boxe. No cinema, Glauber Rocha revelava um impiedoso realismo. No teatro, consolidavam-se os grupos Oficina e Arena, levando aos palcos irreverentes contestações. A cultura e as artes se renovavam e a música vinha na frente de toda essa renovação. Em agosto de 1962, a Bossa Nova propiciava o jamais igualado encontro entre Vinicius de Moraes, Tom Jobim e João Gilberto acompanhados pelo conjunto Os Cariocas no palquinho da boate Au Bon Gourmet, no Rio de Janeiro. Em novembro do mesmo ano, o Carnegie Hall, de Nova York, aplaudia o despontar do talento de um bando de brasileiros: Tom Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Sérgio Ricardo, Caetano Zama, Luiz Bonfá, Agostinho dos Santos, conjunto de Oscar Neves, entre outros.

Eu ouvia no rádio um programa com Walter Santos e seu violão, e acompanhava os acontecimentos musicais ouvindo pela Rádio Bandeirantes o programa *O Pick-up do Pica-pau*. Seu apresentador, Walter Silva, tornara-se, em São Paulo, o maior divulgador da Bossa Nova. Nesse programa, eu ouvia João Gilberto, Carlos Lyra, Sérgio Ricardo, Maysa, Dolores Duran, Lúcio Alves. Walter Silva transferiu-se para a Record, levando junto, claro, *Pick-up do Pica-pau*. Apresentava também na TV Record o programa *Hully-Bossa*, uma competição musical. De um lado, organizados por Eliana Pittman, os que defendiam a descendência do rock, incluindo o *Hully-gully*, o *twist*, etc. Do outro lado, liderada por Walter Silva, a patota da Bossa Nova. Pois bem, foi nesse programa vespertino que eu fiz minha primeira aparição em televisão, tocando *Consolação*, de Baden e Vinicius. Conhecera Walter Silva na casa de Paulinho Nogueira, e este sugerira ao apresentador que me introduzisse no tal programa.

Eu passava, então, a fazer parte de um talentoso grupo de iniciantes, tais como Elis Regina, Zimbo Trio, Marcos Valle, Bossa Jazz Trio, Tayguara, Ivete, Tuca, Chico Buarque, Geraldo Cunha, entre outros. Por várias circunstâncias, Walter Silva soube como agrupar essa turma promissora, aproveitar e expandir seus talentos. Durante o ano de 1964, a Bossa Nova encontraria, aqui em São Paulo, um ninho acolhedor para se desenvolver: o Teatro Paramount.

Nele se renovaria o vigor da música popular brasileira em meio aos shows que foram acontecendo, e em seu palco nasceriam carreiras, entre as quais a minha. E Walter Silva tem tudo a ver com isso, transformando-se de simples divulgador a produtor e até diretor de alguns daqueles shows memoráveis. Num desses espetáculos, Tom Jobim foi homenageado. Quando entrou no palco foi recebido com 2 mil botões de rosa. Ele chorava, demorou um quinze minutos para começar a tocar e cantar. Merecia a homenagem. Havia regressado dos Estados Unidos onde estivera com Frank Sinatra, que se apaixonara por *Garota de Ipanema*, *Insensatez*, *Meditação*, elevando definitivamente a música brasileira ao primeiro patamar da qualidade internacional. Tudo isso fazia Tom crescer como ídolo daqueles que se iniciavam em suas carreiras musicais. Era o meu caso. Nessa noite, dei de cara pela primeira vez com Tom Jobim. Ele tinha acabado de entrar em cena, e eu sentia uma sensação fantástica em ficar observando-o de perto, da coxia. Quando ele saiu do palco, o Walter Silva me chamou: *Vem conhecer o Tom*. Ele estava num degrau acima. Dei a mão para ele, muito emocionado, e ele falou uma frase que nunca mais esqueci: *Ah, você é o do violão!* Fiquei supercontente, pois percebi que o Walter já havia falado de mim para ele, e esse momento tornou-se muito importante para mim. Mal podia imaginar que, treze anos depois, estaria dividindo o palco no Canecão do Rio de Janeiro com aquele mesmo Tom e mais Vinícius e mais Miúcha, num show que, de tão brilhante, se tornaria, até hoje, o mais duradouro daquela casa de espetáculos. Quem diria?

O primeiro cachê que recebi como profissional foi num show realizado em São José do Rio Preto, em 1964. Era um grupo de iniciantes e mais o Zimbo Trio e mais Oscar Castro Neves, Alaíde Costa, Paulinho Nogueira, Pedrinho Mattar Trio, todos em direção a Rio Preto para uma apresentação no Automóvel Clube de lá. O encontro para a partida foi marcado num posto de gasolina da Praça Júlio Mesquita, em frente ao Cine Metro. Iam chegando um por um,

"MENS SANA IN CORPORE SAMBA"

Campanha Pró Casas André Luiz

**Centro Acadêmico "Ruy Barbosa" da Escola de Educação Física do Estado de S. Paulo
Teatro Paramount - 16 Novembro - 21 Horas**

Os Amadores de Bossa Nova

*

- I Parte -

Toquinho
Taiguara
Maria Lúcia
Chico Buarque
Ivete
Tuca
Solano Ribeiro
Sérgio Augusto
Bossa Jazz Trio
Bossatão-Roberta Faro
Os Poligonais

- II Parte -

Show da Baile Zem-Zem do Rio de Janeiro, estrelado
SILVIA TELLES

Conj. Roberto Menescal

Oscar Castro Neves

Productor - Diretor
Walter Silva



INGRESSOS

* Floricultura Dora, ao lado do Cine República * Eletroarte, Rua Augusta
* Agência Dinucci, Av. São João ao lado do Cine Rivoli
Escola de Educação Física (Ginásio do Ibirapuera) - Som RGE

Cartaz do Show no Teatro Paramount (1965)

bem dispostos, malinha na mão e sorridentes. Eu via essa viagem como um marco real, uma passagem para outro estágio de atividade. Eu sentia dali o primeiro passo concreto para o profissionalismo. Nem dormi direito na noite da véspera. Eu era um amador, percebia a grande responsabilidade, mas tinha certeza que eu entraria sabendo fazer a coisa. Sempre tive muita confiança nisso, vivia só o prazer, não o peso da responsabilidade. Sentia uma enorme vontade de atuar, de mostrar que eu já tocava a ponto de solar e continuar a participar dos *shows* com aqueles profissionais. Foi um dia especialíssimo para mim, lembro-me de cada detalhe, da chegada do Oscar Castro Neves, de estar acompanhado do meu professor Paulinho Nogueira, ao lado de Alaíde Costa. Durante a viagem eu mudava de lugar no ônibus, ia me sentar com um, com outro. Era uma euforia total, fantástica. Esse dia, para mim, não só por ser amador e tocar junto com profissionais, ou por receber o primeiro cachê da minha vida, à parte tudo isso, esse dia representa claramente uma divisão, o início de outra etapa existencial, mesmo. Eu me via tomado por uma incrível sensação de vida. Uma energia de começo de carreira. Foi exatamente o que esse show significou.

Na partida do ônibus, claro que lá estavam Seu Antônio e Dona Diva, como duas sentinelas alertas, parados na calçada, a seguir o ônibus até ele dobrar a última esquina. Tanto que a maior vedete dessa viagem foi minha mala. Nem pela arrumação impecável de Dona Diva, mas pelo conteúdo dela. E incrível como aquilo – que poderia ter sido motivo de chacotas – foi-se revelando como provisão adequada. Alguém precisava de uma faca, era só procurar na mala do Toquinho. Remédio para enjoos, gases, dor de cabeça, e encontrava-se nela. Esparadrapo, merthiolate, algodão, tudo nela continha. Até que, numa determinada parada, alguém saiu correndo rumo ao banheiro e voltou mais depressa ainda no encalço do papel, coisa rara em banheiros de estrada. Quando frio, tentou a derradeira esperança: *Toquinho, você tem aí papel higiênico?* E não é que tinha! Já no hotel, em Rio Preto, Walter Silva entrou no meu quarto e me comunicou, sem rodeios: *Você abre o show. E com o palco no escuro.*

Eu comecei a tocar *Marcha da Quarta-feira de Cinzas*. O solo do violão invadia o silêncio da plateia atenta. Depois vieram os aplausos e a curiosidade: quem seria aquele violonista? As luzes me mostravam e o locutor anunciava: *Ouviram o violão de Toquinho.* Minha presença tornou-se constante nos *shows* subsequentes produzidos por Walter Silva, que entraram pelo ano de 1965, transformando-se inclusive em programa da TV Tupi, Canal 3, sob o nome de *BO65*.



Paramount

WALTER SILVA

APRESENTA

"BO65"

WALTER SILV

— APRESENTA —

04

A Amizade com Oscar Castro Neves
O Despertar do Compositor
As Primeiras Peças Teatrais
O Primeiro Disco



Participando desses espetáculos, eu evoluía. Esses *shows* possibilitaram-me a aproximação com Oscar Castro Neves, pessoa fundamental no desenvolvimento de minha estrutura musical. Oscar e eu ficamos muito amigos. Queríamos as mesmas coisas: tocar, improvisar, aprender cada vez mais. Nosso maior prazer era tocar violão! Então, eu ficava **sugando** literalmente tudo que o Oscar fazia no violão que pudesse representar aprendizado para mim, tanto que passaram a me chamar de *Roley Flex*. Eu havia me empolgado com o que aprendera do Edgard Gianullo e me excedia nas harmonias quando acompanhava alguém como Sylvinha Telles, Alaíde Costa, Wilson Miranda, no *BO65*. Em cada frase fazia vários acordes, exagerava, e sentia que necessitava de um equilíbrio. O contato com Oscar me fez entender que ele era um misto de Paulinho Nogueira e Edgard, representando a sensatez dessa mistura. Comecei a perceber que, em certos trechos, não precisava fazer tudo o que fazia. Mudou a minha noção de violão, pois a concepção de acompanhamento do Oscar trazia o bom gosto extraído da Bossa Nova, possuindo já uma grande experiência musical. Passei a conjugar essa noção de equilíbrio a uma coisa que eu tinha, e ele não: a técnica de solar. Eu tirava do violão um som mais puro.

Ainda em 1964, estreava no Teatro Maria Della Costa o musical *Balanço de Orfeu*, produzido e dirigido por Luiz Carlos Vergueiro, que me incluíra no elenco. O espetáculo se constituía de duas partes distintas: a de fundo, uma condensação de *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, adaptada por Vergueiro. Entre outros, participavam Raul Cortez narrando, Agostinho dos Santos cantando. Eu estava na primeira parte, independente dessa segunda, intitulada *Na Onda do Balanço*. Essa parte culminava com a canção *Tem Mais Samba*, especialmente criada por Chico Buarque para o encerramento. Fui eu quem levou Chico até Luiz Vergueiro, que procurava alguém que fizesse a música final da parte que abria o *show*, exaltando o samba e o ritmo brasileiro.

Foi nessa fase que surgiu minha primeira composição. Eu estava com uma das quatro moças que dançavam na segunda parte do *show*. Chamava-se Vera. Por sua vez, Chico passava quase todas as noites no teatro pelo gostinho de ouvir sua música. Às vezes esticava a noite com a gente. Num dos jantares na casa do diretor, enquanto eu tocava uma música, Chico aproveitava o embalo e, brincando com a moça, inventava versos com rimas em *era*: *Linda noite que te espera, oh, Vera / Quisera abrir janelas, fazer serão...* As rimas em *era* foram

Grupo da peça “Balanço de Orfeu”
Da esquerda para a direita: Rosely, Tayguara, Toquinho, Cláudia Genari e Thomas Lee

mantidas em respeito à inspiradora. Assim nasceu minha primeira melodia a receber uma letra, e de Chico Buarque. É a canção *Lua cheia*, que seria, dois anos depois, em 1967, minha primeira canção gravada em disco, no LP da RGE, *Chico Buarque de Holanda – volume 2*.

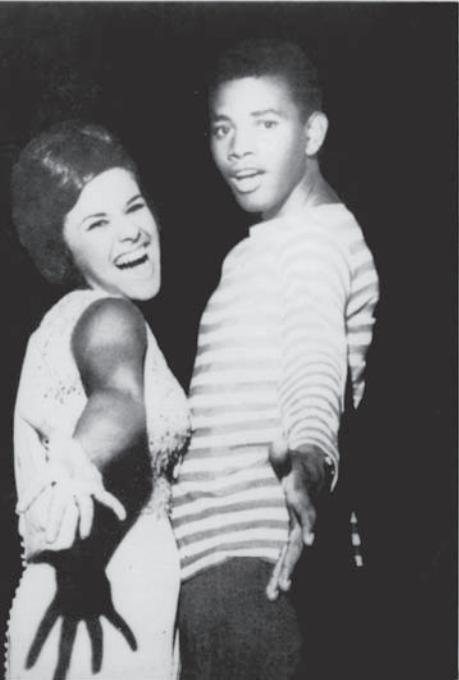
Aí, então, comecei a me interessar em compor. Já dominava o violão, então precisava compor! Não queria ser apenas um instrumentista. Concebía meu caminho e partia em direção a ele. Daí, passei a tentar fazer músicas. Em meio a essas deduções, topei com um desafio. A peça *Liberdade, Liberdade* havia terminado sua temporada no Rio de Janeiro, com Paulo Autran, Theresa Raquel, Oduvaldo Vianna Filho e Nara Leão, sob a direção de Flávio Rangel. Na direção musical, Oscar Castro Neves. Não podendo vir para São Paulo com a peça, Oscar me ligou perguntando se tinha condições de fazer a direção musical. Respondi que sim, sem titubear. Eu achava que era capaz de fazer tudo, confiava na garra e na intuição musical. Enfrentei dificuldades enormes, pois nunca fizera nada que se assemelhasse à direção musical. Escrever para flauta, bateria, e ainda tive de fazer testes com cantoras, porque a Nara também não pôde vir para São Paulo. Nesse ponto dei sorte: o Marcos Lázaro apareceu com uma menina de 17 anos vinda de Juiz de Fora. Foi só ela abrir a boca para cantar, e aprovei na hora. Era Cláudia, já esbanjando voz e afinação. Enfim, fiz a direção musical da peça no peito e na raça, sem saber escrever música, sem saber nada. O Oscar achou tudo ótimo. Fiz a direção musical durante os dois meses que a peça ficou em cartaz aqui em São Paulo, no Teatro Maria Della Costa. *Liberdade, Liberdade* foi o primeiro espetáculo de protesto contra o golpe de 1964. Depois de São Paulo, seguiu temporada para todo o Brasil, desde Porto Alegre até João Pessoa, quando foi proibido em todo o Norte do país.

Minha segunda experiência de palco foi na Boate Ela, Cravo e Canela, na rua Major Sertório. Era uma microrrevista musical, *Esse Mundo é Meu*, escrita e dirigida pelo teatrólogo Chico de Assis, que tinha Sérgio Ricardo como principal atração. Eu no violão e Manini no atabaque completávamos o trio. Quando fui apresentado ao Chico de Assis, ele ficou com um pouco de receio de me incluir no show. Segundo ele, eu parecia um congregado mariano, de terno azul-marinho, camisa branca, gravata, meia branca... Não sabia como fazer para eu participar de um show maluco como aquele.

Toquinho: Foto para o 1º disco (1966)



elis regina e jair rodrigues

The cover of the album 'na bossa'. At the top is a large, stylized number '2'. Below it is a white flower icon. The title 'na bossa' is written in large, bold, lowercase letters. Below the title, the text reads "'show' gravado ao vivo no teatro paramount - são paulo". On the right side of the cover, there is a handwritten note from Elis to Toninho. The note says:

Toninho
Nunca esqueça que
"você é responsável..."
Um abraço
Elis Regina junho 1965

Então já foi me falando: *Muito bem, quem trabalha comigo canta, dança, faz o diabo.* Aí, respondi: *Eu não! Eu sou violonista!* Ninguém é só violonista. *Todo mundo faz tudo,* ele encerrou a questão. Fiquei sisudão no primeiro dia, um pouco menos no segundo, e a partir do terceiro, quarto dia, foi desabrochando em mim um cara de pau que eu tinha escondido lá dentro, e que foi uma grata revelação no show. Porque eu e o Manini acabamos por participar integralmente, cantando, falando e foi muito legal. Então, eu começava a viver o outro lado da profissão, o lado da cena, da interpretação. Foi muito divertido trabalhar ao lado de Manini e Sérgio Ricardo. *Esse Mundo é Meu* se caracterizou como um show dos tempos calados, quando não se podia falar nada e se procurava dizer por meio de formas alternativas. Entre músicas e histórias adequadas, liam-se notícias de jornais procurando traduzir a maluca realidade da época. Além da temporada na boate, o show ficou algum tempo no Teatro de Arena, sempre lotado, e ainda foi apresentado em várias cidades do interior.

Dedicatória de Elis para Toquinho

Em 1966 senti a emoção de gravar meu primeiro disco, um LP instrumental lançado pela gravadora Fermata, cujo título é *O Violão de Toquinho*. Na capa do LP, eu em várias posições, num impecável *smoking*, cabelo rigorosamente assentado, único foco de luz incidindo no rosto, nas mãos e no instrumento. Gravei treze músicas, acompanhado pelo órgão de Ely Arcoverde, pela flauta de Thommas Lee e pela bateria de José Roberto Marco Antonio. No repertório tem Vinicius de Moraes, Carlos Lyra, Edu Lobo, Oscar Castro Neves, Geraldo Vandré, Adylson Godoy, Chico Buarque e até uma peça de Bach, *Allemande*, num arranjo meu. Esse disco contém uma raridade: a canção *Triste Amor que Vai Morrer*, a única gravação de uma composição de Elis Regina. Nessa época cresceu uma amizade muito grande entre mim e Elis, viramos até confidentes um do outro. Eu tinha 19 anos, convivendo com muitas indefinições, e a Elis – apesar de um ano e pouco mais do que eu – tinha uma vivência maior que a minha, na época. Assim mesmo, demonstrava uma instabilidade emocional muito grande. Ia da alegria à tristeza num estalar de dedos. No fundo, era uma pessoa carente de afeto e de atenção, e com uma energia absolutamente fora do comum, dotada de uma musicalidade estrondosa que eu nunca vi em nenhuma outra cantora.

Quando começamos nossa relação de amizade, ela acabava de *estourar* e fazia *O Fino da Bossa*. Passou a frequentar minha casa, era um reboliço na rua. Era começo de carreira e ela encontrava lá em casa um pouco do lado familiar do qual carecia. Aquele afeto e carinho corriqueiro, a comidinha boa, cercada sempre de muita atenção. Chegou a dormir algumas vezes lá, numa salinha da frente onde armava-se uma cama. Acontece que fui me envolvendo com a Elis, de uma forma até ingênua, talvez até inconsciente. E ela aproveitava essa minha fragilidade, essa minha guarda aberta, e agia de forma a me seduzir. Um dia me deu *O Pequeno Príncipe* para eu ler, e na dedicatória sugeria nas entrelinhas que estava a fim de me namorar. Mas deixava tudo meio indefinido, e eu, infantilmente, ia sendo induzido a vislumbrar possibilidades. Falava comigo por telefone durante horas, sempre se referindo a uma pessoa que ela estava começando a curtir e que não dava bola para ela. Na minha cabeça, essa pessoa podia ser perfeitamente eu. Minhas fantasias se multiplicavam. Até que um dia me disse que gostava do cara de verdade e ia revelar tudo a ele, e me falou o nome dele, que também era músico, mas, claro, não era eu. Tive uma enorme decepção. Agora, eu não sei até que ponto ela tentava realmente me seduzir, ou se era tudo fruto de minha imaginação.

05 O Rio de Janeiro e Baden Powell O Programa Ensaio Geral da TV Excelsior O Acidente com o Irmão

Depois desse meu primeiro LP, passei um tempo no Rio de Janeiro, onde acabei morando num lugar fantástico, na época: o Solar da Paz (ou da Fossa). Lá residiam Paulinho da Viola, Caetano Veloso, Dedé, Gal Costa, Sérgio Ricardo, Ítala Nandi e muitos outros artistas da música e do teatro. Era um enorme casarão comunitário, com jardins, corredores largos, pátios internos e quartos enormes. Depois cheguei a morar na Visconde de Pirajá, rua em que havia uma gravadora onde eu gravava uns *jingles* para me virar e me manter. Muitas vezes, sem grana, comia ovo cozido e bebia guaraná, só para encher o estômago. Um tempo de dureza, mas do qual aproveitei bastante.

Conheci o Baden mais de perto e ficava *sugando* as coisas dele, comecei a conviver com esse grande violonista, que era outro mundo, outra história. O mais simples de todos, simples demais. Harmonizava o mínimo necessário, um gênio do ritmo, no impulso, na linha afro. Comecei a tocar com ele o tempo inteiro, e ele me ensinando uma série de coisas, segredos da mão direita, e ele gostava muito de mim porque eu tocava muito parecido com ele. Gostava do jeito que ele fazia o acorde, como ele harmonizava. Eu me identificava com o Baden, a música dele tem aquela coisa africana, vulcânica, que retrata a personalidade dele. O Baden não é um cara tranquilo, harmonioso, doce. A música dele não é comportada, é explosiva, dilacerante.

Eu absorvi um pouco esse som do Baden, que é muito limpo e forte. Ao mesmo tempo perdi certa doçura do Paulinho Nogueira. A pessoa toca como é. Sempre fui alguém sociável e procurava essa extroversão no violão, ser para fora, alegre, fazer a música com emoção. Contribuiu para isso esse tempo que passei no Rio, numa época privilegiada e tranquila. As amizades que fiz lá foram importantes na minha formação musical. No retorno a São Paulo, assinei um contrato com a Excelsior para um programa na TV chamado *Ensaio Geral*, comandado pelo Gilberto Gil, no qual se apresentavam vários artistas, e eu fazia parte desse grupo com Geraldo Vandré, Tuca, Paulinho Nogueira, Cláudia, Jacob do Bandolim, Cyro Monteiro, Sérgio Ricardo, Marília Medalha, Nanna Caymmi, Maria Bethânia, Sidney Miller, Caetano Veloso, que cantou pela primeira vez, talvez, em TV, nesse programa, e eu o acompanhei. Ficamos muito amigos nessa ocasião. Fazíamos programa todas as semanas com a orquestra da TV Excelsior. Com isso, adquiri uma boa experiência de televisão. Participando do 3º Festival da Canção Popular

concorri de parceria com Vitor Martins com *Belinha*, cantada por Wilson Simonal, desclassificada, porém, na apresentação inicial. Foi minha primeira música que ouvi tocada no rádio. Valeu, pelo menos por essa emoção.

Outra vez no Rio de Janeiro, fiquei morando na casa do Oscar Castro Neves. Assim, aprendi ainda mais com ele, que foi sempre um grande amigo. Ele morava na rua Barão de Jaguaribe, num prédio antigo, no térreo, parecia uma casinha de chocolate. Trabalhava muito e era um autêntico solteiro: pouca coisa na geladeira, uma empregada que arrumava as coisas dele, e eu dormia no sofá da sala, o que não era nenhum sacrifício. Ao contrário, era um prazer enorme e uma curtição. Porque as pessoas que frequentavam naquela época a casa do Oscar eram grandes músicos, grandes figuras da música e do Rio: Aloysio de Oliveira, Ronaldo Bôscoli, Billy Blanco. O Oscar fazia arranjos para discos de quase todos os cantores e dirigia *shows*. O Aloysio de Oliveira só trabalhava com o Oscar, que era o diretor musical do Quarteto em Cy. Então, tudo que aprendi de vocalização, de harmonização de vozes, de orquestração, começou com ele. Eu via todos os ensaios que ele fazia com o Quarteto. E não tinha outro jeito porque as pessoas chegavam e já estavam no *meu quarto*, que era a sala. Eu ficava de olho em tudo o que ele fazia. E mais: a gente estudava juntos, ele me mostrava seus estudos sobre Stravinsky, e ficávamos curtindo no piano e no violão. Foi uma época genial. Nessa ocasião, ele dirigia um *show* da Nara Leão no Teatro de Bolso, na Praça General Osório, em Ipanema. Ela fazia muito sucesso naquele teatrinho sempre lotado. E o Oscar tocava violão acompanhando a Nara, acompanhado por um conjunto vocal do qual fazia parte Zé Rodrix. Aconteceu que o Oscar não pôde continuar e pediu que eu o substituisse. O *show* era uma graça, e além de acompanhar a Nara, fui ganhando espaço no espetáculo, solando algumas músicas. Acabei fazendo o maior sucesso, teve um dia que toquei 10 músicas, um *bis* atrás do outro. Eu vivia, então, um momento estimulador muito importante para mim.

E foi justamente nesse ponto de minha carreira que a vida resolveu traçar no caminho a linha do sofrimento. Numa viagem de automóvel de São Paulo ao Rio de Janeiro, meu irmão sofreu um acidente de automóvel e ficou paraplégico. Quando recebi a notícia do ocorrido, peguei um avião à noite, logo em seguida, e vim para São Paulo. Nem me lembro se teve *show*. Aí, foi o início de uma fase difícil, uma barra muito pesada para mim e para

toda a família. João estava sempre presente, seguindo de perto minha trajetória. Sempre fomos, além de irmãos, participantes ativos, um da existência do outro. Era muito difícilvê-lo naquele estado de paralisia quase que total, mas eu devia seguir. Sentia também que o que mais ele queria é não se constituir num entrave para a continuidade de minha carreira. Então passei a agir como ele queria que todas as pessoas se comportassem, que prosseguissem indo ao encontro da vida, procurando resgatar dela muito mais. Foi o que fiz, muitas vezes com o coração em frangalhos porvê-lo paralítico.

Amenizava essa situação o fato de que tínhamos grandes amigos ao nosso redor. Na semana seguinte ao acidente, eu não fui ao Rio, mas o *show* da Nara estava em pleno sucesso e não podia parar. E ninguém mais que o Paulinho Nogueira se ofereceu, humildemente, para me substituir num espetáculo no qual eu era muito mais acompanhante que solista. O Paulinho foi para o Rio, ficou duas semanas trabalhando no meu lugar, solando, acompanhando, foi de uma gentileza, um amor, uma coisa inesquecível. Retomei o trabalho na terceira semana. Quando fui receber, percebi que a gentileza do Paulinho se estendia ainda mais. Pagaram-me um dinheiro referente a três semanas, por aquela que eu havia trabalhado no meu retorno e pelas duas em que o Paulinho me substituíra. Ele deixou o cachê para mim, sabendo do acidente de meu irmão e que eu ia precisar daquele dinheiro, o que ocorreu de fato. Esse gesto demonstra toda a generosidade e o despojamento da alma desse amigo inesquecível.

06

Parcerias: Paulo Vanzolini e Jorge Ben Jor A Europa pela Primeira Vez

Nesse período, eu estava ávido para compor com alguém, era o que mais tinha vontade de fazer. Em São Paulo, eu ia muito ao Jogral, do Carlos Paraná, um bar no começo da rua Augusta, para curtir a roda de boêmios que lá se reuniam. Um deles era Paulo Vanzolini, autor de tantas composições como *Ronda*, *Volta por Cima*, *Praça Clovis*, *Samba Erudito*. Pois, numa noite, lá no Jogral, ele me deu a oportunidade de ser seu parceiro. Chegou para mim e escreveu em um papelzinho duas estrofes. Fiquei com aquele papel, e demorei para fazer a música. Para mim, criar uma melodia para uma letra já pronta é um grande desafio. Eu me obrigo a achar uma melodia que tenha uma força própria, parecendo que foi feita independente da letra. Que possa dar, para quem ouve, a impressão contrária, de que a letra foi feita para aquela melodia. Não é fácil musicar uma letra com essa intenção e atingir esse resultado. Requer muito trabalho e dedicação. Cada palavra tem um som dela própria, e tem-se que descobri-lo. Por isso, foi muito trabalhoso achar uma linha melódica natural para *Boca da Noite*. Inicialmente, a música tinha apenas duas estrofes e o refrão. Ao ser inscrita no 3º Festival Internacional da Canção Popular, Vanzolini acrescentou mais uma estrofe. Interpretada por Ivete e o conjunto vocal Canto 4, *Boca da Noite* classificou-se para a finalíssima da fase nacional, ficando em 8º lugar.

Em 1968, eu fui pela primeira vez para a Itália fazer arranjos de base para um disco que o Chico Buarque ia gravar com Ennio Morricone, grande maestro. Ficava no estúdio, orientava-o nas gravações, uma espécie de produtor executivo. Fazia o violão, harmonizava as músicas. Lembro-me dessa viagem de uma forma especial. A Europa pela primeira vez, cruzar o oceano, uma sensação fantástica! Para mim foi uma abertura admirável numa hora certa, tinha 22 anos e me sentia privilegiado com aquilo tudo. Quando chegamos a Roma, logo identifiquei-me inteiramente com a cidade. Lembro-me da primeira volta que dei pela cidade, acompanhado pelo Bardotti. Diante do Coliseu, a vontade que tinha era que todos os meus amigos estivessem comigo, meu irmão, meu pai, minha mãe. A sensação era essa. *Por que só eu desfrutando disso?*, eu me perguntava. E Roma me revelava uma luz incrível. À noite, aquela cidade assume uma vida fantástica. Parece que durante o dia os monumentos dormem e à noite eles despertam. A luz de Roma é algo indescritível. Grande cidade que me golpeou de uma forma total, no bom sentido. Paixão à primeira vista, e é até hoje a cidade da Europa com a qual mais me identifico e que mais amo. Foi Roma que provocou em mim

situações absolutamente inesquecíveis. Mais que a fotografia da memória, fica o perfume da atmosfera daqueles dias e momentos. Quer dizer, eu sei o que é, sinto isso, mas não dá para explicar falando.

Ao retornar, encontrei um Brasil ainda mais oprimido pelo regime militar. Mesmo assim, a gente ainda arrumava um jeito para driblar a situação. Eu tinha uma namorada, a Carolina. E o Jorge Ben Jor começou a namorar a prima dela. Saímos pela madrugada, íamos com frequência ao Patachou, um restaurante da rua Augusta que ficava aberto até bem tarde. Muita gente ia comer lá, Baden, Caetano, Gal, Vandré, Fernando Faro, tocava-se violão, era muito agradável. Criou-se então uma amizade maior entre mim e o Jorge. Na casa dessa minha namorada, a Carolina, nós ficávamos comendo pão de queijo e tocando violão. Ele, que nunca tinha sido parceiro de ninguém, um dia me mostrou um tema musical, e fizemos uma música, que foi *Que Maravilha*. Ele me mostrou a primeira parte. Desenvolvemos o restante do tema, e eu fiz a letra da segunda parte. Inscrevemos a música num programa da TV Tupi, um concurso mensal chamado Feira da Música Popular Brasileira, e a música foi classificada em 1º lugar. Gravamos *Que Maravilha* e foi realmente a primeira música minha que fez um grande sucesso. Entrou nas paradas, foi muito tocada no rádio, as pessoas cantavam na rua. Do outro lado do disco tinha *Carolina, Carol Bela*, uma canção também feita por nós. O Jorge Ben Jor é uma pessoa muito especial, meu amigo até hoje. Tem uma marcante força intuitiva, rítmica e poética.

A boa classificação de *Boca da Noite* no Festival Internacional e o surgimento vitorioso de *Que Maravilha* fizeram com que eu começasse a ganhar destaque como compositor. Nessa época, primeiro semestre de 1969, para marcar o lançamento de *Que Maravilha*, resolvemos fazer um show dirigido pelo Fernando Faro. O espetáculo chamou-se *Que Maravilha* e foi apresentado no Teatro Cacilda Becker. Além de mim, participavam Paulinho da Viola, Aracy de Almeida e Jorge Ben Jor. Um time, portanto, pra ninguém botar defeito, capaz de chamar, como se esperava, um grande público. Ao contrário: o show foi um fracasso total, ninguém foi ver. Numa noite chegamos a atuar para 20 pessoas pagantes. Era triste, mas mesmo trabalhando para pouca gente fazíamos daquilo uma curtição. Quanto ao fracasso, foi um erro de época. Por questão de um ano e meio, e teríamos tido um grande público, pois contariamos com o sucesso de *País Tropical*, do Jorge Ben Jor, da própria *Que Maravilha* e de *Um Rio que Passou em Minha Vida* do Paulinho da Viola. E eu mesmo que começava a fazer sucesso com Vinicius...

07

Chico Buarque: o Grande Amigo A Itália em 1969

Por essa época, com a decretação do AI-5, a repressão tornou-se mais violenta provocando a perseguição de tantos brasileiros. Havia uma tensão geral, principalmente nos setores cultural e artístico. Parecia que queriam decapitar todas as cabeças que pensavam com mais liberdade e discernimento. Alguns sumiam, sem paradeiro revelado; muitos passavam por prisões torturantes, outros eram forçados, ou iam por si mesmos, à procura de um exílio. Era o caso de Chico Buarque, que havia participado da famosa passeata do Rio e fora proibido pelos militares de sair do País. Desobedeceu, foi para a Itália, e não podia voltar. Em reação a tudo isso, levantava-se uma onda de tropicalismo descontrolado, não se sabia que rumo a música ia tomar. E em meio a todas essas indefinições, inclusive pessoais, o Chico me chamou, de Roma, para trabalhar com ele numa temporada de vários *shows*. Lembro-me até do telegrama: *PREPARE PASSAPORTE MALA SACO VIOLÃO FICANDO PRONTO PARA NOSSA CHAMADA BREVE*.

Um fato de destaque na minha vida e na minha carreira é, sem dúvida, a convivência com Chico Buarque. Nossa amizade se iniciou muito antes daqueles *shows* produzidos pelo Walter Silva no Teatro Paramount. Nós nos conhecemos em São Paulo, em festas na casa de amigos. Carregávamos a indiferença pelos compromissos e as improvisações da juventude. Muitas vezes passávamos as madrugadas no Sand Churra's da Galeria Metrópole e comemorávamos a aurora com média e pão e manteiga na padaria da esquina da Consolação com a Paulista, depois das serenatas às namoradas. O Chico ainda não era o Chico, era o *Carioca*, que surgia com seu acanhamento e seu violão em clubes e faculdades, cantando músicas que as pessoas não conheciam, mas que pediam *bis* quando ele terminava. Estávamos sempre no Sambafo, um barzinho da região do Mackenzie e da FAU. Ele me chamava de *Penteado*, porque eu me mantinha bem-comportado, penteadinho, arrumado, e não bebia! Eu só me preocupava em tocar violão, tocar cada vez melhor, e me mantinha afastado do ambiente estudantil. Chico já era um compositor participante, fazia letras de cunho social e político, muito mais engajado do que eu, na época. Ia frequentemente à casa dele, na rua Buri, no Pacaembu, e acabávamos tocando violão naquela biblioteca majestosa do pai dele. Tinha dias que o Chico me falava: *Sabe quem esteve aqui na semana passada? O Vinicius de Moraes.* Começávamos então a viajar pela fantasia de um dia poder conhecer mais de perto aqueles grandes

mitos que na época eram inatingíveis para a gente: o Vinicius, o Tom, o João Gilberto... Antes mesmo de gravarmos nossos discos em LP, tivemos nossos primeiros compactos gravados e lançados pela RGE na mesma época. Gravei ao vivo num dos *shows* do Paramount. De um lado, *Só Tinha de Ser com Você*, de Jobim e Aloysio de Oliveira; e do outro lado, *Primavera*, de Lyra e Vinicius. Enquanto Chico gravava *Pedro Pedreiro e Sonho de Carnaval* num estúdiozinho de locução do tamanho de uma mesa, sentado em cima da própria, um microfone para a voz, outro para o violão. Foram prensados 500 discos de cada, e mais nada!

Foi com Chico que aprendi a valorizar a forma mais simples dos compositores antigos, ligar-me também em Ismael Silva, Lamartine Babo, Noel Rosa. Certa vez, o Chico me convenceu a fazer com ele uma série de *shows*, *A Banda* havia vencido o 2º Festival da Canção Popular da Record, fazia um enorme sucesso e ele estava sendo solicitado para se apresentar em muitos lugares. Começamos a viajar por todos os cantos do Brasil enfrentando situações pitorescas. Uma vez fomos para Patos de Minas nos apresentar numa festa tipo Rodeio, coisa estranhíssima. Era ele, eu e violão. E só, mais nada! Sei que o Chico começou a cantar e tinha um microfone ligado no meu violão e outro na voz dele. Dois microfones antigos, um som horrível. E logo constatamos que o meu microfone estava ligado na rádio da cidade, e o dele, conectado no local do *show*. Então, quem ouvia a voz dele, lá no Rodeio, não escutava meu violão. E quem ouvia meu violão, no rádio, não pegava a voz dele. Para se ouvir tudo do *show*, voz e violão, era preciso ficar com um radinho sintonizado na rádio que transmitia meu violão, e estar no local do *show* para ouvir a voz do Chico. Além de tudo, era a festa do milho. Jogavam milho na gente, não agressivamente, mas de forma carinhosa. Meu violão ficou cheio de milho dentro, e era superestrano aquele milho batendo no violão, entrando pelo buraquinho. Houve outras ocasiões muito engraçadas nessas viagens que nos levaram a cruzar o Brasil todo. Chico era um verdadeiro ídolo naquela época.

Por tudo isso, eu não podia deixar de atender ao chamado daquele telegrama de maio de 1969. Foi-me arrumada uma passagem, paga pelo Lebendeger, presidente da RGE. Chegando a Roma, não tinha *show* nenhum, e ainda dei um dinheiro para o Chico saldar umas dívidas. Estávamos sem dinheiro, e ele me levou para um hotel onde o Vinicius de Moraes havia ficado até um mês antes, enquanto esteve por lá. Era o Hotel San Rafael, perto da Piazza Navona.

Quando pedimos a conta para deixar o hotel, era uma coisa astronômica. Não tínhamos dinheiro quase nem para comer... Então, o Chico teve de pedir um adiantamento para o Lebendeger, e fui obrigado a ficar mais alguns dias no hotel. Então, fui morar num apartamento alugado, lindo, em frente ao Pantheon, o lado mais velho de Roma. O apartamento era *duplex*, todo mobiliado e carpetado, com um estúdio bacana à beça, e eu sentia um orgulho enorme ao ver meu nome na lista telefônica: PECCI, ANTÔNIO MAESTRO FILHO.

O mais difícil era conviver com a solidão de alguns momentos. Lembro de uma música que fiz numa noite dessas. A letra dizia: *Aqui vejo a noite passar sem surpresa / Me sento na mesa, me dão de beber / E fico a sonhar como quem não partiu. / Amores, lembranças, amigos do peito / Vieram de um jeito / Não posso afastar. / Nem com os mais lindos / Recantos e encantos/ Dos cantos das noites / De um outro lugar. / A falta que veio / A passeio comigo / Não é só da amada, / Do irmão ou amigo. / Eu fico a sonhar como quem não partiu / Com tudo de bom / Com tudo de mal / Que saudade do meu Brasil.* Era uma noite em que me dava mesmo uma vontade de me sentar num banco verde do quintal de minha casa, onde meu papai ouvia o jogo aos domingos, e ficar tocando violão sem saber nada da vida, sem querer nada. Mas eu estava em Roma, e sozinho, numa madrugada, vendo o Pantheon no maior silêncio e imponência, com todos os séculos nas costas. Ouvia-se o barulho da fonte em frente, e, ao longe, as vozes dos motoristas dos táxis parados, conversando lá na praça...

Tinha sido penoso decidir ficar ao lado do amigo e longe da família, num momento tão difícil para ambos os lados. O que me segurava em Roma é que, quando recebia carta do meu irmão, percebia uma série de coisas boas, que havia melhoras no estado dele, não importando se pouca ou muita, o fato é que ele progredia em sua reabilitação. Era um dos motivos que me sustentavam em Roma.

Chico morava numa cobertura, na Via Gregório VII, cujo salão de cima vivia sendo transformado num campo de futebol onde as traves eram duas cadeiras normais, e em seus espaços devia passar uma bola de futebol tamanho oficial para se concretizar o gol. Jogávamos horas seguidas naquele salão, inventando situações as mais inusitadas. Eu representava os times de São Paulo, e o Chico, os do Rio. Parávamos quando já estava escuro e não dava para se ver nada.

No Trastevere, o bairro da velha Roma, moravam muitos brasileiros que haviam escolhido aquela cidade para escapar da repressão no Brasil. Um dia, fui a um



apartamento situado na Piazza di Santa Maria, uma praça onde se concentravam artistas amadores. Ficavam pintando, trabalhando, tocando músicas, angariando algum dinheiro dos transeuntes daquela praça. Subindo ao apartamento, encontrei um grupo de brasileiros às voltas com uma brincadeira de prendas: várias duplas se defrontavam num desafio de habilidades mímicas ou intelectuais. A dupla perdedora recebia um castigo com a obrigação de ser cumprido à risca. Eu fazia dupla com Glauber Rocha, e fomos derrotados. E lá fomos os dois para a praça cumprir o castigo recebido: eu tocava violão enquanto Glauber passava o pires para as pessoas que paravam. Comecei a tocar uma peça de Bach, novidade para as pessoas daquela praça, acostumadas com sons mais amadores. Então as pessoas começaram a se aproximar, depositando as liras no pires de Glauber. Formou-se uma grande roda, uns já pedindo a outros que calassem a boca para melhor se ouvir o som daquele violão. Era muita gente e as liras já não cabiam no pires. Até que dois

Toquinho e Chico Buarque na Itália (1969)

policiais acabaram com a seriedade daquela brincadeira, carregando nós dois para a viatura, rumo à delegacia. Era proibidíssimo provocar aglomeração de pessoas em praça pública por prevenção ao tráfico de drogas. Durante o trajeto, conseguimos explicar e nos identificar, sendo soltos depois de duas esquinas. Voltamos a pé, gargalhando de nós mesmos e contando as liras que conseguimos ganhar tão inesperadamente.

Chico e eu tivemos muitas vezes de comer o pão que o diabo amassou no prosseguimento de nossos objetivos artísticos, nem sempre animadores, tendo mesmo de aceitar qualquer tipo de convite. Certa vez fomos contratados para nos apresentar num castelo nos arredores de Roma. O Chico tinha um Fiat meio bege, meio marrom, nem a cor era definida. O tal castelo ficava fora da cidade, e nós fomos nos guiando por um mapa. Era uma cidadezinha medieval, que o castelo já era toda a cidade. Um castelo enorme, a gente entrou pelos fundos, pela cozinha, e fomos parar num salão de pedra. Aí, o público era composto de seis ou sete pessoas, e o palquinho só dava para nós dois, mais ninguém. E as pessoas sentadas ali embaixo para ouvir a gente tocar e cantar uma música, e outra, e surgiram aquelas palminhas mixurucas. Então, começamos a cantar *Tristeza*, e trocar a letra da música. Foi aí que um dos que estavam assistindo, um homem baixinho, levantou-se e – para tentar animar o pessoal – começou a dançar sozinho. Então, a gente entrou com *Mamãe Eu Quero*, com alguns palavrões no meio da letra, pois começamos a incorporar a bagunça daquele lugar surrealista...

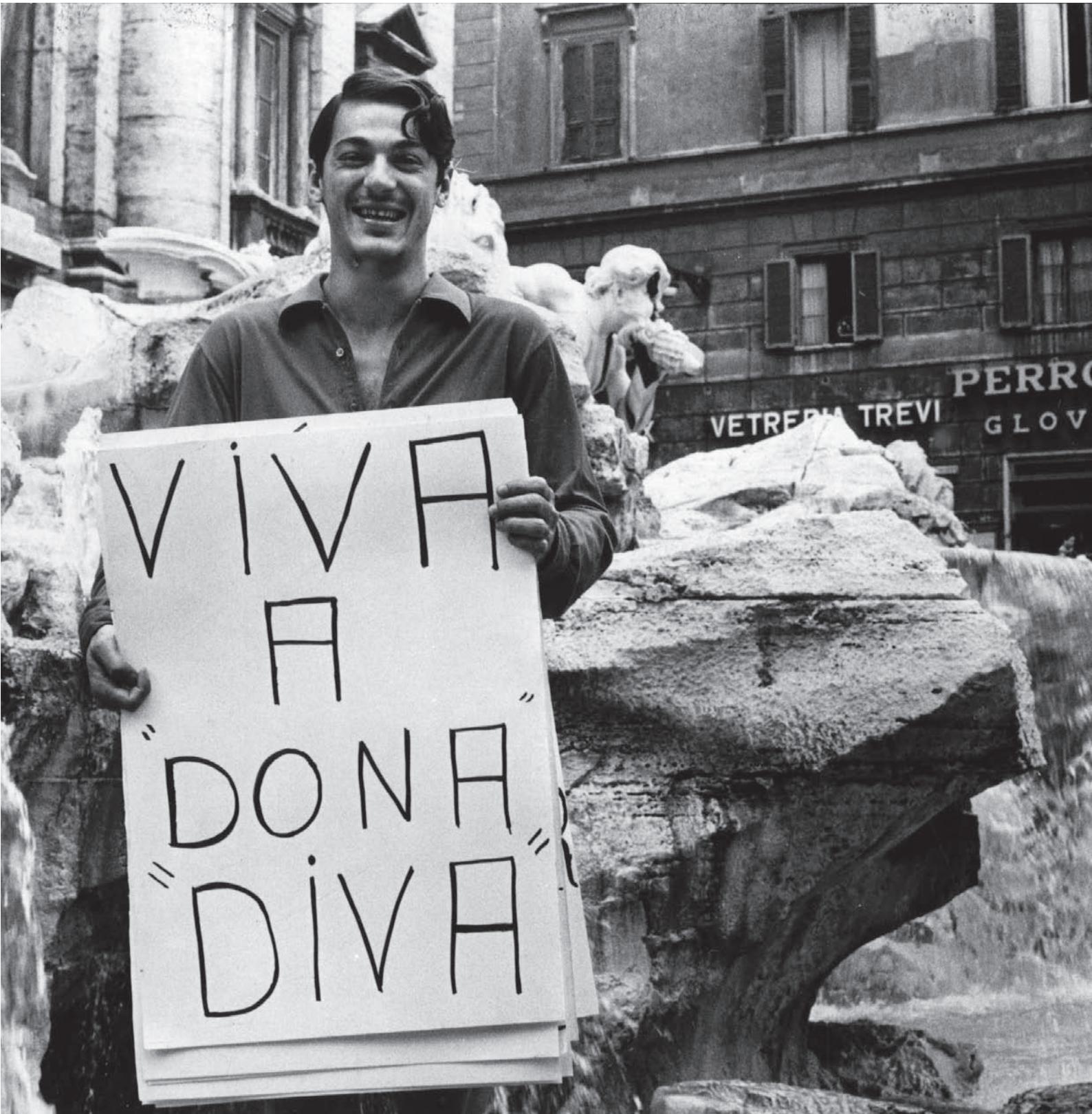
Não desanimávamos, porém. Quatro *shows* em Capri representavam uma perspectiva promissora. Tudo teria sido completamente bom, não fosse o calote do empresário. Por precaução, havia levado 10.000 liras na carteira... Estivemos também na cidade de Split, na Iugoslávia. Uma viagem inesquecível. Chegando ao aeroporto, em Milão, o Chico apontou um aviãozinho parado num canto e, pra me sacanear, falou: *Nós vamos naquele lá*. O pior é que não era aquele, mas sim um menorzinho ainda, de uma só hélice, que estava atrás daquele. Para se avaliar o tamanho do teco-teco, o violão do Chico não pôde seguir por excesso de peso. Tinha quatro lugares, e íamos nós dois, o piloto e um cantor italiano, o Gino Paoli. O piloto era o empresário Panvini, nosso conhecido desde Roma. Das três vezes que andamos com ele de carro, havia batido em duas delas. E ele era o piloto do avião... O Gino Paoli já havia tentado se matar com um tiro no peito, do que se concluía que ele não

tinha muito amor à vida... E nós naquele avião, em que o piloto era louco e seu acompanhante, um suicida, para quem, se o avião caísse, era um favor. E fomos com esse avião. Na volta, saindo de Split para Milão, o tal piloto tentava acertar a rota, entrando em contato pelo rádio com Rimine, que fica ao norte, perto de Bologna. E quando finalmente o rádio respondeu, se ouvia: *Pronto, aqui, Napoli*, que ficava no sul, lá no calcanhar da bota. Imagina que rota a gente estava...

Até que fizemos o maior sucesso na Boate Bussola, uma das mais concorridas da sofisticada praia de Viareggio. Então, o produtor, um tal de Bernardini, animado pelo nosso sucesso, convidou-nos para atuar na primeira parte de um espetáculo, com uma cantora canadense e um grupo de roqueiros italianos. A segunda parte seria exclusiva da famosa Josephine Baker. Foram 35 shows por toda a Itália, de norte a sul, durante os quais a finíssima dama da Europa, conhecida como *La Baker*, mantinha uma rigorosa hierarquia de trabalho, jamais sendo vista, senão em cena, e viajando sempre na frente, em sua luxuosa Mercedes, na companhia de seu pianista, misto de empresário e namorado, enquanto Chico e eu íamos chacoalhando com todo o resto do grupo num ônibus tipo cristaleira.

Valeu a pena. Viajamos muito, conhecendo a Itália toda, um *show* em cada cidade. Depois dessa temporada, sentia que começava a ser traçado um caminho para mim, na Itália e na Europa. O Sérgio Bardotti me convidou para participar da gravação de um disco em homenagem a Vinicius de Moraes. Eu fiz alguns solos de violão, como um alinhavo entre poesias faladas pelo poeta italiano Giuseppe Ungaretti e músicas cantadas por Sergio Endrigo. Então, voltei ao Brasil em novembro de 1969. Dois dias antes da partida, já antecipando a saudade, havia deixado com Chico um tema de despedida para que ele colocasse letra, consolidando o tempo que passamos juntos. Naquele dia, antes que eu subisse no avião, Chico me deu um papel com quatro versos, a letra do final da melodia: *Vê como é que anda / Aquela vida à-toa / Se puder me manda / Uma notícia boa*. Havia se iniciado, em Fiumicino, pela última estrofe, o que, dois anos depois, seria concretizado como *Samba de Orly*, já com a util intervenção de Vinicius de Moraes. Porque Orly era o aeroporto no qual desembarcava a maioria dos brasileiros perseguidos pelo regime militar.

Toquinho na Itália (1969)



VIVA
A
"DONA
DIVA"

08

O Encontro com Vinicius de Moraes O Início da Parceria A Canção Tarde em Itapoan

No início de 1970 foi lançado pela RGE meu segundo LP, que me revelava como cantor. Gravei *Que Maravilha*, com Jorge Ben Jor, e uma outra canção minha que despontava como sucesso: *Na Água Negra da Lagoa*. Passados alguns meses e, um dia, quando acordei, minha mãe tinha um recado: *Telefonou o Vinicius de Moraes. Deixou esse número para você ligar*. Peguei aquela ponta de papel de pão com o número escrito, não sabia se ainda dormia, e sonhava, ou se tudo aquilo era real. Por via das dúvidas, não custava conferir. Do outro lado da linha, a constatação: era a voz do poeta, sem rodeios, direta. *Toco? É Vinicius de Moraes. Gostei muito do seu trabalho naquele disco produzido pelo Bardotti na Itália. Estou indo para uma temporada na Argentina com uma cantora nova, a Maria Creuza, e preciso de um violonista. Que tal, Toco, topa?*

Pois é, aquele LP gravado na Itália em homenagem a Vinicius tinha como título *A vida, amigo, é a arte do encontro*. Sem exageros, pode-se afirmar que a partir dele se estabeleceria um marco divisório em minha carreira e em minha vida, provocando, como o título diz, minha aproximação com Vinicius de Moraes. O disco já ganhara vários prêmios como o melhor do ano antes de chegar às mãos de Vinicius, que, ao ouvi-lo, ficou impressionado com meu violão. Tendo acertado uma temporada de shows na boate La Fusa, de Buenos Aires, e precisando de um violonista, me chamou. E o disco contribuiu diretamente para a escolha.

Então, em junho de 1970, estava eu a bordo do navio Eugênio C, com Vinicius de Moraes, rumo a Buenos Aires. Era um tempo em que Vinicius ainda evitava viajar de avião, então fomos para a Argentina de navio. Eu sentia uma sensação estranha, não sabia direito o que é que eu ia fazer lá. Para mim, Vinicius de Moraes era um ser humano grandioso de quem até então eu conhecia quase nada, a não ser o que ele tinha escrito e cantado por aí. Sei que na primeira noite no navio eu passei muito mal, foi um horror. Pegamos uma tempestade no Golfo de Santa Catarina, e eu no meu quarto, enjoado, com tudo a balançar por todos os lados. Até marinheiro vomitava. E Vinicius sentado a uma escrivaninha, segurando o copo para que ele não caísse, e conversando naturalmente, sem se alterar. Ficou lá ao meu lado, como um pai, ou melhor, como alguém com pretensões de se fazer amigo. Nossa relação começou assim, e logo de cara eu passei a vê-lo um pouco como irmão, porque ele não sabia ser velho, o que na realidade ele não era. Chegamos a Buenos Aires uns dois dias antes do final da Copa de 70. O Brasil

ganhou a Copa, nosso *show* já fazia um grande sucesso e naquele domingo abrimos o espetáculo com aquela música: *A taça do mundo é nossa / Com brasileiro, não há quem possa...* Então, minha relação de amizade e conhecimento com Vinicius já se iniciou em meio a esse clima positivo da seleção ganhando a Copa, nosso *show* em pleno sucesso, aqueles jantares invadindo a madrugada. Houve uma adaptação perfeita entre a gente, porque tudo que Vinicius gostava de fazer eu também gostava: tocar violão, curtir os temas que iam saindo, comer bem, viver a noite ao lado de amigos e mulheres bonitas. Ficamos em Buenos Aires uns 12 dias e fizemos 10 *shows*, sempre com a boate lotada. O *show* foi gravado ao vivo no disco *Vinicius de Moraes em La Fusa com Maria Creuza y Toquinho*. Aliás, que até hoje continua em catálogo, propiciando, inclusive, minha ida para Buenos Aires, com Maria Creuza, para várias apresentações em homenagem àquele *show* em La Fusa.

Voltei da Argentina com aquela sensação gostosa de ter trabalhado com Vinicius. Mas não pensava que fosse trabalhar muito mais com ele. Ainda não tinha saído nenhuma música nessa primeira viagem. Já no navio, tinha mostrado a ele um tema que eu estava desenvolvendo. Era um tema de Albinoni, transformado em samba. Ele gostou da ideia, ficou curtindo, mas não colocou letra. Isso aconteceria quase dois meses depois. Vinicius estava casado com a baiana Gesse, que arrumou para fazermos três *shows* no Teatro Castro Alves, em Salvador, nos dias 6, 7 e 8 de setembro. Durante a viagem de ônibus à Bahia, Vinicius fez a letra para aquele tema. Aí começava efetivamente nossa parceria, com a música *Como Dizia o Poeta...* Lançamos essa música no Teatro Castro Alves, levando desta vez a Marília Medalha para cantar com a gente. E nesses *shows* apresentamos essa nossa primeira canção e cantamos músicas antigas do Vinicius, desde *Chega de Saudade* até *Marcha da Quarta-feira de Cinzas*. Eu tinha uma parte solando violão e cantava algumas canções minhas. Nos três *shows*, o teatro lotado, um sucesso absoluto. Já era o sinal da volta da MPB, e ninguém sabia. E nós constatamos isso nesses três *shows* do Teatro Castro Alves, quando ousamos, naquela época, antes de fazer qualquer sucesso, mostrar um samba novo, em um nível mais tradicional de *Como Dizia o Poeta...*, que não dava nem ensejo para ser censurado. E ser censurado, naqueles tempos, para determinado tipo de esquerda, era até sinal de *status*. Embalados por esse indício de sucesso, tomados pela Bahia, que já entrava na vida da gente, não precisava nem de muito esforço



para as músicas brotarem. Surgiram *A Bênção, Bahia, Mais um Adeus*, mas apesar disso, no começo, eu não imaginava que a parceria fosse tomar o impulso que tomou e chegar até onde chegou. Nem ele imaginava isso. Sentia-me inseguro, não sabia se ele ia gostar de minhas melodias. Afinal, estava dando músicas para alguém como Vinicius de Moraes! Tanto é que tínhamos feito três músicas quando ele fez a letra de *Tarde em Itapoan*, e ia dar para o Caymmi musicar. Mas eu queria de todo jeito musicar aquela letra. Não havia computador ainda, usava-se máquina de escrever. Então, sem o Vinicius saber, tirei o papel da máquina, com o poema escrito, e trouxe comigo para São Paulo. Demorei muito para fazer a música. Sabia que era uma cartada importante para mim, que tinha de fazer uma melodia especial, que sugerisse que a letra tinha sido feita para a música. É um poema todo lindo, tanto que eu não mexi uma vírgula dessa letra, não mudamos uma palavra. É difícil conservar uma letra inteira, perfeita como essa. Ela tem uma beleza grandiosa na riqueza dos detalhes. As rimas do refrão, por exemplo, são fantásticas: *Passar uma tarde em Itapoan / Ao sol que arde em Itapoan / Ouvindo o mar de Itapoan / Falar de amor em Itapoan...* É brincadeira! Não foi fácil, demorei um tempão, mas consegui. *Tarde em Itapoan* tem uma melodia maravilhosa, parece que Vinicius letrou a música. Contém aquela mágica dolência da Bahia, é uma música completa. Do meu repertório com Vinicius, é uma das que mais gosto. Quanto mais o tempo passa, quando canto essa música, as pessoas aplaudem na introdução. Depois que fiz essa melodia, o Vinicius me deu um voto de confiança. Foi nessa que ganhei o poeta! Quando mostrei, logo de cara ele ficou meio indeciso. Achou boa, mas com dúvidas, ainda. Aí, começamos a cantar para as pessoas, e elas se apaixonavam pela música. Fizemos então uma gravação cantando essa nova música, só com violão, e mandamos para o Cayon Gadia, da Rádio Difusora de São Paulo. Começou a tocar na programação da emissora e os ouvintes passaram a pedir por telefone a execução da música que não tinha sido nem gravada em disco ainda.

09

A Consolidação da Parceria Salvador, Mar del Plata, Roma A Conclusão de Samba de Orly

Após *Tarde em Itapoan*, Vinicius passou a ter mais confiança em mim e embalamos de verdade. Era violão e música o tempo inteiro. Em dezembro de 1970 já estávamos gravando nosso primeiro LP. Nós dois cantando acompanhados por Marília Medalha. Enquanto esse disco era lançado por aqui, fizemos shows durante três meses na boate La Fusa de Mar del Plata. Primeiro com Chico Buarque; depois, com Maria Bethânia; e, por fim, com Maria Creuza. Foi uma loucura. A gente não via o sol nascer em Mar del Plata, muito menos o sol se pôr. Era só trabalhar, o que a gente queria era fazer músicas.

Parte da produção iniciada na Bahia fora completada naquele balneário argentino. Outra parte, na casa de Sergio Bardotti, em Roma, ainda em 1971, num curto período em que lá estivemos a fim de terminarmos as versões para um disco italiano. Produzimos o bastante para mais dois discos.

A Bahia foi fundamental para nossa criatividade. Morávamos numa casa que o Vinicius alugou em Itapoan. Tudo rolava num clima gostoso e criativo. As cantoras que trabalhavam com a gente também ficavam lá, tinha sempre um lugar. Era uma fartura. O café da manhã permanecia constantemente na mesa, cada um almoçava na hora que queria. Comia-se uma comida baiana preparada por uma cozinheira genial, sempre disponível. E tudo continuava no jantar, era uma eterna festa, o tempo inteiro preenchido com música. Acabava um tema e já começava outro, em meio a muita qualidade de vida. Aquela casa vivia com os portões abertos: o da frente, que dava para a rua asfaltada, e o do quintal, que se confundia com a areia da praia. Quer mais? Pintava novidade a cada momento, tudo o que a Bahia tinha de bom. Os amigos, a Bahia vinha para a casa do Vinicius a toda hora. Até o João Gilberto, certa vez, apareceu por lá, só que na hora dele, a mais esdrúxula. Foi gozadíssimo. Eram quatro e meia da manhã. Do portão da frente até a casa tinha uma distância de uns 15 metros de jardim. Todos dormindo, e o Vinicius ouviu de seu quarto uma voz como se viesse do Além: *Vinicius, Vinicius*. Levantou-se, e quando começou a acender as luzes, a voz retornou: *Vinicius*. Aí ele abriu a porta. Era o João: *Vim te fazer uma visita, saber como você vai*. Entrou, como se fosse onze da manhã. Ficou lá um pouquinho e foi embora. Parece que tudo naquela casa era feito em louvor à natureza. Um dia, enquanto lidava com o violão, entretido com uma música, fui chamado por Vinicius: *Toco, vem ver uma coisa*. Ele me levou até a janela que dava para o quintal, onde ele criava um pavão, um peru, um cachorrinho e um gato,

numa perfeita comunidade. *Eu fico olhando pra esses bichos, e o comportamento deles me ensina*, dizia-me Vinicius. É a fase de maior aprendizado de minha vida. Eles convivem juntos, o peru com o pavão, o cachorro com o gato, e os quatro entre si. Eu aprendo e vivo cada vez mais como eles vivem: comendo quando tenho fome, acordando quando não tenho mais sono, e mais nada! Como eles fazem. Nunca o ser humano me ensinou tanto como esses bichos. Muitas músicas nasceram nesse ambiente baiano.

Outro lugar de muita produtividade foi Mar del Plata, durante a temporada que fazíamos na boate La Fusa. As composições surgiam no mesmo pique da Bahia. Vivíamos para a música. Fazíamos dois shows por noite, um às 23 horas, outro à uma da manhã. Depois íamos jantar até às 4 mais ou menos. Aí ficávamos bebendo, conversando até o dia raiar. Então voltávamos para casa feito vampiros. Ainda ficávamos trabalhando, compondo, e curtindo as pessoas que iam acordando. Lá pelas 10 horas íamos dormir, e acordávamos umas 5 ou 6 da tarde. Teve uma época em que fiquei sem ver o sol na rua uns 8 dias seguidos. Só via pela janela, um pouco, quando chegava de manhã para dormir. Então, por volta das 5 ou 6 da tarde, Vinicius começava a preparar um franguinho ou outra coisa qualquer. Ia para a banheira, tomando gin, e nós já trabalhando. Ele na banheira, e eu lá do lado, com o violão. Almoçávamos lá pelas 7 e continuávamos em torno da música. Perto das 10 horas começávamos a nos arrumar para ir ao show. Essa era nossa rotina, só que tudo ao contrário das outras pessoas.

O engraçado é que cada coisa que eu usufruía lá em Mar del Plata me levava a uma curtição diferente. Nós usávamos um carro que era do Coco Perez, o dono da boate. Era um Chevrolet 51, preto, igual ao que meu pai tinha tido na década de 50, só que verde metálico. E lá em Mar del Plata eu é que ficava dirigindo aquele Chevrolet 51, preto, com um volante enorme. O Coco deixava o carro com a gente, e numa dessas voltas da boate, eu ia largar o Vinicius em casa e seguir para o Cassino com uma namorada. Vinicius desceu do carro com meu violão, e enquanto abria a porta da casa, encostou o violão num murinho do jardim. Eu saí para o Cassino. Quando voltei, todos já dormiam. No dia seguinte, ao acordar, procurei pela casa o violão para tocar, não encontrei. Fui então ao quarto do Vinicius, que estava na banheira. Perguntei pelo violão, e ele: *Que violão? Você não me deu violão nenhum!* Meu violão dançou. Nunca mais vi aquele violão. Acabei a temporada com outro, horrível, da Georgiana, filha do Vinicius.

Por essa mesma época, ficamos na casa do Sergio Bardotti, em Roma, para a gravação de um disco infantil. Só que a casa do Bardotti era absolutamente organizada, com mulher, filhos, horário para almoçar, para jantar, e nós nos adaptávamos também, fazíamos música, normalmente. Havia sempre uma atmosfera misteriosa, quase mística, cercando aquela casa, pois ela se localiza numa colina, entre montanhas, nos arredores de Roma, em Mentana. À noite a coisa ficava meio tétrica, mas nos incitava a uma brincadeira: invocar os espíritos através do copinho, que adquiria uma força energética inexplicável. O copo respondia às perguntas, falava coisas, tudo funcionava, era impressionante. E numa dessas, baixou um espírito absolutamente terrível. O copo não parava, deslizava na mesa, pra lá e pra cá, insultando e xingando a todos. Até o Sergio Bardotti, comunista e céptico, ficou apavorado com esse espírito. A ponto de ir pegar um terço e ficar apontando com o crucifixo para a mesa: *Va via, Va via!*, ele gritava. E o copo se mexia mais ainda, com mais aflição. Dava até medo. Mas teve outra noite em que o copo adquiriu um impulso tão forte que foi se espatifar contra a parede. Foi a última vez que fizemos a tal brincadeira. Todos ficaram apavorados e não se mexeu mais com os espíritos.

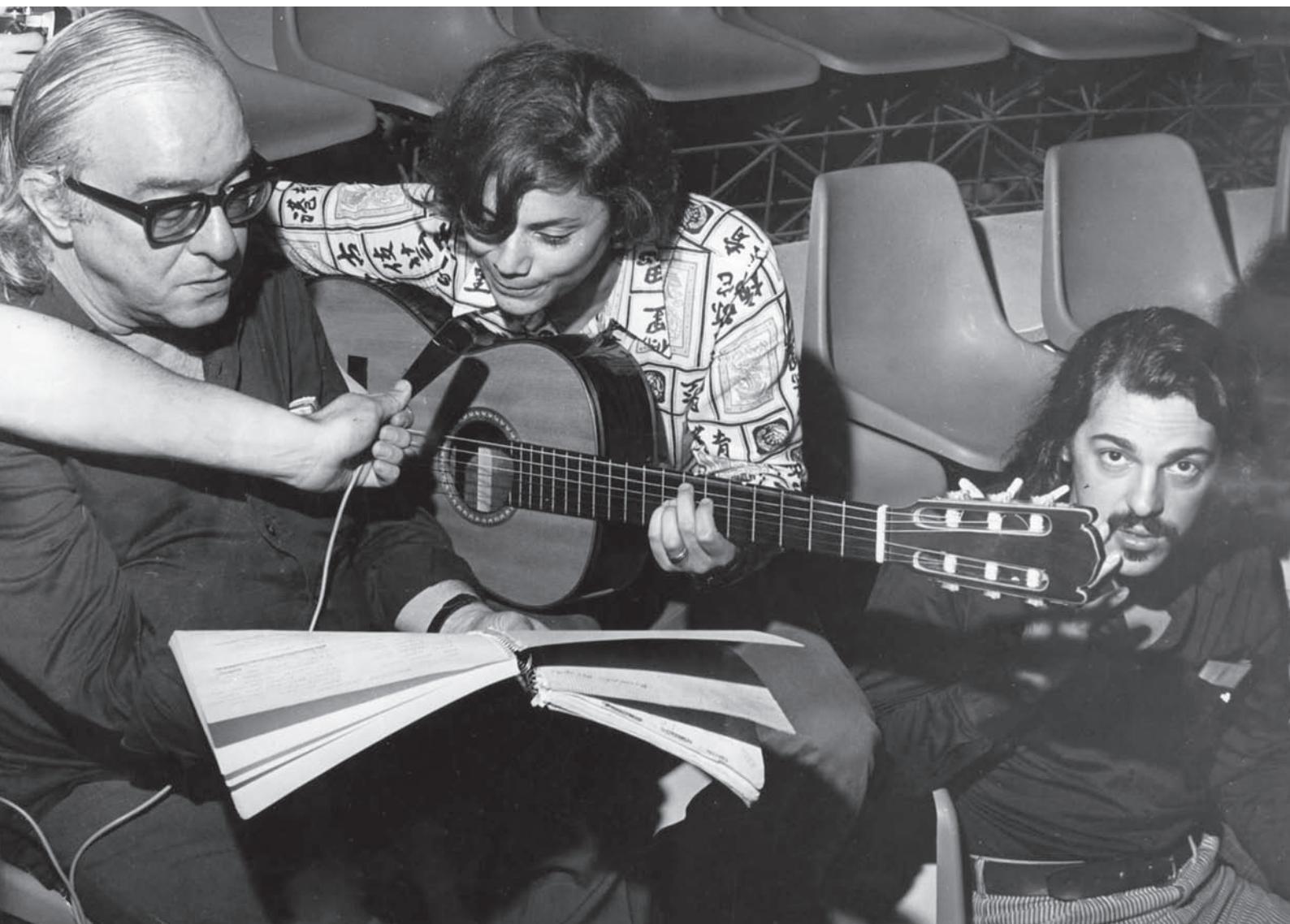
Toda música tem uma história, um motivo. Nossa parceria atingira um estágio que já provocava em Vinicius aquele ciúme indisfarçável que ele sentia por todo parceiro que se tornasse mais constante. E comigo não seria diferente. A melodia que deixara com Chico antes de sair de Roma, em 1969, e que recebera como primeiras palavras a letra da última estrofe (*Vê como é que anda aquela vida à toa / E se puder me manda uma notícia boa*), tinha agora a letra inteira. Chico chegou com um papel na mão. Olhei, animado com a letra, elogiei. E Vinicius do lado, curioso e ciumento. Fez que fez e pegou o papel, leu e comentou; *A letra é boa, mas tem umas frases que podiam ser melhoradas*. Chico concordou. Era tudo o que Vinicius queria: entrar na parceria. Foi para um canto, mexeu, remexeu e voltou, sugerindo: *Tem uma frase aqui, Chico, que é muito branda por todo o tempo que você passou lá fora: Peço perdão pela duração dessa temporada é muito leve. Tem de ser: Peço perdão pela omissão um tanto forçada. É mais contundente*. Chico e eu aceitamos a mudança. Era um tempo em que tudo passava pela censura. Na hora de gravar o samba, a única frase censurada foi a que Vinicius sugerira. Liguei para ele: *Vinicius, tua frase não passou pela censura*. E ele: *A frase sai, mas eu continuo na parceria*.

10

Circuitos Universitários Trilhas de Novelas Vinicius: o Poetinha Vagabundo

Eram gravações, *shows*, viagens, íamos em frente. Fomos os precursores dos Circuitos Universitários e das trilhas sonoras das novelas de TV. Em 1971, num *show* ao lado de Marília Medalha e o Trio Mocotó, inauguramos o Teatro Paiol, em Curitiba, a convite do então prefeito Jayme Lerner. Esse *show* marcava a sequência do primeiro Circuito Universitário, passando por capitais e cidades do interior dos estados. Comprovávamos o enorme interesse da juventude pela música brasileira. Exercíamos o prazer de tocar e cantar, tanto em teatros modernos e bem montados quanto em palcos improvisados, com luz incipiente e som precário. Enfrentar os cupins dos rodízios de estrada e às vezes hotéis *duas estrelas*, por não haver outro melhor na cidade. Enquanto isso eu aprendia a conviver com a irreverência de um poeta como Vinicius de Moraes, que jogava tudo para o alto quando instigado pelos preconceitos. Aconteceu no Teatro Marília, em Belo Horizonte, durante o *show*, antes de iniciar uma fala, Vinicius acendeu um cigarro, calmamente, sem olhar para a plateia. Começou a fumar diante do microfone. De repente, olhou para a plateia, levantou a cabeça, e disse: *A tradicional família mineira que vá para a puta que o pariu!* O público começou a aplaudir. Foi um choque. Depois de se desabafar um pouco com a plateia, conduziu o *show* até o fim.

Assim, eu ia convivendo com os múltiplos Vinicius. Despudorado e irreverente diante da plateia mineira. Mas profundamente lírico, remontando a beleza formal de suas poesias da década de 1940, num poema feito para canção *Amor em Solidão*, incluída na trilha sonora da novela *Nossa Filha Gabriela*, da TV Tupi, Canal 4, em 1972. Na época em que foi feita, essa música provocou em mim dupla emoção, muito pessoal. Tendo me encontrado num estúdio de gravação com o *cantor das multidões*, como era chamado Orlando Silva, mostrei-lhe a tal canção, que contém toda dolênciam lírica de seus maiores sucessos da década de 1930. Entusiasmado com a música, Orlando, de imediato, atendeu a um pedido meu. Gravou *Amor em Solidão* numa fita cassete, para que eu pudesse dar de presente ao meu pai, Seu Nico, fã ardoroso daquele grande cantor. Para mim, foram duas emoções: a de ouvir minha música na voz de Orlando Silva, e a de poder presentear meu pai, que teria consigo uma música do filho cantada por aquele seu grande ídolo. A trilha sonora da novela *Nossa Filha Gabriela* ficou registrada num LP lançado pela Polydor: *Vinicius Canta Nossa Filha Gabriela – Música de Vinicius de Moraes e Toquinho*. Até aí, nenhuma novela havia recebido esse tratamento musical especial,



Vinicius, Marília Medalha e Toquinho (1971)

como se faz nos filmes. Parece que os produtores despertaram para isso e, em 1973, fomos requisitados pela Rede Globo para musicar aquela que se constituiria numa das novelas mais bem estruturadas da TV brasileira: *O Bem-Amado*.

Naquela convivência de Mar del Plata com Vinicius, senti vontade de fazer uma música para ele, que tivesse o jeitão dele. Eu dizia para ele: *Se eu tivesse que desenhar um bicho que te representasse, com personalidade, tudo, eu te desenharia um gato de telhado. Desses que fazem barulho à noite, trepando com as gatas, e não deixam as pessoas dormirem. Um gato simpático, que passa de um telhado para outro e que sabe sobreviver sozinho.* *Você nunca seria um gato de madame.* Ele ria muito. Então, comecei a fazer uma música que traduzisse toda essa brejeirice dele, encaixando as notas que eu sabia que ele gostava. Muito vaidoso que era, me falou: *Toco, tenho uma ideia. Gostaria que você desse essa música para vários autores brasileiros, e que cada um fizesse uma letra para mim, dizendo o que eles acham de mim.* E ele falava sério. Mas era uma coisa muito difícil de se concretizar: *Quem sabe se resumindo num só a coisa não saísse até melhor?*, eu propunha. A ideia ficou no ar, e eu pensava: *Quem é que pode fazer essa letra para Vinicius de Moraes? É brincadeira! Uma letra para esse samba, que é brejeiro, e que tenha a cara de um gato de telhado?* Aí, claro, chamei o Chico: *Você vai falar de Vinicius nessa melodia.* E ele: *Nessa melodia? É pouco tempo!* Vire-se, faz uma síntese, encerrei o assunto. E um dia, sem o Vinicius saber ainda, o Chico apareceu com a letra pronta. Desenvolveu toda a primeira parte com a predominância do P de poeta, e a segunda com o V de Vinicius. E ficou perfeito. Ele sintetizou o Vinicius numa letra fantástica, com um poder de síntese incrível, síntese brejeira, falada de uma forma tão carinhosa: *Poeta, meu poeta camarada / Poeta da pesada, do pagode e do perdão / Perdoa essa canção improvisada / Em tua inspiração, de todo o coração / da moça e do violão, do fundo / Poeta, poetinha vagabundo / Virado vira-mundo vira e mexe paga e vê / Que a vida não gosta de esperar/ que a vida é pra valer / A vida é pra levar / Vininha, velho, Saravá!* Essa música foi feita para o show *O Poeta, a Moça e o Violão*. O Vinicius era tudo isso que a letra diz. Um poeta que não escondia mais seu desprendimento pela vida.

11

A Parceria da Hora Certa Vinicius na Visão de Toquinho

Um dos motivos determinantes da consolidação rápida e consistente dessa parceria foi o fato de que nosso encontro se deu no momento mais adequado para um e outro. Antes desse encontro, sem parceiro definido, Vinicius passava por um obscuro período criativo. Para muitos, o Poeta já havia chegado ao fim da linha em se tratando de composições musicais. Porém, ele necessitava apenas de impulsos que o fizessem bater asas outra vez. Um desses impulsos chegou através da mulher, a baiana Gesse. E o outro, claro, fui eu. Fomos fundamentais para a revitalização dele. A mulher inseriu Vinicius na mística descontração da Bahia e o colocou nos braços de Mãe Menininha, que tirou dele o medo de viajar de avião. Fechou-lhe o corpo. Antes de entrar em qualquer aeronave, ele teria de passar pelo corpo uma bolinha de farinha benta, molhada. E depois jogar essa bolinha num espaço que tivesse plantas.

Às vezes, o difícil era encontrar algum local com plantas, fazendo com que Vinicius se atrasasse para muitos voos. Outras vezes, o mais complicado foi explicar à fiscalização dos aeroportos que aquele pó constante da bagagem era apenas uma farinha abençoada e não qualquer outro tipo de pó. Sentindo-se seguro, Vinicius passou a enfrentar toda espécie de avião. E eu, como que o empurrei para o mundo com a juventude e a liberdade que ele queria naquele momento da vida. Naquela altura, eu tinha o que o Vinicius queria: uma pessoa que tivesse disponibilidade para ficar trabalhando com ele, e que tivesse uma linguagem nova. Sempre procurei fazer uma música que não fosse hermética, buscando uma simplicidade que acabou se tornando especial e me caracterizando com um estilo muito próprio dentro da música popular brasileira. É o caminho que Vinicius queria, o da simplicidade. Um comportamento musical ligado com a própria vida, mais solta, livre, natural. Refletia-se tudo isso, por exemplo, nas músicas infantis que fizemos, da melhor qualidade. Por quê? Porque não tínhamos vergonha de nada. Minha convivência com Vinicius era uma festa diária. A criação musical vinha na esteira da nossa alegria, da nossa amizade, da nossa curtição com a própria música e com a vida. Há muita diferença entre o fácil e o simples. Para se atingir o simples é necessário não se ter vergonha de andar de braço dado com o lugar-comum, como dizia o grande Villa-Lobos. E o Vinicius tinha essa coragem de ser simples. E sempre criei uma melodia sem arestas, que entra pelos ouvidos de forma natural. E o Vinicius era extremamente musical, também. Com um ouvido interno muito aguçado, era um grande



músico, com as harmonias todas na cabeça, apesar de não saber fazê-las nem no piano, nem no violão. Ele salvou várias melodias: às vezes, eu treinando no violão, improvisando frases, de repente ele falava: *Tem uma música aí que você acabou de passar por ela*. Aí eu voltava, recuperava a frase e saía uma melodia. Era gostoso chegar para ele: *Vina, vê esse tema, o que você acha?* Ele gostava de ficar em casa, tomar uísque, pegar a máquina de escrever, colocar-se à mesa e ficar curtindo aquela letrinha dele. Ficava ouvindo a fita no gravador: *Toco, toca mais um pouquinho isso aqui*. Aí, eu tocava, fazíamos às vezes dois ou três sambas ao mesmo tempo. Era tudo normal. Eu não gosto muito de sol, não gosto de acordar cedo. Gosto de ficar em casa tocando violão, mesmo! Sempre gostei. E ele gostava disso também.

Vinicio e Toquinho (1975)

Não representava sacrifício nenhum fazer o que a gente fazia. Eu ficava acordado até de manhã, e ele também. Porque o lance do Vinicius era curtir aquela coisinha de fazer música, a vidinha de ver a música nascer. Curtir o artesanato.

Outro detalhe importante: jamais enxerguei Vinicius como um pai de postura paternal e protetora. Mesmo porque ele não agia assim nem com os próprios filhos. O lado de pai de Vinicius era um aspecto natural dele. Não pela idade, que jamais deprecio seu espírito. A feição de pai surgia por sua grande sabedoria de vida, por saber mais do que a maioria das pessoas. Talvez o homem de maior sabedoria de vida que eu tenha conhecido. O que me impressionava é que, ao mesmo tempo, quando se via diante de uma pessoa muito simples, chegava a se emocionar até os olhos se encherem de lágrimas. Diante de um pescador, por exemplo, ele me falava com essa emoção toda: *Não sei absolutamente nada da vida perto de uma pessoa assim.* Eram essas situações que o tornavam perplexo e eu sentia que, emocionalmente, ele perdia o pé. Então, de repente, esse pretenso ar paterno que ele poderia ter em relação a mim ia por água abaixo quando ele se tornava essa criatura frágil, com toda a sabedoria de poeta. Talvez por saber tanto é que ele tinha a noção exata de quanto ele não sabia. É que Vinicius carregava o tempo inteiro o garoto que ele era, o jovem disposto e disponível à vida; que arriscava nas coisas, que chegava tarde para acordar cedo, e acordava cedo; que se punha como um Buda, sentado na capota do carro do Bardotti, em Firenze, dando voltas pela mesma praça, depois de algumas garrafas de vinho no jantar; que ficava bebendo até mais tarde sem problemas de ressaca no dia seguinte. Muito mais resistente do que eu nesse aspecto. Na nossa relação, eu era o fio-terra, quem se preocupava aqui embaixo conduzindo as coisas. E ele, o cosmonauta, o voador, que partia mesmo! Mas, por mais controvertido que pareça, foi ele quem me ensinou a ser profissional. O Vinicius era muito profissional, cumprindo horários, observando compromissos, respeitando as pessoas.

Na hora do disco, na hora do show, ele era superprofissional, muito mais do que eu. Por incrível que pareça foi ele quem me ensinou a respeitar horários, pessoas e valores. Passei a ser muito mais eficiente no dia a dia por causa do Vinicius de Moraes. Isso reflete as contradições desse grande poeta, que se debatia entre livrar-se das amarras da vida e seguir as ordens sem

lógica da própria vida. *O cotidiano é a ferrugem da vida*, ele dizia. Essa ferrugem o agredia demais, a ponto de, diante do espelho, começar a fazer a barba de um lado do rosto, e depois de dois dias, iniciar pelo outro lado. E no dia seguinte, fazer de baixo para cima, e, no outro dia, de cima para baixo. Tudo para ludibriar essa ferrugem do dia a dia. Mas ao mesmo tempo que odiava esse lado massacrante da vida, procurava harmonizar-se com isso tudo. Dizia que a bebida o ajudava a encontrar essa harmonia. Curtia comer a comidinha preferida, beber um vinhozinho bom, rever os amigos, ocupar a mesma poltrona da sala, o lugar dele, sentar-se à cabeceira da mesa, o patriarca. Em tudo, pois, ele confirmava o que um dia Drummond disse dele: *O único Poeta que viveu como poeta*. O Vinicius nunca soube viver sem poesia, e viveu como poeta. Ser poeta é uma coisa. Mas viver como poeta é dilacerante, arrebenta o homem por dentro. Na rapidez do cotidiano não cabe a poesia, e o Vinicius não conseguia viver longe dela. A poesia o acompanhava o tempo inteiro e ele se debatia com ela, sempre suscetível ao enfoque poético das pessoas e das coisas. Para ele, tudo era natural. Vinicius me passou todas essas variáveis humanas e, se aprendi, é porque já devia ter uma tendência para isso. Quantas vezes fiz parte dessa poesia, desde ter de erguer as calças dele, que, de um tanto largas, caíram-lhe em plena Avenida São Luiz, e ele não usava cuecas, e tinha ficado nu da cintura para baixo em pleno centro de São Paulo, depois de uma das muitas noitadas que fizemos. Não dando a mínima, achando-se a verdadeira poesia concreta daquele burburinho urbano. Até ter de enfrentá-lo zangadíssimo numa manhã: acordei, desci para o café, e Vinicius já estava à mesa, fumando, sem levantar os olhos do jornal. Dei bom-dia, tentei conversar, e ele não respondia: *Aconteceu alguma coisa, Vinicius?*, perguntei. Ele olhou-me furioso: *Olha aqui, Toco, se um dia você ousar alguma coisa com minha mulher, eu não te mato, porque é pouco. Sabe o que eu faço? Te amarro numa cadeira, prendo tuas mãos abertas na mesa, vou martelando dedo por dedo. Para você, esse castigo será pior que a morte. Toma cuidado, pois farei isso!* E ele falava ruminando a fúria em cada palavra. É que, durante a noite, ele sonhara comigo tentando namorar a Gesse, e vivia aquilo com tanto realismo, sentindo-se traído, como se tudo fosse verdade, pela força da fantasia. Esse era o Vinicius. Segundo ele, nossa relação era como um casamento sem sexo.

12

Toquinho e Gianfrancesco Guarnieri: Três Peças Musicais

Mesmo uma relação musical não resiste a uma traiçãozinha. Em 1971, quando Gianfrancesco Guarnieri montou a peça *Castro Alves Pede Passagem*, me convidou para fazer as músicas. Fiz as músicas e orientei na direção musical. O espetáculo ganhou o prêmio de melhor do ano e a música-tema, *Meu Tempo e Castro Alves*, com letra de Guarnieri, chegou a fazer um sucesso razoável. Nesse caso, a censura não atrapalhou. O mesmo não aconteceu, porém, no segundo trabalho que fiz com Guarnieri, em 1973, *Um Grito Parado no Ar*. Fizemos uma música, da qual tudo foi censurado, menos o refrão. O tiro da censura saíra pela culatra. Era como se acendessem um holofote em cima daquilo que queriam ocultar. O grito parado no ar soava mais contundente nessa única estrofe em meio à melodia: *Quem souber de alguma coisa / Venha logo me avisar / Sei que há um céu sobre uma chuva / e um grito parado no ar*. A terceira fase de nossa parceria deu-se com a peça *Botequim*. Contando com a participação da cantora Marlene e com a direção de Antônio Pedro, era o retrato da ditadura que provocava no povo a omissão e a cautela.

Esses nossos trabalhos musicais ficaram condensados num LP da RGE, lançado em 1973: *Botequim*. Nele, eu e Marlene interpretamos, às vezes juntos, outras separados, as canções: *Quem Sabe Mais, Esperando por Você, Canção do Medo, Meu Tempo e Castro Alves, Sou Assim, Quanto Vale uma Criança, Mesa de Bar, Dane-se, Vem Amor, vem Vingança e Bobeou, não Vai Entender*. A censurada *Um Grito Parado no Ar* foi gravada com orquestra e coro; e a *Embolada de Carrapato*, falada por Guarnieri, que no texto da contracapa resume essa nossa ligação musical: *Essas músicas são o resultado de um grande entendimento, de uma parceria que surgiu espontaneamente, transformando o trabalho num jogo estimulante e alegre, muito alegre, mesmo nas melodias tristes ou na melancólica constatação dos fatos. E pensando nesta contradição descobrimos nosso otimismo. Acreditamos. O que importa mesmo é que ouvindo estas canções teremos a neces-*

sidade de criar outras, muitas outras, sempre outras. Para meu amigo, meu parceiro Toquinho, isto é fácil como respirar. Toco vive música simplesmente. E é um poeta.

A música que fazemos para o teatro visa a determinada coisa, não precisamos ficar esperando a divina inspiração. É um trabalho por encomenda, e as coisas encomendadas são mais lógicas, pois já chegam com uma ideia inicial. Não se precisa gastar energia à toa. Outra coisa: quando se tem uma ideia de letra, um sentido para ser trabalhado, a melodia vai nascendo com a densidade daquela ideia. Além do outro lado saboroso que essa relação me proporcionou, o de conhecer Guarnieri na sua intimidade de autor. Ele trabalhava em cima da hora. Uma vez fui à casa dele, pois precisava de ideias para as músicas. Encontrei lá todo o elenco de *Castro Alves*... reunido para ouvir a primeira leitura da peça, que ele prometera para aquela noite. Havia um clima pesado, já era tarde, e o pessoal esperando o texto inacabado. A mulher dele chegou para mim e falou: *O Guarnieri está no quarto, vai lá falar com ele*. Entrei no quarto, ele estava nu, datilografando feito louco: *Deixei tudo pra hoje, estou acabando a peça*. Ele ficou a noite inteira escrevendo. Ruminava, ruminava, quando faltavam dois dias, escrevia tudo. Era uma loucura, ele não fazia nada antes. Naquela noite, mais tarde, ele apareceu com a peça pronta, foi lida e saiu tudo. Sempre gostei desse ritmo de teatro que exclui o cronômetro, com música saindo de todo lado. Para o Vinicius não ficar com muito ciúme, fiz com ele a *Modinha do Castro Alves*. Vinicius fez a letra à maneira de Castro Alves, com todo romanticismo com que Castro Alves faria uma canção para uma mulher. Conseguí que ela fosse a abertura da peça, Guarnieri ficou contente e o pouco ciúme que restou se diluiu em algumas doses de uísque...

13

A Canção Carta ao Tom 74 O Palavrão que Tirou Vinicius do Show Os Quatro Mosqueteiros Musicais

Em 1974, Vinicius e eu tivemos nosso primeiro álbum lançado pela Philips, *Toquinho & Vinicius*. A produção continuava acelerada. Entre as músicas desse disco está *Carta ao Tom 74*, que foi escrita por Vinicius dentro da banheira, onde ele gostava de escrever e trabalhar, com a maquininha em cima de uma tábua. Ele me chamou ali, e eu achei que era uma letra de canção, e praticamente musicei uma carta ao Tom, na qual Vinicius fala de um Rio de Janeiro que já não existe mais, da saudade que ele já tinha, na época, em 1974, de um tempo que já havia ido embora, vivido com esse grande mestre que foi Tom Jobim: *Rua Nascimento e Silva 107 / Você ensinando pra Elizete / As canções do Canção do Amor Demais / Lembra que tempo feliz, ah, que saudade / Ipanema era só felicidade / Era como se o amor doesse em paz / Nossa famosa garota nem sabia / A que ponto a cidade turvaria / Esse rio de amor que se perdeu / Mesmo a tristeza da gente era mais bela / Além disso se via da janela/ Um cantinho de céu e o Redentor / É meu amigo só resta uma certeza / É preciso acabar com essa tristeza / É preciso inventar de novo o amor.*

O Quarteto em Cy participa de algumas faixas desse disco. Então, foi montado o show *Encontro*, que era uma retrospectiva do trabalho do Quarteto e da dupla Toquinho/Vinicius, e viajamos com ele por todo o País. Acontece que o ano de 1973 havia sido cruel com a humanidade, levara embora três grandes Pablos: Neruda, Casals e Picasso. Um deles, Neruda, amigo íntimo de Vinicius. Os outros dois, verdadeiros mitos a quem Vinicius admirava pelo talento artístico e força vital. Num dos momentos do show, ele lamentava essa perda com uma poesia: *Que ano mais sem critério / Esse de setenta e três / Levou para o cemitério / Três Pablos de uma só vez / Três Pablões, não três Pablinhos / No tempo como no espaço / Pablos de muitos caminhos / Neruda, Casals e Picasso*. Era um poema de seis estrofes, e, na última, Vinicius desabafava: *Três líderes cuja morte / O mundo inteiro sentiu / Oh, ano triste e sem sorte / Vá pra puta que o pariu.*

Quando o *show* foi apresentado em Brasília, o palavrão atingiu fundo o puritanismo das mulheres de alguns militares e a censura acabou suspendendo Vinicius por 30 dias. Na sequência dos *shows*, havia uma cadeira vazia, a mesinha com uma garrafa de uísque e um foco de luz em cima denunciando a ausência compulsória do Poeta.

Mesmo sem Vinicius, o *show* tinha de prosseguir. Eu estava sempre pronto a reverter situações adversas. Quando decidimos continuar o *show* sem Vinicius, eu dizia para as meninas do Quareto: *Vamos para frente, vamos seguir que vai dar tudo certo!* Sou uma pessoa que pega o lado bom da vida para viver. Isso é que me faz evoluir com garra e com vontade de superar as dificuldades. Assim, eu assumia o comando do palco ao lado do Quarteto em Cy, e mantendo a mesma estrutura do espetáculo completamos a fase sul da temporada no Teatro Leopoldina, em Porto Alegre, e no Teatro Paiol, em Curitiba, assegurando, ainda que com a ausência de Vinicius, a frequência maciça do público. E fizemos alguns *shows* na Argentina.

Meu trabalho com Vinicius prosseguia a todo vapor. Aderíamos definitivamente às plateias universitárias e prosseguíamos desbravando estradas, integrando-nos aos estudantes. Eles curtem mesmo o *show* e botam para fora seus sentimentos. Se comparecem, é porque gostam mesmo da gente. Vinicius dizia que o lugar do romantismo é o coração da juventude. Ele vibrava com a reação dos estudantes. Vinicius adorava o palco. Digeria o *show* mastigando as palavras, as ideias, fazendo charme o tempo inteiro. Mesmo estourado de cansaço, curtia aquele momento. Já com certa experiência de *shows*, ele passou a assimilar mais o palco quando começamos a trabalhar juntos. E eu aprendi tudo isso com ele. Eu era inseguro, não cantava em público, e me tornei um cantor. Vinicius também não era um cantor.

Assumimos o canto depois de alguns anos de parceria. No início, sentíamos a necessidade da presença de uma cantora, pois Vinicius fazia questão de revelar ou confirmar talentos. Foi o que aconteceu com Maria Creuza, Marília Medalha, Maria Bethânia, Clara Nunes, Quarteto em Cy, que nos acompanharam até o momento em que nos sentimos aptos a cantar sozinhos. Vinicius dizia: *Não precisamos mais de cantora nenhuma, já estamos cantando bem demais.*

Daí para frente, éramos quatro, Vinicius, eu, Azeitona no baixo e Mutinho na bateria. Nessas andanças intermináveis, íamos desbravando churrascarias e rodízios de estradas. E Vinicius não perdia a oportunidade para a comparação: *Somos os 4 mosqueteiros das churrascarias. Comendo cupins e bebendo cerveja nos rodízios, aguentando as moscas e o calor. Depois de tanto cupim, ainda continuamos a viajar, como verdadeiros mosqueteiros.* Para celebrar essa realidade, surgiu a ideia de fazer uma música que passamos a cantar nos mais diferentes locais, cuja letra é essa: *Nós vamos pelas rotas do Brasil / Nós somos os quatro mosqueteiros musicais / Cantamos com empenho varonil / Pras velhinhos, coroas e mocinhas virginais. / Nós somos Athos, Porthos, Aramis e Dartagnan / Levamos uma vida bem feliz e folgazã / Os quatro mosqueteiros musicais: / Mutinho, Azeitona, Toquinho e Vinicius de Moraes.*

14

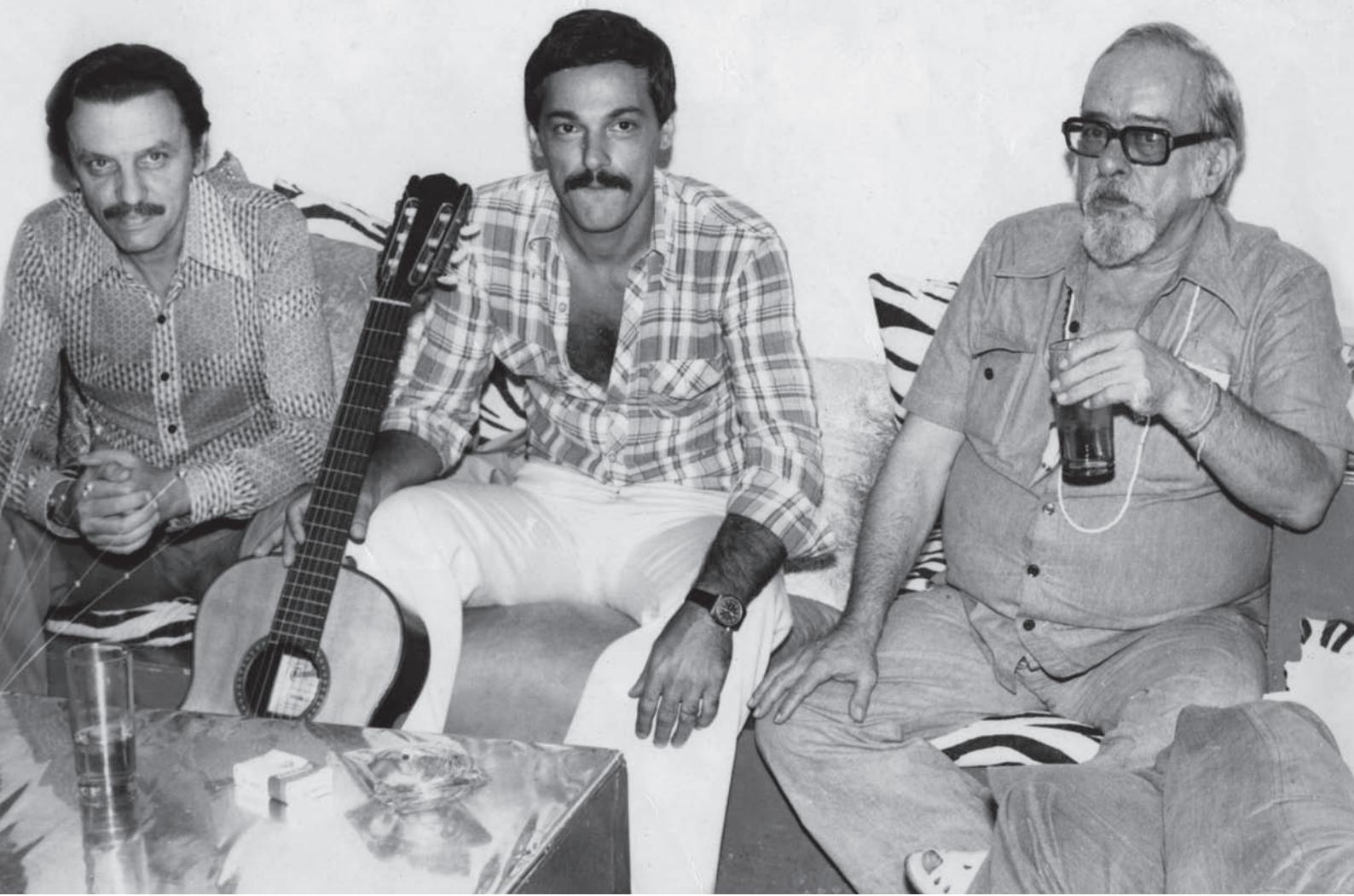
Um LP de Músicas Especiais O Pianista Tenório Jr. Some na Argentina Toquinho e Simone Juntos num Show

Muitas vezes buscávamos em nós mesmos a inspiração e o motivo para as próprias músicas. É o caso de *Turbilhão*, que fiz em parceria com Mutinho. Essa música foi feita para o Vinicius de Moraes, que estava entrando em seu penúltimo casamento. Foi um homem muito corajoso, casou-se nove vezes, mesmo!

Em outra música, *O Filho que eu Quero Ter*, Vinicius chorava quando concluiu a letra. Estávamos em Recife, na praia da Boa Viagem. Ao sair para a praia, eu disse que tinha vontade de ter um filho. E deixei com ele um tema musical. No fim da tarde, ao voltar da praia, encontrei Vinicius aos prantos, tomado pela emoção de ter escrito a letra de uma das mais comoventes canções criadas por nós.

Outra canção que me comove é *Choro Chorado pra Paulinho Nogueira*. Uma homenagem a esse meu grande mestre, inesquecível e grandioso ser humano. Paulinho havia feito a primeira parte desse choro. Depois de muito tempo, fiz a segunda parte e Vinicius fez a letra, dizendo com uma linda precisão poética da nossa relação de aluno e professor. Quando mostramos a ele a canção pronta, ah, ele vibrava de felicidade, parecia uma criança.

Vinicius e eu vivemos mais alegrias do que tristezas em nossa trajetória de dez anos de parceria. Numa excursão pela Argentina iniciada em fevereiro de 1976, também estavam no grupo a cantora Amélia Colares e o pianista Tenório Jr. A Argentina vivia mais um momento político delicado. Tumultos e insubordinações exigiam o exército nas ruas numa busca constante a conhecidos terroristas e outros suspeitos. Dois dias antes do golpe militar, o pianista Tenório Jr. saiu do hotel para comprar cigarros no bar da esquina, e sumiu, jamais foi encontrado. Todas as explicações para seu desaparecimento levam a imaginar que ele tenha sido confundido com alguém que precisava ser urgentemente *guardado*. Vinicius ainda permaneceu alguns dias na Argentina



Paulinho Nogueira, Toquinho e Vinicius (1976)

tentando esclarecer o caso e nada conseguiu. Esse marcante momento da perda de um colega de trabalho ficaria registrado por mim e Mutinho na música *Lembranças*, cuja letra se estende a tantos outros brasileiros, como nesse trecho: *Pedro seguiu seu caminho / Chico pediu pra ficar / Tenório saiu sozinho na noite / Sumiu / Ninguém soube explicar. / Outros amigos se foram / Guardando seus ideais / Entre verdade e delírio / Uns semearam saudade no exílio / Outros não voltam jamais.*

Em contraposição à perda do amigo, deu-se a descoberta de uma nova parceira de palco, a Simone, que começava a se destacar no cenário musical brasileiro. Naquela época, toda cantora que estava começando gostaria de trabalhar comigo e com Vinicius. Tinha sido assim com Maria Creuza, Marília Medalha, Clara Nunes. Todas que trabalharam com a gente estavam no começo da carreira. De certa forma, eu também estava no começo da carreira. No fundo, no fundo, Vinicius ajudou todo mundo, ele foi o catalisador disso tudo. O que ele falava soava numa dimensão especial, como um endosso de peso. Eu fui sendo inserido nisso tudo, até que nos tornamos uma unidade. Toquinho & Vinicius ou Vinicius & Toquinho eram um corpo só. Para mim passou a ser natural emprestar um pouco dessa aura especial para as pessoas. E com a Simone foi assim. Eu a vi cantar na TV e gostei daquela voz bonita e sua postura física. Eu nem a conhecia, ela fazia um *show* na Igrejinha, uma boate aqui em São Paulo. Fui lá num dia de ensaio e a convidei para fazer uma temporada comigo. Ela topou e começamos a trabalhar num grande giro pela Argentina, Uruguai, Chile, e no México, no finzinho, Vinicius fez uma parte com a gente. Depois continuamos, eu e ela, percorrendo todo interior de São Paulo e o Sul do Brasil. O curioso é que um dia ela me contou que quando eu a convidei para a temporada, ela tinha um *grilo* de trabalhar comigo porque achava que eu ia querer namorar com ela. Aí, perguntou ao Hermínio Belo de Carvalho o que ele achava, obtendo como resposta: *Vai lá, minha filha, trabalha para ver. Se ele te cantar, cantou.* Ah, mas é que vivemos um clima sempre muito bom, acima de tudo, profissional. Foi uma fase ótima, de trabalho gostoso, de viagens e *shows*. Era uma época tranquila para se trabalhar, sem problemas de grandes produções e despesas. Tudo era muito viável, até a exigência do público era menor. Íamos Simone, eu, baixo e bateria. E a Simone aparecia com uma força muito grande. Ela já tinha essa luz que tem até hoje.



Simone, Toquinho e Azeitona (1976)

15

Toquinho, Vinicius e Maria Creuza em Paris

Toquinho e Vinicius na Itália

O LP com Ornella Vanoni

Logo de início, meu trabalho com Vinicius ganhou uma característica internacional, com *shows* na Argentina e no Uruguai em sucessivas temporadas. Na Europa, começamos por Paris, em 1972, no Teatro Ranelagh, acompanhados de Maria Creuza. Não cabia mais ninguém na plateia. Um momento emocionante da temporada aconteceu quando Georges Moustaki apareceu no palco. Ele assistia ao *show* dos bastidores. A meu convite, sentou-se à mesa com Vinicius, dividindo a mesma estreita cadeira. Quase abraçados, cantaram a versão que ele, Moustaki, fez da nossa música *Cotidiano nº 2*.

Anos mais tarde, também ao lado de Maria Creuza, chegávamos ao Olympia de Paris. Casa considerada o ápice de uma carreira artística, o Olympia mantinha uma tradição: a primeira parte dos espetáculos lá realizados era destinada a artistas dos mais variados setores, desde circo até teatro de revista, preservando-se, evidentemente, a qualidade dos talentos. Tanto que a própria Elis Regina, quando lá se apresentou, o fez nesse espaço do *show*. Enquanto a segunda parte era sempre reservada a uma grande vedete ou a um grande nome internacional. E nós fomos os primeiros brasileiros a se apresentar nessa casa dispondo de todo o tempo do espetáculo, sem ter que dividir com outros artistas estrangeiros.

Na Itália, fizemos longas e marcantes temporadas. Mas era ainda uma época em que podíamos andar pelas ruas de braços dados, protegidos pelo anonimato. Fase em que curtíamos passear por Firenze, parecendo dois Beatles, cabelos compridos, casacos enormes, bonés e cachecóis. Vinicius adorava admirar as estátuas da Piazza della Signoria. Andávamos por aquelas ruelas, parávamos para falar com as pessoas. Entrávamos nos bares e comíamos presunto cru, pão e bebíamos vinho. E as ideias das músicas brotavam simples e despreensiosas.

Depois, a proteção do anonimato foi de desfazendo. Nossa música expandiu-se dos palcos para os discos. Ao longo dos anos, gravamos o LP infantil *L'arca di Noè*, com Sergio Endrigo; o LP *Per Vivere un Grande Amore*, em italiano; em Milão, quatro horas de estúdio, uma garrafa de uísque do lado, os técnicos no aquário, a colaboração especial dos maestros Bacalov e Bardotti, e nós cantando descontraidamente o que nos vinha à cabeça, originando o LP *Toquinho e Vinicius – O Poeta e o Violão*. Quem ouve esse disco pode pensar que estávamos sentados num banco de quintal, conversando

entre as músicas e cantando do jeitinho que todo mundo gosta de escutar, sem interrupção, delícias como *Marcha da Quarta-feira de Cinzas*, *Morena Flor*, *Chega de Saudade*, *Dora*, *Rosa Desfolhada*, *Januária*, *Insensatez*, *Tristeza*, *Canto de Ossanha*, *Berimbau*, *Consolação*, *Apelo*, *Garota de Ipanema*, *O Velho e a Flor* e *Nature Boy*.

Não é sem motivos que esse disco passa essa sensação, pois a ideia de gravá-lo nasceu de um momento de aconchego vivido junto a uma família napolitana. Estávamos em Nápoles, Vinicius, eu e um produtor italiano. Era um dia de sol, lá pelas três da tarde. Fomos com o carro desse produtor por uma estrada meio retirada. Procurávamos um restaurante para almoçar e não havia nenhum aberto. Então vimos uma flechinha e a explicação: COMIDA CASEIRA, e o nome do restaurante. Pegamos uma estradinha de pedra, tipo serra, e depois de muitas curvas e trechos de terra, a flecha apontava para uma casa muito modesta, com uma cerquinha viva que tapava umas cinco mesas bem simplórias, de madeira. Fogão a lenha à mostra, nós entramos. Havia ali uma família, já encerrando o serviço, passava das três da tarde. Ocupamos uma das mesas fora da casa num espaço coberto de plantas, um sonho. A família se aproximou, a mãe, o filho: *Hoje fizemos porpetas, uma massa...* Era tudo o que a gente queria. Eles serviam o que preparavam naquele dia. Começamos a beber um vinho, e, enquanto providenciavam a comida, eu e o Vinicius pegamos o violão, as pessoas ficaram curiosas.

Do interior de Nápoles, nunca tinham ouvido falar em música brasileira e muito menos o som de um violão brasileiro. *Somos cantores, compositores brasileiros. Vivemos no Brasil, um país da América do Sul, onde se faz uma música chamada samba.* Então começamos a cantar *Chega de Saudade* e outras músicas que eles nunca tinham ouvido. Para nós, era uma sensação fantástica poder cantar algo para alguém que nunca tinha ouvido aquela música, e muito menos sabiam quem eram Vinicius de Moraes e Toquinho. Passamos a cantar uma música atrás de outra, e eles se envolveram de maneira incrível. E nós, vivendo essa experiência num restaurante enfiado no mato, no interior de Nápoles. Então, o produtor que nos acompanhava ficou tão empolgado com a reação daquelas pessoas diante das músicas cantadas só com violão, e decidiu: *Vocês vão fazer um disco, assim, desse jeito,*

como foi essa experiência nesse restaurante. Vão entrar no estúdio e gravar uma fita como vocês cantaram para essa família. E fizemos isso, entramos no estúdio, porta fechada, ele acionou a fita e nos falou: *Cantem o que quiserem, mandem as músicas para quem vocês quiserem.* E deixou a fita rolando. Gravamos 4 horas de verdadeira liberdade e descontração. Como se estivéssemos naquele restaurante. Depois ele escolheu os melhores momentos da gravação. Então, esse foi o motivo desse disco e também o lado mais bonito e pitoresco dele. Saído de uma experiência singela e nova em nossas vidas, absolutamente única. Nunca havia tocado para pessoas que desconhecessem totalmente a música brasileira. Genial essa sensação.

Pouco tempo depois, fazímos incrível sucesso com o LP *La Voglia, la Pazzia, L'incoscienza, L'allegria*, um documento lírico definitivo, que gravamos com Ornella Vanoni: ...*Questo disco é um momento talmente magico per me!*, escrevia ela na contracapa. Cantando em todas as faixas, comigo ou com Vinicius, Ornella é parte integrante da magia desse disco, no mínimo magnífico. Um disco que foi sendo estruturado por mais de um ano entre telefonemas Brasil-Itália e vice-versa, escolha de músicos e repertório e acerto de centenas de detalhes. Passei um mês hospedado na casa de Ornella, uma casa linda na Via Appia, com jardins enormes. Fiquei ensaiando lá com ela e o Bardotti para que tudo saísse perfeito nas gravações. Contávamos com a disponibilidade das pessoas, e isso contribuiu para a qualidade do trabalho. Tudo foi feito com muita tranquilidade e tempo, o que, hoje, seria impossível.

O LP não só se tornou um dos mais importantes do ano como, até hoje, jamais saiu de catálogo, sendo ainda um grande sucesso em toda a Itália e em muitos outros países. As versões de Bardotti, estudioso da língua portuguesa e falando fluentemente nossa língua, traduzem fielmente o sentido das canções. Outro fator determinante para o sucesso do disco foi a presença de Ornella, grande responsável pelo prestígio e popularidade da música brasileira na Itália. Quando acabou de gravar *La Rosa Spogliata* (A Rosa Desfolhada), ela dizia que achava que não iria conseguir colocar voz tão rapidamente, pois ficava muito emocionada, trazia para ela uma coisa de

**ORNELLA VANONI
VINICIUS DE MORAES
TOQUINHO**

LA VOGLIA LA PAZZIA



paixão, martírio, agonia. O disco é todo emocionante. Parece que, nas expressões italianas, as palavras se desnudam mais, transparecendo a alma do lirismo, principalmente em canções como *Samba della Rosa*, *Samba in Prelúdio*, *Um altro Addio*, e nesse raro retrato do cotidiano, cada vez mais moderno, que é *Semáforo Rosso o Sinal Fechado*, de Paulinho da Viola. Sem dúvida, é esse disco, que carrega o selo RGE e foi gravado no Studio Fonit-Cetra, em Roma, um de nossos trabalhos mais felizes.

16

Mônica: Uma Paixão Incontrolável Mutinho: O Parceiro das Canções Íntimas

As mulheres foram protagonistas de várias encrencas na minha vida. Muitas dessas situações redundaram em deliciosos enredos, com fugas silenciosas, sem rastros nem destino. Eu não sabia dizer não, e acumulava-me de compromissos simultâneos. Muitas vezes tive de dublar a mim mesmo em alguns segundos para enfrentar encontros coincidentes e inesperados. Até que, numa noite de outubro de 1976, após um *show* em Belo Horizonte, no camarim do Teatro Francisco Nunes, deparei-me com a beleza de duas irmãs, Águeda e Mônica. Não estavam lá para um autógrafo, foram simplesmente para conhecer o pessoal do *show*.

Não era de meu feitio omitir-me diante de tais belezas, deixando-as escapar. Mais do que depressa, peguei o violão, e as convidei para jantar comigo.

No fim da noite, quem me deu o número do telefone da casa delas foi Águeda. Mas no dia seguinte, quem eu procurei foi Mônica, para passar a tarde, conversar, conhecer-nos melhor, essas coisas. No outro dia, ao subir a escadinha do avião no embarque para São Paulo, olhei para trás, ponderei, e não tive dúvidas: *Não vou pegar esse avião. O que eu quero mesmo é ficar por aqui!* Desci as escadas do avião, atravessei a pista e corri em direção à Mônica. O resultado é fácil concluir: paixão. Por onde passava, fosse qual fosse a cidade, interior de São Paulo, América, Europa, ligava para Mônica cada vez mais apaixonado. Outra viagem? Impossível suportar. Casamo-nos em abril de 1977. Em meio à cerimônia, ouvia-se, não a *Marcha nupcial*, mas uma gravação de fundo. Eu cantando uma música, *Canção pra Mônica*, que só um homem muito apaixonado seria capaz de escrever:

Deixa eu poder te mostrar / Os castelos de sonhos do lado de lá / As passagens secretas que vão nos levar / Aos jardins mais floridos que existem por lá. / Deixa eu poder te contar / As histórias de um reino, de um rei, de um lugar / De um tesouro esquecido num canto de mar / De um amante com medo do tempo passar. / Deixa eu poder distrair / Quem te guarda os segredos que eu vou descobrir / Quem te esconde as vontades tentando impedir / Que eu te acorde os desejos que vou possuir. / Deixa eu poder adormecer / Sem ter medos calados nem nada a esconder / Sem ter olhos parados olhando sem ver / Mergulhados num mundo proibido a você. / Deixa eu poder reclamar / Desse tempo passado sem te desfrutar / Sem sentir seu perfume, te ver, te tocar / Sem sonhar os teus sonhos nem neles estar. / Deixa eu poder mendigar / As migalhas do vento que vem te alisar / Se você num momento sem muito

pensar / Tenha os olhos atentos num outro lugar. / Deixa eu poder blasfemar / Se qualquer dia desses eu necessitar / Se buscando saídas eu me equivocar / E depois teu perdão eu tiver que implorar. / Deixa eu querer-te, mulher, / Dar-te tudo o que um dia você desejou / Terte sempre a meu lado como você é / E te amar como eu sou.

Canção pra Mônica confirmava minha parceria com Mutinho, iniciada com *Turbilhão*. Vários fatores contribuíam para essa parceria. Mutinho era o baterista que me acompanhava há muitos anos. As constantes viagens estreitavam a amizade entre nós. Dessas viagens resultou outra canção, *Escravo da Alegria*. Estávamos fazendo uma das temporadas universitárias pelo interior de Minas, viajando por aquelas estradas onde são frequentes enormes caminhões que carregam atrás faixas escritas com frases como se fossem poemas. Ultrapassando um desses caminhões, numa dessas frases estava escrito: *Se o amor é fantasia, eu me encontro em pleno carnaval*. Achei linda essa ideia, e eu estava em estado de graça, em plena paixão por Mônica. Então, chamei o Mutinho e fizemos um samba que, depois dessa frase linda, já estava praticamente feito. Era só procurar as palavras, a melodia, e colocar na ordem. E nasceu *Escravo da Alegria*, que é uma verdadeira declaração de amor à Mônica, mãe de meus dois filhos. A última estrofe da letra diz: *Ando escravo da alegria / Hoje em dia, minha gente, / Isso não é normal. / Se o amor é fantasia / Eu me encontro ultimamente / Em pleno carnaval*.

Sobrinho de Lupicínio Rodrigues, o baterista Mutinho trabalhou comigo por mais de vinte anos. A grande amizade entre nós fazia com que ele percebesse minhas emoções, mesmo aquelas ainda em ebulação. Tornou-se, então, meu parceiro nas canções mais íntimas, as quais eu dedico às pessoas mais próximas. Como foi o caso de *Ao que Vai Chegar*. Em 1984, o sonho de ser pai estava prestes a se concretizar. Iria chegar o Pedro, primeiro filho, e eu procurava um tema musical para recebê-lo. Mas parece que às vezes forma-se um hiato na cabeça do compositor, e, por mais que perseguidas, as notas musicais se escondem. Mais uma vez o amigo Mutinho tornou-se cúmplice nessa canção. Sabia que eu procurava uma melodia para o filho que ia nascer. Então, numa viagem que fazíamos de trem para Milão, mostrou-me um gravador e disse: *Escuta isso, é a música do Pedro*. Eu ouvi, fiz uma cara de felicidade e falei: *Estava faltando isso em minha vida!* Depois fiz a letra, que é linda. *Ao que Vai Chegar* é uma música muito importante para mim. É uma festa, uma festa utópica, é claro, preparada para essa pessoa



Toquinho e Mônica (Roma-1982)

especialíssima, para a qual temos um tipo de amor dentro da gente, que só sabemos e sentimos quando temos um filho. E antes disso, nem sabemos que esse amor existe. Quando vem essa criança e começamos a conviver com ela, a gente pensa: *Puxa, eu podia amar tanto mais e nem sabia....* Então, essa música é um pouco isso, a descoberta desse amor que eu tinha dentro de mim e que só aflorou com a presença desse ser estranho que passei a gostar tanto, que é meu filho Pedro. *Ao que Vai Chegar* tornou-se a música de abertura da novela da Globo, *Livre para Voar*.

*Voa, coração
A minha força te conduz
Que o sol de um novo amor
Em breve vai brilhar.
Vara a escuridão
Vai onde a noite esconde a luz
Clareia seu caminho
E acende seu olhar.
Vai onde a autora mora
E acorda um lindo dia
Colhe a mais bela flor
Que alguém já viu nascer
E não esqueça de trazer
Força e magia
O sonho, a fantasia
E a alegria de viver.
Voa, coração
Que ele não deve demorar
E tanta coisa mais quero lhe oferecer
O brilho da paixão
Pede a uma estrela pra emprestar
E traga junto a fé
Num novo amanhecer
Convida as luas
Cheia, minguante e crescente
E de onde se planta a paz
Da paz quero a raiz
E uma casinha lá onde mora o sol poente
Pra finalmente a gente
Simplesmente
Ser feliz.*

Mutinho é meu parceiro também na música dedicada à minha filha Jade, que nasceu em 1993. Há letras que brotam de emoções que transcendem à normalidade. Aconteceu quando escrevi essa *Canção pra Jade*:

*Desde quando eu te vi
Tudo ficou mais lindo:
A rua, a lua, o sol no céu luzindo.
Olhando teu olhar,
Ouvindo a tua voz
Chego a não crer,
A me surpreender, feliz, sorrindo.
Estrela singular
Da luz do amor nascida.
Antieclipse lunar da minha vida.
A cada passo teu
Segue meu coração,
Por entre os móveis,
Calçadas, parques e avenidas.
Viva cada instante, viva cada momento,
Proteja da razão teu sentimento.
Tente ser feliz enquanto
A tristeza estiver distraída.
Conte comigo
A cada segundo dessa vida.
E o tempo vai passar
Ao longo dessa estrada.
Novas histórias lhe serão então contadas.
E você vai crescer,
Sonhar, sorrir, sofrer
Entre vilões, moinhos, dragões e poucas fadas.*



Mutinho: o parceiro das canções íntimas

17

O Show do Canecão, em 1977: Vinicius, Tom Jobim, Toquinho e Miúcha

O ano de 1977, além do casamento com Mônica, me proporcionou o privilégio de participar, com Miúcha, de um reencontro derradeiro: Tom e Vinicius outra vez num palco, após 15 anos do antológico *Encontro no Bon Gourmet*, ao lado de João Gilberto e Os Cariocas, em 1962. Tom, Vinicius, Miúcha e eu conseguimos transformar o enorme palco do Canecão numa aconchegante sala de visitas durante quase oito meses de apresentações que alcançaram limites de público e permanência jamais igualados até hoje naquela casa de espetáculos. O show foi feito em tempo recorde. A ideia nasceu a partir do LP *Miúcha & Antônio Carlos Jobim*, lançado no começo de 1977. As músicas *Pela Luz dos Olhos Teus*, *Vai Levando* e *Maninha* faziam do disco um grande sucesso. Em cima disso, o Mário Priolli, dono do Canecão, resolveu fazer o show e convidou o Aloysio de Oliveira para cuidar da organização e da direção. Tiveram então a ideia de falar comigo e com Vinicius e juntar as duas duplas. A preparação do show foi feita em duas semanas. Ficamos praticamente morando no Canecão, nós quatro e o Aloysio.

Foi uma grande ideia a de formar as duas duplas, por todas as interligações que apresentavam. Aí, começamos a nos reunir para resolver o show, e aconteciam coisas impressionantes, uma verdadeira comédia. Então marcávamos encontro no Plataforma, grande churrascaria do Rio de Janeiro, para falar sobre o show. Começávamos a chegar às duas da tarde, mais ou menos. Aperitivos, vinha o almoço, e as bebidas continuavam. Ficávamos tocando violão, e só. Saímos às sete da noite, e não se decidia nada. O Aloysio era muito político e todo mundo tinha pruridos com o Tom Jobim, que teimava em cantar as coisas dele mais sofisticadas. E eu sugerindo sempre o mais simples, pois sabia o que era um show, já tinha uma experiência grande, e o Aloysio também defendia esse lado da simplicidade. O Vinicius ficava na dele, não se intrometia. Para ele, tudo estava bom, tudo era lindo. Eu vi que não ia dar, pois ninguém entrava direto no assunto. Um dia, então, deixei minha posição bem clara, que Tom cantasse *Corcovado*, *Garota de Ipanema*, *Água de Beber*, suas coisas mais conhecidas. Disse a ele: *As pessoas que vão assistir a um show em que você esteja, vão querer se deliciar com Wave, vão querer curtir você mostrando suas coisas grandiosas.*

Mesmo que se buscasse o mais simples, era uma tarefa penosa condensar apenas vinte e poucas músicas que pudessem representar toda a genialidade naquele palco. O Aloysio pediu que cada um fizesse uma lista das músicas que

deveriam entrar. Quando apresentamos a relação, percebemos que dava para um *show* de 4 horas. No dia seguinte ele apareceu com a concepção do *show*. Éramos quatro artistas e duas duplas que se intercalavam. Miúcha cantava com Tom, com Vinicius e comigo. Cada um de nós fazia dupla com o outro numa rotação o tempo todo. O roteiro foi feito nesse sentido. O que preocupava o Aloysio eram os papos do Vinicius com Tom. O que era para durar dez minutos às vezes se estendia até meia hora. Mas a plateia curtia tudo! O que se fazia naquele palco não tinha nenhuma preocupação de inovar, surpreender ou espantar. No entanto, encantava as pessoas. Era um *show* completo. Na retaguarda, uma tremenda orquestra de sopros, metais e outros sons regida pelo maestro Edson Frederico. Integrando todo esse grupo musical, um coro feminino: as outras três irmãs Buarque de Holanda, Beth, filha de Tom, Aninha, que depois se casou com Tom, Olívia Hime e Georgiana, filha de Vinicius.

Tudo foi uma festa, desde o primeiro ensaio até o último dia. O Canecão lotado o tempo inteiro, o contrato inicial era para dois meses, acabamos ficando sete. A alegria começava nos camarins com amigos e convidados. Bebia-se uma média de duas garrafas de uísque por noite. Depois do *show*, era jantar aqui e ali, todas as noites. Além disso, houve momentos de *canjas* antológicas. A noite em que, sem que ninguém soubesse, Roberto Carlos entrou cantando *Lygia*, desde a coxia, e foi cantá-la com o Tom. Foi muito bonito. Outra noite, Oscar Peterson subiu ao palco, improvisou, tocou *Wave* no piano. Foram duas aparições marcantes durante a temporada. Claro que esse *show* não se limitou ao Canecão. Em fevereiro de 1978 cumprimos uma temporada de um mês em Mar del Plata, na Argentina. De março a julho completamos os sete meses de Canecão. Depois, uma semana no Anhembi, em São Paulo, e, finalmente, o percurso pela Europa: mais de dez dias no Olympia de Paris, uma noite no Palladium de Londres e o giro pela Itália, além de gravarmos na Suíça um especial para a TV, considerado o melhor especial do ano.

No *show* do Olympia, em Paris, eu vivi uma grande emoção. O Baden estava sempre lá no teatro, todas as noites. Então, o Vinicius falava: *Chi, acho que o Badeco quer tocar com a gente, ele está sempre aqui. Vamos convidar o parceirinho pra tocar, né?* Convidamos, ele aceitou, claro, ensaiou e participou de três *shows* antológicos com a gente. Foram lindos esses *shows*, o Baden estava em plena forma. Ele entrava um pouco antes do final,









cantava uma música com Vinicius, tocava duas músicas, depois eu tocava duas músicas com ele. Aí, o Tom entrava e fazíamos o *Samba da Bênção*, que acabava o show. Era uma participação de uns 20 minutos do Baden, marcada de muita emoção. O show de despedida aconteceu em Firenze, no dia 11 de outubro de 1978. Fazia um frio terrível, até o violão desafinava. O espetáculo foi realizado num teatro-tenda, é como se fosse um circo com toda infraestrutura de teatro: palco, camarins, poltronas, piso adaptado, e a cobertura é em forma de tenda. Esse espetáculo ficou definitivamente marcado em nossas vidas como algo muito importante, pela qualidade das pessoas e pelas emoções vividas em um ano inteiro de trabalho. A choradeira da despedida valeu sob todos os pontos de vista: pelo sucesso, pelo carinho, pelas risadas. A Som Livre lançou um LP gravado ao vivo, contendo os melhores momentos daquele show no Canecão.

Toquinho, Jobim, Baden e Vinicius (Paris -1978)
Miúcha, Jobim, Vinicius, e Toquinho (Firenze -1978)

18

Parcerias com Carlos Vergueiro e Belchior 1979: O Derradeiro Show com Vinicius

Depois dessas temporadas de *shows*, percebia-se que Vinicius começava a declinar fisicamente. Porém, ninguém poderia imaginar que só lhe restavam 20 meses de vida. Esse declínio físico talvez até influísse na sua criatividade poética, pois nossa parceria, após um apogeu, agora deslizava por uma curva descendente. Meu trabalho com Vinicius já derivava muito mais para as apresentações em *shows* do que para a busca de novas composições.

Já não compúnhamos mais como antes. Mas era normal isso. Começa-se a correr o risco de se repetir. O grande desafio do compositor é fugir de sua própria sombra. O passado vai ficando grande, às vezes, maior do que a gente mesmo. Com o tempo, os achados e as ideias tendem a se tornar mais escassos. O grande desafio é quando você tem de compor e não pode se repetir. Tem de encontrar alternativas. Mesmo assim, eu não me jogava às cegas por novos parceiros. Ia dando continuidade à minha carreira de músico e compositor, ajustando-me às circunstâncias. Mesmo porque, por mais absorvente que fosse compor e trabalhar com Vinicius, sempre sobrava tempo e inspiração para experiências com outros letristas e músicos. Carlinhos Vergueiro faz parte dessa sequência. Ainda com Vinicius, participara da criação de *Por Que Será?*. Depois, batalhas futebolísticas de nosso time, Namorados da Noite, serviram de tema para *Camisa Molhada*, que resgata de todo amante de futebol de várzea lembranças incomparáveis em prazer, dor e alegria: *O domingo é de guerra / O campo é terra / O boteco é do lado. / Na hora marcada / A meia rasgada / O joelho ralado....* Fizemos outra canção, *Lições de vida: Lá vem você com lições de vida / Logo você, tão dividida / Um dia nega, um dia dá / De noite entrega depois de manhã vem cobrar...* E aí vai. Por essa época, conheci Belchior e fizemos seis canções. Uma delas, *Pequeno Perfil de um Cidadão Comum*, conseguiu algum destaque.

Conheci Belchior em São Paulo, no restaurante Carreta. Depois convidei-o para jantar lá em casa, começamos a improvisar no violão, e fiquei logo ligado no estilo agressivo dele. Éramos complementares um do outro: ele, mais o verbo, a ousadia, a passionaldade. Eu, mais o sossego, o arcabouço musical, o cuidado técnico. Belchior é um cara extremamente profissional, um trabalhador incansável. Meu tempo é bem menos acelerado que o dele. Encontramos um meio-termo, um entrou na personalidade do outro.

Show 10 Anos de Parceria (1979)
Vinicius, Azeitona (contrabaixo), Mutinho (bateria),
Toquinho, Papete (percussão), As Moendas
Vinicius e Toquinho



Gravei essas músicas com aquele ritmo que identifica meu trabalho, com meu violão e minha concepção musical, e não saberia fazer de outra forma. Tenho certeza que se Belchior tivesse gravado qualquer uma dessas músicas, teria feito completamente diferente. Entretanto, somos pais das mesmas crianças.

No dia 5 de abril de 1979, Vinicius e eu estreávamos no TUCA o *show* comemorativo dos 10 anos de nossa parceria. O branco era a cor da magia que predominava naquele palco. Apesar dos dez anos, éramos movidos por uma única cronologia, a do prazer de ter criado cerca de cem canções, ter gravado perto de 23 LPs e ter feito mais de mil *shows*. Incrível como Vinicius remoçara em menos de um ano. Uma vitalidade recuperada pelo encontro com Gilda, que seria sua derradeira mulher. Ele era o comandante do espetáculo, mas era sempre eu quem alinhavava as retaguardas. A começar pelos discos, Vinicius ia só para colocar voz. Ele acabava as letras, olhava o repertório, e pronto. Aí, eu ia trabalhar as bases com o maestro, cuidar dos arranjos. Quando estava tudo em ordem, chamava o Vinicius para botar a voz. Sempre foi assim em todos os discos. Em *shows*, ele participava mais, montava o roteiro comigo. Mas o *show* dos 10 anos teve a direção do Fernando Faro.

Foi um *show* muito bonito, com cenários especiais, *slides*, etc. Ficamos um mês no TUCA, em São Paulo, depois percorremos ginásios e teatros do Brasil inteiro, com muito sucesso, sempre com casas lotadas. Esse *show* originou o LP *10 Anos de Toquinho & Vinicius*, com 28 músicas e alguns textos falados por Vinicius. Azeitona no contrabaixo, Mutinho na bateria, o percussionista Papete, o saxofonista Pestana e o conjunto As Moendas participavam desse *show*. Vinicius, atrás de uma mesinha, com seu inseparável uisquinho, distribuía bêncãos a todos. A cada noite, não se podia evitar a invasão dos camarins.

19

O Disco *Um pouco de Ilusão* A Morte de Vinicius

Depois de tanta festa, no encerramento da temporada do *show* dos 10 anos, a noite de 29 de julho de 1979 marcaria a derradeira atuação de Vinicius de Moraes num palco. Necessitando de um descanso, rumou para a Europa em companhia de Gilda, sua mulher. Na Itália, Vinicius começou a revelar irritações e sonolências incomuns. Consultado um neurologista, acometido por uma isquemia cerebral. Permaneceu uns 20 dias na Clínica São Vicente, no Rio de Janeiro, e no Natal já estava em casa. Apresentava algumas sequelas faciais, havia emagrecido muito e aos poucos voltava a uma vida quase normal. Até que teve uma segunda isquemia, em São Paulo, em minha casa, no dia da festa do lançamento na gravadora Ariola no Brasil.

Nós fomos, na época, os primeiros artistas brasileiros a ser contratados pela Ariola com o disco *Um Pouco de Ilusão*, o último a revelar a participação de Vinicius em vida. Compromissos contratuais impuseram a gravação desse disco enquanto Vinicius recuperava-se da primeira isquemia. Sem condições vocais e físicas de participar por inteiro, manobras e até sacrifícios cercaram a inclusão dele nesse trabalho. Nos discos anteriores, ele e eu cantávamos dobrando as próprias vozes, isto é, usávamos dois canais cada um, gravávamos em quatro canais. Devido a esse sistema, o som das seis vozes, só minhas, ficou parecido com o som dos outros discos da dupla. Daí a forte impressão da presença de Vinicius.

A morte chegou para Vinicius totalmente inesperada na manhã de 9 de julho de 1980. No início, eu me senti um objeto da blasfêmia. Depois, passei a considerar um privilégio ter sido eu o escolhido para vivenciar as últimas horas do poeta. Naquela ocasião, estava hospedado na casa de Vinicius, pois eu fazia uma temporada de *shows* com Francis Hime e Maria Creuza no Teatro da Galeria, em Botafogo. Vinicius chegou a ver esse *show*. Ele tinha sido operado fazia uns dois meses e havia melhorado um pouco. Mas passava momentos de esquecimentos, perdia a coordenação motora para comer. Ele percebia isso, sentindo a própria decadência física, e sofria muito, tanto quanto as pessoas que estavam ao lado dele. Era complicado conviver com Vinicius nessa situação. Aquela cabeça tão brilhante não respondendo coisa com coisa, era muito ruim. E ao mesmo tempo ele atravessava momentos muito bons, com disposição inclusive para fazer músicas. Hospedado na casa dele, vivenciava de perto essas alterações. Só que eu saía todas as noites para fazer o *show*, voltando de madrugada. Mas havia um intervalo sem *show*, nas segundas e terças-feiras, quando eu aproveitava e vinha para São Paulo.

Porém, naquela semana eu fiquei lá no Rio, pois no domingo, dia 6, foi meu aniversário e Vinicius convidou os médicos que tratavam dele e mais uns amigos e improvisou lá uma festinha para mim. Então, aconteceu que, na terça-feira, dia 8, misteriosamente, eu não saí, fiquei em casa. E o tempo foi passando, começamos a ver o jornal da TV, estávamos eu, Vinicius, a Gilda e Dona Rosinha, uma mulher tão boa, já da família, que trabalhava lá na casa há muito tempo, fazia tudo para Vinicius. Ficamos fofocando tanto naquela noite, o Papa João Paulo II estava no Brasil e Vinicius tinha uma grande simpatia por ele, e o imitava o tempo inteiro: *Méos caros irmãos...* Falávamos de um, de outro, relembrando pessoas e situações. Peguei o violão e começamos a tocar músicas antigas, revivendo coisas que há tempos não cantávamos.

Lá pelas onze horas, Gilda e Dona Rosinha foram dormir e ficamos Vinicius e eu na sala, vendo TV baixinho e tocando violão num sofá de couro, ele sentado do meu lado direito, brincando o tempo todo. Só que, às vezes, dava aquele branco silencioso, quando ele ficava parado, olhando sem ver. Entre meia-noite e uma hora ele foi para a cozinha, esquentou um franguinho e comemos lá na cozinha mesmo, pegando direto na panela, um negócio tão gostoso. Ainda voltamos para a sala e ficamos até as quatro da manhã conversando, tocando violão e palpitando sobre o disco *Arca de Noé* nº 2, que estava para ser gravado. Assim ficamos, das sete da noite até às quatro da manhã, juntos. Uma coisa estranha, porque não fazíamos isso há muito tempo. Só ele e eu, mais ninguém. Aí, lá pelas quatro horas, bateu o sono e resolvemos subir para dormir. Meu quarto era logo o primeiro do corredor, em frente ao estúdio. Na sequência tinha o banheiro e o quarto do Vinicius. Enquanto ele seguiu para o quarto dele, eu entrei no estúdio para telefonar para Mônica, eram umas quatro e meia. Aí, durante minha conversa com ela, o Vinicius apareceu na porta do estúdio pensando que eu falasse com ele: *Ô, Toco, está precisando de alguma coisa?*, ele me perguntou. Respondi que não, que estava falando com Mônica. *Ah, então tudo bem*, ele me disse, *Vou tomar um banho de banheira*. Ele foi para o banheiro, ao lado do meu quarto, e após o telefonema eu fui dormir. Dona Rosinha acordava sempre muito cedo e preparava o café ou um chá para o Vinicius. Ela fazia tudo para ele, o que ele precisasse, pedia para Dona Rosinha. Como ele deixava a torneira aberta para que a água da banheira se renovasse, Dona Rosinha ouviu o barulho da água e foi levar o chá para ele no banheiro, o que acontecia com frequência. Às vezes ela o encontrava dormindo na banheira. Naquela manhã, pensando que ele dormia, tentou acordá-lo. Ele já estava passando mal. Foi então que ela bateu na porta do meu quarto, me acordando: *Ô Toquinho, Seu Vinicius tá mal, Seu Vinicius tá*

mal! Eram em torno de umas sete horas, levantei-me correndo e fui para o banheiro. A Gilda já estava chorando, lá embaixo. E ficamos eu e Dona Rosinha lá no banheiro. Olhei o Vinicius na banheira, meio deitado, pernas cruzadas, cabeça caída para o lado direito, respiração ofegante, já roncando. Batia no rosto dele, chamava-o pelo nome, e percebi que ele estava absolutamente inconsciente, com a respiração cada vez mais ofegante. Corri para o telefone, liguei para a Clínica São Vicente solicitando uma ambulância imediatamente. A clínica ficava perto da casa, mas foram sete ou oito minutos realmente terríveis, pois eu não sabia o que fazer. Na banheira, o Vinicius daquele jeito. Sacudia ele, batia na cara dele, olhava pela janela se a ambulância chegava. Fui percebendo, então, que o Vinicius respirava só de vez em quando, de forma bem espaçada. Dava uma respirada e parava. *Deve estar morrendo, o Vinicius*, pensei. Eu não sabia o que fazer, não podia fazer nada. Um remédio, alguma coisa, não tinha nada! Aí, num instante em que eu descia a escada à procura nem sei de quê, deparei com um médico subindo, às pressas. Entrei com ele no banheiro, ele pegou no pulso do Vinicius, apalpou-lhe o pescoço, olhou para mim e falou: *Ele deve ter morrido há menos de três minutos*. Então, fiquei lá, olhando o Vinicius.

Que situação estranha, ver o Vinicius morto! Eu, um médico que eu jamais tinha visto e o Vinicius morto, ali na banheira. Colocamos ele na cama e aí fiquei muito com ele, lá na cama. Permaneci muito frio esse tempo todo. Ficava observando demoradamente ele morto, na cama. Os pés, as mãos dele, que eu não ia ver nunca mais. Era a última vez. Olhava em torno, as coisas do quarto dele. Sabia que aquela casa ia ser fechada, talvez vendida. Tudo lá representava o final de um tempo, final de uma fase, final de tantas coisas... Apesar de todas essas emoções muito fortes, eu tentava me manter racional. Procurei os documentos dele, fui até a clínica cuidar do atestado de óbito, essas coisas chatas de fazer. Voltei para casa, e aí foi um dia de louco. Começaram a chegar as pessoas da família, jornais, TVs, e todos ligando a cada minuto. Decidi que não ia sair de lá, mas também não ia falar com ninguém. Fiquei lá, passei no velório, mas não fui ao enterro, preferi não ir. Já no dia seguinte, Francis, Creuza e eu decidimos que nosso *show* tinha de continuar, era o que Vinicius queria, com certeza. E nos dias subsequentes eu permaneci dormindo lá na casa, sozinho, sem impressão nenhuma. Quando voltava, de madrugada, ia subindo a escadaria daquele morro que dá acesso à casa, e ia imaginando: *Hoje o Vinicius vai estar me esperando, sentadinho no sofá dele. Hoje ele vai estar lá!* Abria a porta, olhava para o sofá, e o Vinicius não estava, claro. O sofá estava vazio...

20

Sem Vinicius: A Falta do Amigo O Susto da Fratura na Mão Direita O Surpreendente Sucesso na Itália

Como Vinicius viajava muito, logo depois da morte dele, às vezes me parecia que ele estava em Roma, ou Paris, ou Petrópolis, e a qualquer momento ele ia me telefonar. Mas ele havia morrido, mesmo, e começou a inevitável cobrança: *E agora, Toquinho? O que será de você, sozinho, sem Vinicius?* Artisticamente, eu continuaria, pois é uma coisa inteiramente normal de acontecer. Claro que eu não esperava a morte de Vinicius, mas já contava com a ausência dele em minha vida profissional, porque ele já não estava bem de saúde, a criatividade da dupla diminuíra. Nos últimos tempos, mesmo sem um trabalho intenso, tivemos o melhor relacionamento, uma fase de aceitação plena. No nosso último LP, *Um pouco de Ilusão*, a música que *segurou* o disco foi *Escravo da Alegria*, feita com Mutinho, cuja letra é minha. Depois desse disco, eu não via mais possibilidade de gravarmos um disco inteiro com músicas nossas, a fonte estava secando. Há alguns anos vínhamos sentindo essa dificuldade. Houve um desgaste natural. Vinicius foi o maior parceiro que tive, e dificilmente deixará de ser, pois é muito difícil trabalhar com uma pessoa durante 11 anos, fazer perto de 100 canções e mais de 20 LPs, uma coisa rara de acontecer outra vez. Vinicius representou uma das fases mais importantes de minha vida, e que deu muito certo. Fase que passou, mas que marcou muito, pois foi uma sequência de músicas que poucos autores têm a oportunidade de fazer. Porém, quando Vinicius morreu, eu já estava trabalhando com Francis Hime e Maria Creuza, em pleno andamento do show. Mesmo antes da morte dele, eu curtia a necessidade de trilhar um caminho sozinho. Que poderia ser com algum parceiro ou comigo mesmo, porque, no fundo, eu gostava das letras que fazia para minhas próprias melodias. Até com Vinicius eu discutia muito sobre as ideias das canções. Então, esse caminho profissional sem Vinicius, já havia sido meio que traçado ou ensaiado por mim. Do que mais sinto falta, mesmo, é do lado humano, da amizade. Vinicius me faz muita falta como pessoa. O Vinicius do almoço, do uísque no fim da tarde, do jantar, das confusões. Sinto falta das conversas, da convivência. Sinto falta do amigo, do irmão que eu tinha nele, e não tenho mais. Essa ausência me atinge de uma forma dolorosa, é irrecuperável, um vácuo que não será preenchido por ninguém.

Além da morte de Vinicius, o ano de 1980 causou-me outra situação de angústia. Num jogo de futebol, fraturei um dos dedos da mão direita. Não foi mole aquela brincadeira. E o mais irônico, é que aconteceu em meio

a uma festa promovida pela Ariola para comemorar o Disco de Ouro *Arca de Noé*, que alcançara a venda de 200.000 cópias. Houve, então, um jogo de futebol dos produtores contra os artistas, todos amigos. Num lance inteiramente casual, eu fui derrubado, e no apoio da queda deu-se a fratura, uma luxação exposta no dedão da mão direita. Fui operado pelo Dr. Nova Monteiro, no Rio, no mesmo dia do jogo. Fiquei um mês com a mão gessada o que atingiu profundamente meu lado psicológico, porque o violão é meu equilíbrio, meu psicanalista. Tive de ficar afastado dele, e isso afetou também o lado financeiro, pois deixei de fazer uma temporada longa com o Baden. Seriam 10 dias no Olympia de Paris, depois em cinco principais cidades da Itália, e mais Espanha, Portugal e Suíça, num total de 24 shows com organização europeia. Oportunidade importantíssima, artística e financeiramente. Fora o prazer de tocar com o Baden. Mas fui compensado pela turnê que fiz sozinho em abril de 1981. Constatou-se então um sucesso enorme, surpreendente, maior do que quando eu fazia com Vinicius, algo inexplicável. De repente os teatros lotavam de forma impressionante, o público aplaudia de pé, deixando mais claro o potencial que eu tinha na Europa e não sabia. Em todos eles, no encerramento do espetáculo, eu tinha de voltar para vários *bis*. O público exigia, demonstrando vivamente a intenção de não ir embora. Ao meu lado, no palco, contava com velhos e novos companheiros: Azeitona no baixo, Mutinho na bateria, Roberto Sion no sax e na flauta, e outro que impressionava notavelmente os italianos, o percussionista Papete. O berimbau de Papete encantava a plateia italiana, principalmente quando fazíamos um diálogo-solo entre berimbau e violão. Eu conservava o que aprendera com Vinicius, manter uma presença feminina no palco. Desta vez era Jane Duboc, que os italianos classificavam como um *feliz espanto*. Ela mostrava toda sua competência vocal quando solava comigo o choro *Odeon*, de Ernesto Nazaré. Um momento verdadeiramente belo no espetáculo.

21

Doce Vida: Um Disco de Transição Novos Parceiros: Francis Hime e Cacaso

Viagens, shows e discos viraram uma constância em minha vida. Eu prosseguia em meu percurso musical, e o show *Doce Vida* estreou no TUCA em agosto de 1981. Além da voz de Jane Duboc, eu era acompanhado de uma riquíssima base instrumental: dois excelentes percussionistas, Djalma Correia e Papete, a bateria de Mutinho, o baixo de Azeitona e o sax de Roberto Sion. A dinâmica emocional do show fora projetada mais uma vez pela direção de Fernando Faro, que dizia que o diretor é como um cirurgião que tem de usar o bisturi, cortar isso ou aquilo, fazer sangrar, às vezes a contragosto, mas é preciso, para mexer com as emoções das pessoas. E mexia. Tanto nos momentos mais descontraídos, eu com Jane Duboc cantando algumas canções infantis da *Arca de Noé* quanto nos instantes de tensões afetivas, quando revivíamos o desaparecimento do pianista Tenório Jr. na canção *Lembranças*, ou quando, com grande emoção, eu interpretava a música *Meu Irmão*. Essa canção nasceu após a primeira leitura que fiz do livro do meu irmão, *Minha Profissão é Andar*, no qual o João fala abertamente de como a paraplegia afetou a vida dele, da família e dos amigos, mostrando uma incrível determinação e força de vontade na superação dos mais difíceis obstáculos para voltar a viver uma vida normal. E o comentário que ele me pediu que fizesse sobre o livro, resolvi fazê-lo com essa canção, cuja letra diz:

*Meu irmão
Faz muito tempo faz
Que eu não te canto
Uma canção. Que eu não te conto uma aventura
Um sonho, uma ilusão.
Que eu não me sento calmamente
Junto com você
O tempo passa*

*Meu irmão
Comigo os dias normalmente
Cumprem sua função
Entre sinuca, futebol
Amor e violão
Mas quando o tempo escurece*

*Vêm os temporais
E nem blasfêmias, crenças, preces
Não ajudam mais
E a gente perde a paz
Aí eu lembro de você
E essa lembrança me agiganta
Me faz vencer a dor
E quando caio me levanta
Me faz conter o tempo
E põe o mundo inteiro
Em minhas mãos
Você meu grande herói
Mais poderoso que o inimigo
Você constante amigo
Meu distante companheiro
Você que o tempo inteiro
Não tem medo do perigo, não.*

Essa canção foi gravada no LP *Doce Vida*, um disco marcante em minha carreira. Foi o primeiro trabalho individual depois da morte de Vinicius. A simples ausência de Vinicius já resultaria num disco diferente. Eu e o produtor Fernando Faro fizemos questão de acentuar essa diferença. Optou-se, então, pelo arranjador e maestro César Camargo Mariano, uma qualidade significativa, porém, outra escola, ligada aos sons eletrônicos, um jeito de vestir harmonicamente cada música de forma muito especial. Era isso o que eu queria. É lógico que os onze anos de parceria com Vinicius marcaram muito meu trabalho de uma simplicidade despretensiosa, algo acentuadamente acústico, com meu violão centrando tudo. Nesse disco, o violão passou a ser um complemento de uma idéia de arranjo. O César Mariano me ajudou bastante com seus arranjos, dando um clima novo, diferente. Numa síntese, esse disco mostra minha maneira de ser, minha característica de dar continuidade às coisas, **ir fazendo**. Esse disco representa uma continuação das coisas. Tudo era uma tentativa de caminhos novos e uma consolidação.

Mas, ao mesmo tempo, era como se você mudasse o tipo de roupa que costumava usar. Eu havia utilizado durante 10 anos um sistema de som para cantar e gravar. Então, tive de ficar sozinho. É claro que tinha uma segurança musical, porque eu tocava, mas não existe uma garantia boa para tudo. Eu precisava provar para as pessoas que tinha condições de ir sozinho nesse caminho, trilhar uma carreira ao lado de outros compositores. Tinha de mostrar isso para a gravadora, para o público, para mim mesmo. Porém, sentia que devia passar por isso tudo sem me deixar envolver por uma preocupação angustiante, capaz até de bloquear qualquer investida. De que forma agir, então? Ir em frente, com firme intenção, mas deixar-se levar um pouco por uma certa *irresponsabilidade*. Fazer o melhor que puder. Dedicar-se, mas sem análises muito profundas. Sempre tive isso comigo e me impulsiona muito. Assim foi feito o disco *Doce Vida*. Quanto aos parceiros, não saí pelas ruas à cata de alguém que substituisse Vinicius, porque é impossível. Fui compondo nas circunstâncias que os parceiros iam aparecendo, e comigo mesmo, com tudo que aprendi nos anos passados. Esse é um disco de transição, um início de caminho novo. São duas, na verdade, as parcerias inauguradas nesse disco: com Francis Hime, na música *Doce Vida*; e com Cacaso, três composições: *1 x 1*, *Segunda Mão* e *Francamente*. Eu canto *Na Terra*,

no Céu e no Mar com a colaboração de Elba Ramalho. E, em *Deixa Acontecer*, uma curiosidade: a música é de Vinicius, que morreu antes de fazer a letra, e que, posteriormente, foi composta por mim. Então, *Deixa Acontecer* acabou se constituindo na derradeira criação de Toquinho/Vinicius, ironicamente, com funções inversas: eu como letrista e ele como músico. Era como um aceno de saudade ao amigo que fazia tanta falta. Como se eu o alertasse: *Olha, velho, você continua aqui com a gente*. Quem sabe a ideia não tivesse sido mesmo essa, de conservar um pouco mais Vinicius nos discos. E porque, de todo jeito, era uma música nova, minha e dele. Inclusive, a letra tem muito a ver com Vinicius: *Deixa Acontecer...* Mas já fala um pouco do amor como eu via: *O amor, essa coisa incontida / Desarruma a cama e a vida / Nos fere, maltrata e seduz / É feito uma estrela cadente / Que risca o caminho da gente / Nos enche de força e luz...* Um tema bonito, um samba como os de antigamente. Nasceu no estúdio de gravação, na Itália, quando gravávamos o disco com Ornella, em 1976. Tínhamos saído para jantar, bebido muito vinho. Quando voltamos ao estúdio para botar a voz, Vinicius, meio de porrinho, entrou e começou a cantarolar esse tema. Acho que o Bardotti gravou enquanto ele cantarolava. Não me lembro como retomei o tema, se foi de memória, se desenvolvi uma segunda parte. O fato é que ele nasceu de Vinicius e depois que ele morreu eu fiz a letra.

22 A Europa de Portas Abertas Aquarela: Uma Canção Mágica O Show Canta Brasil no Teatro Sistina

Eu sentia que precisava evoluir como letrista e ganhar definitivamente o mercado internacional como instrumentista. Até a excursão pela Itália, em 1981, eu não conhecia a dimensão de meu público. Quando me apresentava com Vinicius, não havia essa preocupação. Mas naquele giro pela Europa, o sucesso que fiz, especialmente na Itália, talvez viesse comprovar que meu caminho fosse mesmo o de seguir sozinho. Mas com o Vinicius vivo, isso seria praticamente impossível, por causa do nosso trabalho. E o acaso acabou me proporcionando essa possibilidade. E na Europa a coisa é diferente. Lá, eles me veem como um *cantautore*, aquele que canta suas próprias canções. Com a diferença de eu ser também um violonista já há muito tempo bem conceituado por eles. Antes de mais nada, tenho consciência de que sou essencialmente um violonista. O compositor e o cantor foram consequência do instrumentista.

Daí, uma única certeza: a constante dedicação ao estudo do violão e ao aperfeiçoamento da técnica me levaria a vislumbrar caminhos e a percorrê-los com segurança. Em julho de 1981, havia participado do 15º Festival Internacional de Jazz de Montreux, para mais de 3 mil pessoas. Naquela ocasião, a noite brasileira contou com Elba Ramalho, que fazia sua estreia internacional, pelo lançamento de Moraes Moreira na Europa e pela minha apresentação, que foi, modéstia a parte, consagradora, fortíssima em aplausos e exigências de *bis*.

Durante o sucesso da temporada de 1981 eu comecei a viver na Itália uma experiência engraçada: estava estourando lá fora, sozinho, e aqui no Brasil a realidade era outra, ninguém sabia do que estava acontecendo lá. Era uma empolgação popular, eles estavam me descobrindo. Só que, antes que aqui. Até que o empresário Franco Fontana, depois dessa turnê de 81, teve o discernimento de propor um trabalho discográfico que me introduzisse definitivamente no mercado italiano. Foi assim que, em 1982, voltei para mais uma temporada de *shows* e para gravar um disco. No *show*, além dos músicos tradicionais, levava dessa vez Luciana Rabelo no cavaquinho e um coro formado por três cantoras: Eliana, Bel e Silvia Maria. Era um sucesso impressionante.



E eu não fazia nada mais do que aplicar o que havia aprendido até então: agarrar a vida e a música com naturalidade e alegria, do jeito que elas chegam. Antepor o aspecto humano aos detalhes materiais, à perfeição técnica e a todas as outras coisas. Havendo amizade, as coisas boas, antes ou depois, virão por si mesmas. O sucesso retumbante do *show* nos fez permanecer na Itália durante o Natal e o Ano-Novo, o que, evidentemente, estava longe de ser um castigo.

Animado por tudo isso, Franco Fontana, que havia criado a etiqueta *Maracana*, objetivando diretamente a música brasileira, resolvera gravar um disco, no qual eu cantaria músicas novas. Para isso, escolheu o músico italiano Maurizio Fabrizio, que havia vencido o Festival de Sanremo e que, na visão de Franco,

Toquinho jogando futebol de botão com Falcão (Roma -1982)

concentrava características musicais semelhantes às minhas. Quando o Franco decidiu investir nesse disco, a grande controvérsia era a parceria. Então, ele arriscou no Maurizio Fabrizio. Eu não sabia quem era o Maurizio, não o conhecia, nunca o tinha visto. Maurizio veio para São Paulo, fui buscá-lo no aeroporto, fomos para casa e ele dormiu um pouco. Quando acordou, almoçamos – isso no dia em que ele chegou – e eu tinha uma pianolinha, uma coisinha ridícula – ele toca piano – então, peguei meu violão e disse: *Nós temos que fazer músicas. Vamos combinar uma coisa: o que você não gostar daquilo que eu faço, me fala. E o que eu não gostar do que você faz, eu falo. Tudo bem?*? Ele concordou e começou a mostrar uma música. Achei meio chata a primeira parte, mas quando ele entrou na segunda parte, eu gostei, lembrava a primeira parte de *Uma rosa em minha mão*, que fiz com Vinicius, em 1974, para a novela *Fogo sobre Terra*, da Globo. Então, toquei para ele, que, em seguida, começou com a segunda parte da música dele. Uma se encaixou na outra, naturalmente, na primeira tentativa, era a primeira música que ele me mostrava... Assim, gastamos nem cinco minutos para fazer a música que seria conhecida como *Acquarello*, em italiano, que é a nossa *Aquarela*. Achei bonita, me animei, e nos outros dias fizemos umas oito melodias. Maurizio voltou para a Itália para criar os arranjos e trabalhar com o letrista, o Guido Morra, que fez as letras de todas as nossas canções. Quando cheguei à Itália, em novembro de 1982, para fazer a temporada de shows e gravar o disco, nunca me esqueço, estava num restaurante e eles apareceram com todas as letras já datilografadas. Então, me mostraram todas as letras em italiano e, por fim, a última: *Acquarello*. Achei o nome bonito, e comecei a ler, ficando impressionado com a criatividade daquela letra, admirando o surrealismo das ideias. Havia um senso de humor que fascinava fazendo com que a dimensão da melodia aumentasse. Já pressentia que era o caso daquelas canções que ficam maiores que o próprio autor.

*Sopra um foglio di carta lo vedi il sole giallo
Ma se piove due segni di biro ti danno un ombrello
Gli alberi non son altro Che fiaschi di vino girati
Se ci metti due tipi là sotto saranno ubriachi*

*L'erba è sempre verde e se vedi un punto lontano
Non si scappa o è il buon Dio o è un gabbiano che va
Verso il mare a volare*

*Ed il mare è tutto blu
E una nave a navigare ha una vela non di più
Ma sott'acqua i pesci sanno dove andare
Dove gli pare non dove vuoi tu
Ed il cielo sta a guardare
Ed il cielo è sempre blu
C'è um aereo lassù in alto
E l'aereo scende giù
C'è chi a terra lo saluta con la mano
Va piano fuori da um bar
Chissà dove va.*

*Sopra un foglio di carta lo vedi chi viaggia in un treno
Son tre buoni amici che mangiano e parlano piano
Da un'America all'altra è uno scherzo ci vuole un secondo
Basta fare un bel cerchio ed ecco che hai tutto il mondo
Un ragazzo cammina cammina arriva ad un muro
Chiude gli occhi un momento e davanti si vede il futuro già.
E il futuro è un'astronave
Che non há tempo nè pietà
Va su Marte va dove vuole
Niente mai lo sai la fermerà
Se ci viene incontro non fa rumore
Non chiede amore e non ne dà
Continuiamo a suonare
Lavorare in città
Noi che abbiamo un pò di paura*

*Ma la paura passerà
Siamo tutti in ballo siamo sul più bello
In un acquarello che scolorirà, che scolorirà.*

*Spra un flogio di carta lo vedi il sole giallo ma scolorirà
E se piove due segni di biro ti danno un ombrello che scolorirà
Basta fare un bel cerchio ed ecco che hai tutto un mondo
Che scolorirà.*

É uma letra mágica: desperta a criança que carregamos dentro de nós, reforça o romantismo da amizade, aviva as delícias de se ganhar o mundo com a rapidez moderna, e, por fim, nos alerta para o enigma do futuro que guarda em seu bojo a implacável ação do tempo, fazendo tudo perder a cor, perder o viço, perder a força. Gravei o disco e fizemos o lançamento em Sanremo. Depois da primeira apresentação de *Acquarello*, começaram a pipocar comentários os mais maravilhosos, o disco saiu com 30 mil cópias, que se esgotaram no segundo dia. Essa música tem realmente um aspecto emocional muito forte, um apelo comercial, as pessoas ouvem e se envolvem. De repente, o Franco passou a me telefonar: *Olha, a música estourou por aqui, está nos primeiros lugares das paradas.* Voltei lá para fazer promoção, aí, ninguém segurou mais. Fui o primeiro artista brasileiro a ganhar um Disco de Ouro na Itália – 100 mil cópias, como aqui. Virei artista popular fora do Brasil, reconhecido nas ruas. O porteiro do hotel me pedia autógrafo, o motorista do táxi me elogiava, a faxineira cantava minha música. E por aqui, ninguém conhecia a música e nem sabia do Disco de Ouro! *Não é possível que isso esteja acontecendo em minha vida*, eu pensava. *Um baita sucesso na Itália, e no Brasil ninguém sabe disso!* Eu mesmo nem acreditava muito, porque Vinicius tinha morrido e, de repente, eu me via fazendo sucesso em outro país, como nunca conseguira na época dele, com Disco de Ouro e tudo! Eu me lembro quando me telefonaram da gravadora, aqui no Brasil: *Escuta, chegou um fax da Itália, deve ser um engano, dizendo que você ganhou um Disco de Ouro, lá?* Era verdade! Então resolveu-se gravar a música em português. Quando conheci a letra, ainda na Itália, me empolguei

em fazer a tradução. Sabia que encontraria dificuldades, pois é uma letra grande, as rimas tinham de ser precisas. Mudei muita coisa na forma de dizer, para poder conservar, em nossa língua, a mesma magia atingida pelo Morra, em italiano. E começou a sair um negócio bonito, nem eu mesmo sabia o que era. Mesmo assim, achava a letra muito grande. Quando comecei a gravar o disco aqui, veio o *play-back* da Itália, já mixado, e ninguém sabia o que era essa música. Ao botar a voz, estávamos no estúdio só eu e o técnico de som. Dei a primeira passada em *Aquarela*: *Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo / E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo...* Quando acabei de cantar, o técnico não se segurava: *Puta! Essa música é demais, é fantástica! Vou fazer uma cópia e levar para casa!* Essa reação dele já sugeria um possível sucesso. Só porque aconteceu na Itália não significava que iria se repetir aqui no País. Gravei *Aquarela* achando a música bonita, mas a letra muito longa para o Brasil, meio morna, para cá. E não deu outra coisa. Saiu aqui e foi outro estouro igual. Na Espanha, a mesma coisa. Na Argentina, na França, em todo lugar. Aqui no Brasil virou tema de publicidade, tarefa de escola para a criançada, e até hoje é exigida e cantada nos *shows*, como na época de seu lançamento.

*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva.
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu.*

*Vai voando contornando a imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul.
Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo sereno indo*

*E se a gente quiser ele vai pousar.
Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma América a outra consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
Um menino caminha e caminhando chega num muro
E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida
E depois convida a rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela de uma aquarela
Que um dia enfim descolorirá...*

Aquarela foi um marco em minha carreira, como seria na de qualquer outro. Uma coisa definitiva na vida de um compositor. Aquarela é uma música que tem algo **melhor**, quem sabe a força da ingenuidade infantil ligada a um encanto popular que emociona. O primeiro acorde já levanta as pessoas. Consolidou-me, tanto na Itália como aqui, na América do Sul e na Europa. A partir daí as pessoas me reconheceram também como instrumentista, tornei-me popular. Porém, quando o disco saiu aqui no Brasil, a gravadora não acreditava num sucesso tão grande, pois era fruto de trabalho meu, sem pretensões arrojadas. E ao mesmo tempo começamos a fazer o show *Aquarela*, no TUCA. E o empresário Fred Rossi, cauteloso, dizia: *Vamos fazer uma semana no TUCA para ver o que acontece.* E começou a ocorrer a mesma coisa que na Itália, com a música e comigo. O teatro lotava e lotava. Ficamos seguramente uns 40 dias no TUCA com lotação total em todas as noites. As pessoas ficavam enlouquecidas com a música *Aquarela*, como se já conhecessem. Então, o disco passou a fazer sucesso e levamos o show para o Anhembi, onde ficamos mais um mês, e depois percorremos o Brasil

inteiro. Isso significava toda uma retomada do público em relação à minha pessoa, individualmente falando. De repente, descobriram o Toquinho, sozinho.

Quanto ao disco *Aquarela*, gravado no Brasil, eu o julgava sem pretensões. E aconteceu justamente o contrário, a canção *Aquarela* provocou a consolidação da popularidade do violonista como compositor e cantor. Esse disco me ensenou outra realização pessoal, algo que transcende a popularidade e que não é outra que não o simples fato de conseguir compor e gravar uma música em homenagem ao time do coração, claro, o Corinthians Paulista!: *Corinthians do meu Coração*. Esse amor ao Corinthians, recebemos, eu e meu irmão, como herança paterna, desde a década de 1950, quando Seu Nico nos carregava em dias de treino para o velho Parque São Jorge. Lá, batíamos bola com nossos ídolos, tirávamos fotos com Idálio, Olavo, Luizinho, Cláudio, Baltazar...

Aquelas camisas brancas e aqueles calções negros tingiam definitivamente nossos corações de uma religião que exclui ritos e templos, cujo dogma de fé é a luta pela vitória. Eu também aprendi a ser corintiano com crença de um religioso. Poucos autores tiveram a felicidade de exprimir numa frase a dedicação aos seus times do coração. Um deles, Lupicínio Rodrigues – referindo-se à torcida do Grêmio de Porto Alegre no intuito de estar onde o Grêmio estiver – criou a imagem da dedicação nessa frase: *Até a pé nós iremos para o que der e vier...* Outro, Lamartine Babo, fez do flamenguista um irredutível obstinado: *Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer*. São essas frases que singularizam um hino. E eu criei a minha, que identifica o torcedor do Corinthians como um religioso de extrema fé: *Ser corintiano é ir além de ser ou não ser o primeiro*.

Por seu lado, Franco Fontana continuava investindo na música popular brasileira. Logo depois do sucesso de *Acquarello*, concentrou esforços num empreendimento grandioso e me colocou como condutor do espetáculo *Canta Brasil* no Teatro Sistina, de Roma.

Foi um *show* que mostrava, numa síntese, a história nossa música popular. Desconheço um *show* de música brasileira mais bem-feito. Na Europa,



seguramente, não houve até hoje, e talvez até no Brasil. Tive a sorte de poder contar com pessoas fantásticas nesse empreendimento. Ensaiamos muito, o Fernando Faro fez a montagem desse espetáculo, que focalizava, através de *slides* também, desde a música do Nordeste, o choro, a música de Carnaval, os primórdios do samba tradicional, o samba de quintal, o samba de roda até a Bossa Nova, com imagens de Tom Jobim, João Gilberto e Vinicius. A parte musical ficava a cargo de um time respeitável. Faziam a percussão: Branca de Neve no surdo, Papete e o velho Marçal, da Portela, que cantava também vários sambas. Mutinho na bateria, e, no contrabaixo, o grande Luizão, que tocou com a Elis. Tinha o Rafael Rabelo no violão, a Luciana Rabelo no cavaquinho e o Dominginhos no acordeão, representando o som do Nordeste, com a Guadalupe, que integrava um coro de altíssimo luxo formado pelas vozes dela, Silvia Maria, Bel e Eliana Estevão, todas cantoras. Com essa equipe fabulosa dava para se armar todas as combinações possíveis em termos de música brasileira. E eu, claro, com meu violão, conduzindo esse espetáculo todo, em italiano. Foi uma produção caríssima. O maior *show* que fiz na Itália, e, como montagem, o maior realizado por mim até hoje.

João Carlos, Baltazar (centro-avante do Corinthians) e Toquinho
(1954 – Parque São Jorge)





"Toquinho in Canta Brasil" – Teatro Sistina – Roma
Show Canta Brasil no Teatro Sistina (Roma)

23 Toquinho no Mundo da Criança

Temos que procurar, sempre que possível, brincar com a vida. E quase sempre é possível. Sinto que carrego um menino dentro de mim. E, levado certamente por ele, acabei dedicando minha música para que milhares de crianças se conservassem como crianças e outros tantos adultos retrodessem no tempo e reencontrassem seus meninos dentro de si mesmos. Tudo começou no final da década de 1970, quando Vinicius e eu resolvemos musicar alguns poemas do livro dele, *Arca de Noé*. Então, começamos a construir um trabalho voltado para a criança que resultou nos discos *Arca de Noé 1* e *2*, premiados com Disco de Ouro e transformados em especiais de TV. Entre outras canções, saíram desses discos sucessos que perduram até hoje, como *A Casa, O Pato, A Corujinha, A Foca, Valsa para uma Menininha, Pinguim, O Ar*, cantados por crianças de todo o País, em suas casas, com os pais, ou nas escolas.

Em 1983, visando à continuidade desse trabalho para o mundo infantil, fiz o disco *Casa de Brinquedos*, cujas músicas são de parceria com Mutinho. Por sua originalidade e penetração, *Casa de Brinquedos* virou peça de teatro, remontada em agosto de 1995, no TUCA, na qual os brinquedos do disco cantam suas músicas enquanto vão vivendo as façanhas de uma história tramada por Elifas Andreato, autor da capa do LP. Dessa vez, deixamos os bichinhos de lado e demos vida a alguns brinquedos que viraram personagens falando através de seus intérpretes.

Essas canções levam a criança para uma relação mais profunda com as coisas além da simples recreação. Forma-se um elo de cumplicidade entre a música e a inteligência da criança, levada a ver uma bicicleta como extensão das próprias pernas, despertada para a fragilidade dos super-heróis, tão vulneráveis quanto o mais comum dos homens, e para a docura do revolvinho d'água e da espingarda de rolha, parentes mais evoluídos dos horríveis canhão, fuzil e metralhadora, malvados e assassinos. A criança é tida como capaz de raciocinar e perceber, por meio do humor, toda força humana que pode haver tanto numa bailarina como num macaquinho de pilha ou num robô. Faz parte desse trabalho uma das músicas que mais gosto desse repertório infantil: *O Caderno*.

*Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco até o bê-á-bá
Em todos os desenhos coloridos vou estar
A casa, a montanha, duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel.*

*Sou eu que vou ser seu colega
Seus problemas ajudar a resolver
Te acompanhar nas provas bimestrais você vai ver
Serei de você confidente fiel
Se seu pranto molhar meu papel.*

*Sou eu que vou ser seu amigo
Vou lhe dar abrigo se você quiser
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel.*

*O que está escrito em mim, comigo
Ficará guardado se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer
Só peço a você um favor, se puder
Não me esqueça num canto qualquer.*

Em 1986, criamos, Elifas Andreato e eu, o mais importante entre todos os trabalhos musicais objetivando a criança, pois reserva para os adultos verdadeiras receitas de humanismo. Sua fonte de inspiração é a *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, que, em síntese, são 10 Princípios aprovados

pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em novembro de 1959. Cada direito virou uma canção e as 10 músicas falam de coisas sérias com a visão da criança, do jeito que ela gosta de fazer *coisas sérias*: brincando. E, assim, brincando, mostramos a importância dos Direitos da Criança. Por exemplo, o Príncípio VII diz em seu texto oficial: *A criança tem direito à educação, para desenvolver as suas aptidões, suas opiniões e o seu sentimento de responsabilidade moral e social.* Então, chamamos esse direito de *Bê-á-bá*, que vem expresso, na real e divertida visão da criança, desse jeito:

*Quando a gente cresce um pouco
É coisa de louco o que fazem com a gente
Tem hora pra levantar, hora pra se deitar
Pra visitar parente.

Quando se aprende a falar, se começa a estudar
Isso não acaba nunca.
E só vai saber ler; só vai saber escrever
Quem aprender o bê-á-bá.
E além do abecedário, um grande dicionário
Vamos todos precisar:

Com A escrevo amor, com B bola de cor
Com C eu tenho corpo, cara e coração.
Com D ao meu dispor escrevo dado e dor
Com E eu sinto emoção!
Com F falo flor, com G eu grito gol
E com H de haver eu posso harmonizar.
Com I desejo ir, com J volto já, com L tenho luar.
Com M escrevo mão, mamãe, manjericão
Com N digo não e o verbo nascer
Com O eu posso olhar, com P paparicar
Com Q eu quero querer.
Com R faço rir, com S sapoti,
Com T tamanduá, com U urubupungá.
Com V juro que vi, com X faço xixi
No fim o Z da zebra.*

Para outro Princípio, que diz: *A criança tem direito à alimentação, direito de crescer com saúde e a mãe deve ter cuidados médicos antes e depois do parto*, demos o nome, na música, de *De umbigo a umbiguinho*, de uma ternura envolvente:

*Muito antes de nascer
Na barriga da mamãe já pulsava sem querer
O meu pequenino coração,
Que é sempre o primeiro a ser formado
Nesta linda confusão.
Muito antes de nascer
Na barriga da mamãe já comia pra viver
Cheese-salada, bala ou bacalhau.
Vinha tudo pronto e mastigado
No cordão umbilical.
Tanto carinho, quanta atenção.
Colo quentinho, ah! Que tempo bom!
De umbigo a umbiguinho um elo sem fim
Num cordãozinho da mamãe pra mim.
Muito antes de nascer
Na barriga da mamãe me virava pra escolher
A mais confortável posição.
São nove meses sem se fazer nada,
Entre água e escuridão.
Muito antes de nascer
Na barriga da mamãe começava a conviver
Com as mais estranhas sensações:
Vontade de comer de madrugada
Marmelada ou camarões.
Tanto carinho, quanta atenção.
Colo quentinho, ah! Que tempo bom!
De umbigo a umbiguinho um elo sem fim
Num cordãozinho da mamãe pra mim.*

E assim, com todos os Princípios. Esse disco representa, sem dúvida, o mais importante trabalho que já se fez no Brasil objetivando a criança, tendo recebido da ONU uma carta como reconhecimento por essa contribuição à humanidade. O tempo se incumbiu de confirmar a importância das canções, que são usadas na maior parte das escolas do País, e as crianças aprendendo conceitos de cidadania e comportamento em função delas.

Essa parte de minha obra que abrange o mundo das crianças é, sem dúvida, uma das pérolas de minha carreira. As músicas constantes desses trabalhos, além de terem sido redimensionadas por outros segmentos da comunicação, como especiais de TV e peças teatrais, receberam ao longo do tempo outras formas de gravação. Em 1997, a Movieplay lançou o CD *Toquinho e Convidados*, que contém as músicas do CD *Canção dos Direitos da Criança*, porém, interpretadas por mim, acompanhado de um convidado diferente em cada faixa. Estão comigo nesse trabalho Elba Ramalho, Chico Buarque, Quarteto em Cy, Maurício Mattar, MPB-4, Coral Brasileirinho, Belchior, Eduardo Dusek, Moraes Moreira e Leandro e Leonardo interpretando *Herdeiros do Futuro*, música inédita, até então, minha e do Elifas Andreato, incluída nessa nova edição. No ano 2000, foi lançado o CD *Canciones de los Derechos de los Niños (Circuito Musical)* revelando para a América Latina, em castelhano, as músicas do *Canção dos Direitos da Criança*. Em 2005, este título foi lançado na Espanha pela distribuidora Discmedi.

Porém, tudo isso parece muito restrito diante de dois aspectos: um deles, a penetração desse meu trabalho nos âmbitos escolar e social; e o outro, as novas configurações que essa obra infantil recebeu mediante a evolução da tecnologia eletrônica. Quanto ao primeiro aspecto, nas escolas, desperta na formação da criança a compreensão de que há maneiras mais simples e autênticas de ver o mundo por meio de um lirismo urbano capaz até de manter o sonho e a disposição para a esperança de se atingir o inatingível.

Em se tratando de escolas, um dos projetos mais sugestivos e singulares de minha obra foi o do Grupo Positivo, sediado em Curitiba desde 1972. Esse projeto teve como finalidade homenagear os professores de suas escolas conveniadas, e o símbolo escolhido para essa homenagem foi um CD com dezessete músicas minhas pinçadas das parcerias com Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Mutinho, Jorge Ben Jor e Elifas Andreato. No texto de apresentação do CD intitulado *Ensinand o Viver* lê-se, entre outras coisas: ...*Você, Professor, que recebe este presente, sabe a importância de seu papel na formação de cada aluno que está – e que esteve – à sua frente. Construir o conhecimento é como desenhar castelos e barquinhos numa tela branca. Aos poucos, vai se transformando numa linda aquarela. Cada obra com seu estilo. Cada aluno com sua vida...*

No âmbito social, por meio dessas músicas, tenho me envolvido com vários empreendimentos socioculturais. Dentre eles, destaca-se o *Projeto Guri*, criado pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo em 1995 e transformado em uma organização social atendendo hoje mais de 25 mil crianças e adolescentes. O *Projeto Guri* desenvolve a sociabilidade, a autoestima e o senso de cidadania de crianças e adolescentes de 8 a 18 anos, promovendo a inclusão social por meio do ensino coletivo da música. Com muita honra, sou padrinho do *Projeto Guri* e me tornei parceiro do mesmo, gravando, em 2002 o CD *Herdeiros do Futuro* com treze canções de meu repertório, contando, em cada faixa do disco, com a participação de jovens das orquestras formadas nas unidades que compõem o *Projeto Guri*. Esse CD foi lançado em dezembro de 2002, num emocionante espetáculo realizado na Sala São Paulo. Sem dúvida, uma homenagem aos que acreditam na transformação pela arte e sonham com um mundo melhor. Minha atuação como padrinho do *Projeto Guri* valeu-me, em 2004 o Prêmio Ação 5 Anos, outorgado pelo *Programa Ação*, da Rede Globo, apresentado por Serginho Groisman.

Por outro lado, a evolução tecnológica passou a valorizar ainda mais essas canções compostas para o mundo da criança. Parece que minhas músicas foram criadas para abrigar os mais variados tratamentos de animação. A sintonia entre melodia e letra assegura a essas canções uma autêntica representação plástica. É evidente que o primoroso trabalho de animação feito pelos criativos profissionais da Editora Delta foi fundamental para que essa conjunção de fatores proporcionasse às músicas os prêmios que receberam. Em novembro de 2003, o clipe animado *Aquarela* conquistou o Liv Ullmann Peace Prize, concedido pelo juri do Chicago International Children's Film Festival, o maior e mais antigo festival de filmes infantis do mundo, cujo critério é conceder o primeiro lugar ao filme que traduz de forma mais sensível o desejo de paz e harmonia entre as crianças. Merecedor dessa distinção, o clipe *Aquarela* confirma que é possível, em pleno século XXI, entreter e encantar as crianças sem usar violência ou recursos pirotécnicos. Além desse prêmio, *Aquarela* alcançou o segundo lugar na categoria animação infantil do Anima Mundi 2003. Por sua vez *A Casa* foi escolhida a melhor trilha sonora do Anima Mundi 2004, e *O Pato* obteve o segundo lugar na categoria animação brasileira no mesmo festival. A partir de 2005, aqueles que me acompanham nessa minha viagem musical podem expandir essa deliciosa sensação com o box *Toquinho no Mundo da Criança*, lançado pela Editora Delta e distribuído pela Universal Music. Trata-se de uma composição 3 em 1, até então inédita no mercado nacional, reunindo um DVD, um CD de áudio e uma faixa interativa com horas de conteúdo para crianças.

24

No Japão com Sadao Watanabe A Copa de 1990, na Itália

Voltando à evolução de minha carreira, por volta de 1983 ou 84, não me lembro bem, o saxofonista Sadao Watanabe, apaixonado pela música e pelos músicos do Brasil, veio fazer entrevistas com vários compositores brasileiros, para a TV japonesa. Telefonaram-me e eu fui para o Rio me encontrar com ele, a quem já conhecia de nome. Logo que nos vimos, Sadao pegou o sax e começou a me mostrar o *Samba da Volta*, e eu passei a acompanhá-lo como se já nos conhecêssemos e tocássemos juntos há muito tempo. Foi uma identificação imediata, afetiva e musical, que logo deu frutos profissionais. Naquela época, no verão, Sadao alugava um clube no Japão durante um mês e mantinha espetáculos levando artistas americanos, europeus e brasileiros. Então, em 1986, fui para lá fazer uma temporada no *Bravas's Club*. Deu-se nosso primeiro encontro profissional. Nossa ligação se fortaleceu e ele me convidou para gravarmos, nesse clube, um disco ao vivo, cuja produção foi dele, como também a ideia do título do disco, sugestiva e bonita: *Vamos Juntos*.

Por intermédio de Sadao, voltei ao Japão mais duas vezes para realizar temporadas por algumas cidades. E entre as segunda e terceira viagens, gravamos outro disco aqui no Brasil, o *Made in Coração*, no qual aparecemos definitivamente como parceiros. Fiz letras para uma série de canções de Sadao.

Durante a Copa de 1990, na Itália, a grande amizade por Luciano do Valle me levou a aceitar o convite para participar do programa *Apito Final*, transmitido todas as noites pela TV Bandeirantes diretamente de Roma, durante o Mundial, com a finalidade de analisar o futebol apresentado pelas seleções. Ao lado de verdadeiros especialistas no assunto, lá estava eu como um torcedor comum, e no final de cada programa deixava minha marca de instrumentista, executando no violão uma música adequada aos acontecimentos do dia esportivo. Além do Luciano, participavam desse programa o Zico, o Rivellino, o Juarez Soares, o Mário Sérgio, o Professor Mazzei e o Sílvio Luiz. Aqueles 30 dias que passei em Roma foram verdadeiras férias de adolescentes, não só para mim. Aceitei o convite um pouco porque estariam lá também aquelas *feras*, meus ídolos, e era a oportunidade de conviver e jogar futebol com Zico, Mário Sérgio e Rivellino, três craques camisa 10, expoentes de épocas meio simultâneas do futebol, embora um pouco isoladas uma da outra. Lembro-me de quando eu jogava, na escola, todo mundo queria ser o *Rei Pelé*, e eu queria ser sempre chamado de *Príncipe do Parque*, que era o Rivellino. Eu gostava

mesmo do negócio do Riva, de como ele jogava e do jeito dele como pessoa, meio nervosinho. De Mário Sérgio, eu admirava o estilo, quando ele olhava para um lado e passava a bola para o outro lado. Era fantástico aquele meio-campista. E o Zico, pela técnica e pela visão de jogo, eu o coloco entre os três melhores jogadores do mundo. Então, quando cheguei a Roma para trabalhar com eles, carregava toda essa euforia e era um galinho novo em meio àquele pessoal. Tudo isso tinha o ar brincalhão e juvenil que predomina sempre num grupo de amigos, e já nos considerávamos como tais. Durante os comentários, adotei uma estratégia: não falar nada que se referisse a esquemas de jogo ou análises técnicas, não comentar essas questões. Colocava-me sempre como espectador e com muita humildade. Ninguém se sentia ameaçado nesse aspecto. Foi um grande aprendizado do qual me saí muito bem, por saber jogar politicamente e conseguir a confiança de cada um em cada setorzinho do dia a dia. E ao mesmo tempo, entrando com apartes que foram úteis no andamento do programa.

O tempo era escasso e todos eram especialistas no assunto. Os apartes não podiam ser gratuitos, e eu sempre dava um sentido importante para aquilo que falava. Tornamo-nos muito amigos, de sair todas as noites. E o genial é que eu consegui resolver um sério problema que se criou: acabávamos a gravação a 1h30 da manhã, e não tinha o que comer. Acontece que eu conhecia Roma muito mais do que eles, e falei ao Luciano: *Vou te quebrar esse galho. Nós vamos jantar depois do programa.* Ele não acreditava. Aí, fui até o Santo Padre, um restaurante de amigos meus. A própria família faz a comida e eles mesmos servem. Não tem cardápio, come-se o que oferecem. Cada dia tem um prato especial. Conseguí que esse restaurante ficasse aberto durante todo o mês para receber a gente depois do programa. No primeiro dia, todo mundo foi pra lá desconfiado. Quando chegamos, parecia um sonho: uma mesa em L com uns 20 lugares, e presunto, muçarela, vinho, já tudo posto. Fora o que ia se comer depois. Então, me colocaram nas nuvens, e o Santo Padre passou a ser aquele ponto da comunhão diária, tornando-se marcante nesse mês que passamos em Roma, onde vivemos momentos que dificilmente serão igualados em qualquer outra situação. Saímos do Santo Padre todos os dias lá pelas 6 da manhã. Era uma grande brincadeira tudo aquilo. Fora o que jogamos de futebol juntos. Teve uma partida contra os *carabinieri*, um timaço de guarda civil romana, num campo de futebol profissional. No mínimo, eles jogavam bem, muito fôlego, gente jovem.



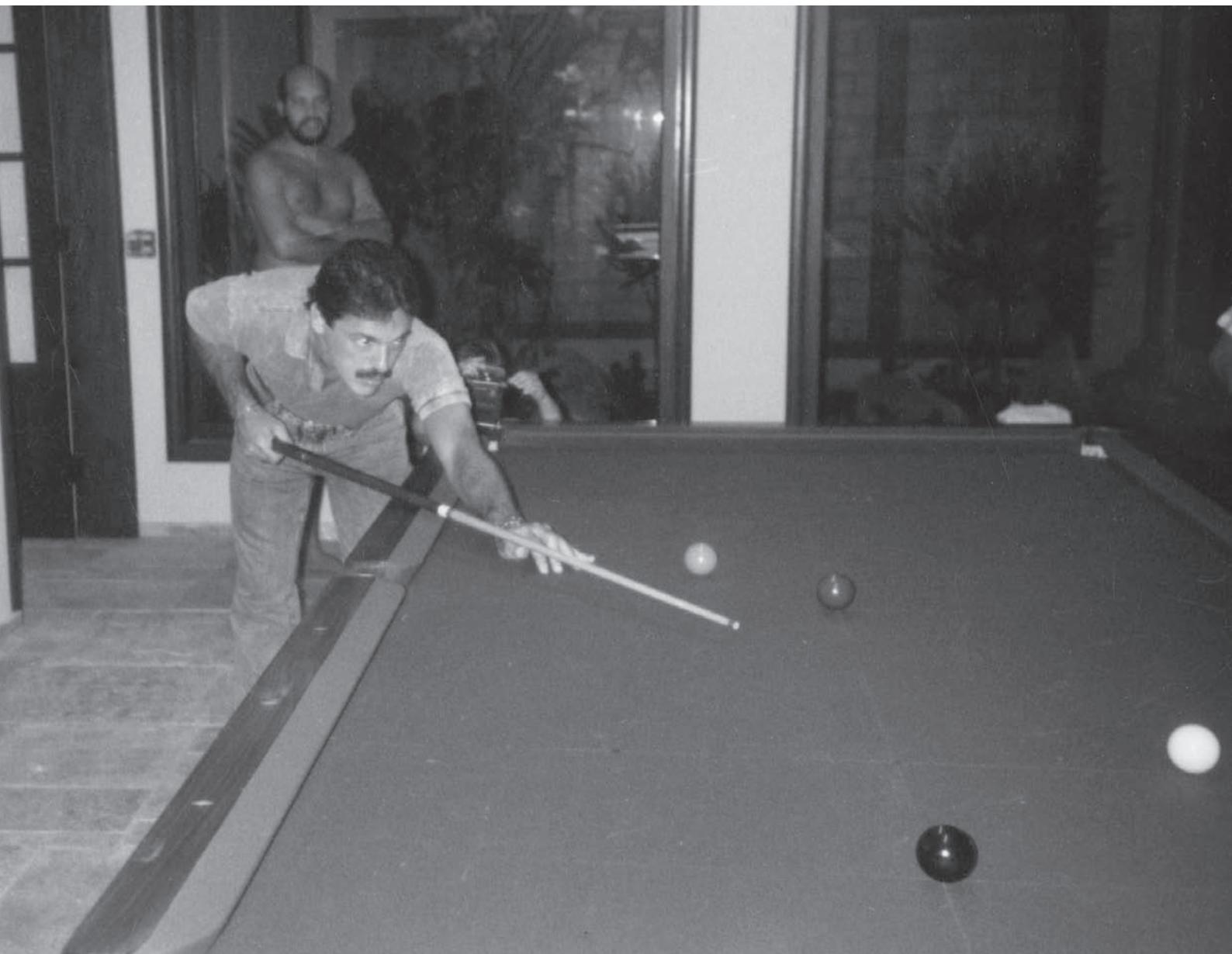


Grupo da Copa de 90 na Itália.
Entre eles, Zico, Mário Sérgio e Rivellino

Nosso time era o Zico, o Rivellino, o Mário Sérgio, eu e mais uns brasileiros amigos meus que estavam lá. Ganhamos roubado de 5x2. Quando a coisa começou a engrossar, o Sílvio Luiz entrou de juiz e roubou à beça, e vencemos. Nesse jogo, eu peguei de cara a camisa 10: *Hoje o meio sou eu. Vocês vão fazer qualquer outra posição.* Como era meu aniversário, eles permitiram. Teve um lance em que reclamei com o Rivellino, que estava com a bola e passou para o Zico: *Porra, Riva, eu livre, aqui, e você não vê!* E ele *Tá bom, vejo você de um lado e o Galinho do outro. Vou passar para você?* Aí, virou as costas, puto comigo. Além desse prazer maravilhoso que é jogar com esses ídolos, criavam-se oportunidades para se falar de coisas mais íntimas ligadas ao futebol. Poder perguntar ao Zico, por exemplo, como foi aquela história de perder o pênalti contra a França em 1986. Ninguém tocava nesse assunto, e um dia eu falei sobre isso e ele deu uma desabafada num programa, confessando que havia entrado na partida um pouco antes e, sem a concentração adequada ao jogo, não estava preparado para bater o pênalti: *Confesso que bati mal*, ele falou. *Bati fraco e o goleiro fez a defesa...*

Quando acabou a Copa ainda fiquei lá uns dias com o Zico. Saímos muito e uma noite fomos para um lugar onde se dançava e fechamos o tal lugar. Estavam também o Professor Mazzei e outros amigos. O vizinho do lado reclamou do barulho e a polícia bateu na porta: *Carabinieri!* Ao reconhecerem a mim e ao Zico, ficaram espantados: *Cáspte, mas são vocês? Podem continuar, mas abaixem um pouco o som...* Aconteceram coisas geniais. Foi um grande prêmio que a vida me deu, poder passar esse tempo lá, ao lado de todos eles.

Em 1992 participei do Festival de Sanremo com a música *Nas Asas de um Violão*. Os outros hóspedes de Sanremo foram Tina Turner, Ray Charles e Rod Stewart. Depois desse Festival, a BMG-Ariola me lançou numa superprodução para o mercado europeu: o disco *Viaggiatore del Sogno*, que comporta um peso artístico considerável, ou seja, a participação de Fábio Concato e Lucio Dalla cantando comigo *É Festa e La Casa in Riva al Mare*, respectivamente. Na versão espanhola tem Joan Manuel Serrat cantando comigo a música *In Tournée*. Esse lançamento culminou, em 1993, com uma extensa temporada de 25 shows pela Itália ao lado de Fred Bongusto, que se encerrou com uma grande festa na Via Veneto.



Sinuca em Jaguariúna

25

Jaguariúna: O Refúgio Necessário Outras Paixões: Sinuca e Futebol

Ao longo da vida, o violão e a música me permitiram realizar coisas extraordinárias. É admirável quando se pode construir a própria fantasia. Conseguir erguê-la inteira e viva. Poder tocá-la, usá-la e divertir-se nela. E mais: poder oferecê-la à família e aos amigos de verdade. É o caso de uma casa na região de Campinas, a 140 km da capital. Um local que se transformou num refúgio, onde é sempre hora de acordar ou de dormir, de se comer mangas das mangueiras, de chupar laranjas do pé, de colher hortaliças verdinhas. Lá se faz ginástica, se anda de bicicleta, se monta em burro manso, se joga futebol ou sinuca, e se anda, e se anda, até se cansar bastante e se deitar à sombra do jatobá para ouvir as histórias que os duendes vêm contar...

Além do violão, a sinuca e o futebol preenchem minha vida de lazer e prazer. Por isso, numa das salas há uma mesa oficial de sinuca.

No Brasil, poucos jogam sinuca melhor do que eu. E mesmo esses, podem até perder. Sou violonista, o que contribui sobremaneira no esmerado manejo do taco, na intensidade do toque na bola, a precisão do desvio, a velocidade adequada, a artimanha da tabela, a sinuca surpreendente, a caçapa indigesta para o adversário. Saber defender com a frieza de esperar o momento do ataque, como se impregnasse as tacadas de irresistíveis dissonâncias a guiar as bolas pelo som tirado do encontro delas. É o violonista conduzindo a sinuca pelo som que consegue produzir em cada toque das bolas.

Tudo começou numa fase em que tive de operar um joelho e não podia jogar futebol. Para compensar essa minha necessidade de competição, passei a jogar sinuca. E não deu outra coisa, tornei-me praticamente imbatível e detentor de vários troféus. O Paulinho da Viola que o diga... Aprimorei minha técnica na sinuca indo em busca de detalhes específicos e manobras de efeito que só os mestres conseguem efetuar. Durante a década de 1980, tornei-me amigo e uma espécie de discípulo de Ruy Chapéu, então em grande forma, com quem aprendi sutilezas importantes na coordenação força/impulso entre taco e bola, pontos de desvio, posicionamento das mãos e até postura corporal que possibilitam uma caçapa sutil, ou firme e certeira, ou uma sinuca intransponível.

Quero cada vez jogar melhor. Mesmo sozinho, passo horas corrigindo os defeitos, me aprimorando. Sou um estudioso, ou melhor, um pesquisador de efeitos e alternativas especiais. Para chegar a jogar como jogo, saí para o enfrentamento dos autênticos craques, frequentando os mais badalados





locais onde a madrugada acolhe a nata da sinuca paulistana. Pode parecer extravagante ou esquisito, mas, para mim, qualquer extravagância pode representar apenas um singelo compromisso com a disciplina em buscar a felicidade, visando sempre preservar o próprio ego, com extrema dedicação. Trabalho para isso, com responsabilidade! Tanto que encaro a sinuca como se fosse um concerto de violão. Por isso, acabei tornando-me vencedor de vários torneios, entre os quais o *Desafio das Estrelas da Sinuca*, promovido pela TV Bandeirante, na década de 1990, cuja partida final foi contra Paulinho da Viola. Numa disputa emocionante, rivalizando técnicas e gentilezas, fui o vencedor, recebendo um lindo troféu de campeão.

Eu e Paulinho nos encontramos novamente para um desafio na abertura do Torneio de Sinuca da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), na Sala Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, em junho de 2005. Por outras conquistas, virei destaque entre os amantes da sinuca a ponto do Tati Snooker Show, de Santo Amaro, em São Paulo, promover um torneio em minha homenagem, a Copa Toquinho de Snooker.

O discípulo Toquinho e o mestre Rui Chapéu
Toquinho e o Troféu da TV Bandeirante (1999) (Sinuca)
O grande sonho: campo de futebol

Nessa casa que construí em Jaguariúna, realizei também o que sempre desejei ter, como se fosse aquele campo dos sonhos de Kevin Costner: um campo de futebol, com grama verdinha, alambrado, vestiários... e um bar com geladeira para cervejinhas. Nesse campo, reúno os amigos e toco a bola. Quando o sol é forte, amarro uma camisa na cabeça e toco a bola. De leve, preservando o estilo e o físico. Só tocando a bola. Continuo não admitindo perder. A gente se xinga, se chuta, grita, se machuca, viramos todos adolescentes malucos pelo futebol. Enfim, tiramos da vida o que ela oferece de melhor: a liberdade de voltar a ser menino com todas as ansiedades da infância, quando jogamos fora as mazelas da rotina cotidiana.

Um dia cheguei a jogar no Maracanã, ao lado de Leonardo, Raí, Sócrates, Zico, Junior, Andrade e outros grandes craques do futebol brasileiro. Vivi essa incrível experiência com Chico Buarque, em dezembro de 2004, quando se reuniram ex-jogadores, artistas e empresários para um jogo emocionante e cheio de alternativas (4x4), em benefício da Fundação Gol de Letra, criada e tão bem desenvolvida por Leonardo e Raí, campeões mundiais de 1994.

Sou apaixonado por futebol. Desde menino, aprendi a torcer pelo Corinthians e a nutrir pelo time uma paixão ilimitada, como todo corintiano. Porém, há outro time que guardo no coração, sendo, inclusive, um de seus fundadores: o Namorados da Noite. O nome não poderia ser outro, nasceu na década de 1970, formado por alguns românticos das madrugadas, além de mim, Carlinhos Vergueiro, Fernando Faro e Raul Leite. Tudo começou na pizzaria de Luiz Carlos Gualter, ex-jogador do Corinthians. Depois das noitadas ou das peladas jogadas num campinho que ainda restava na rua Barão do Triunfo, no bairro de Campo Belo, a turma ali se reunia para um chopinho, uma pizza, jogar conversa fora. Foi aí que decidimos instituir oficialmente um time de futebol. A camisa, teria de ser romântica, e Elifas Andreato criou, com a maestria de sempre, a lua e algumas estrelas sobre um azul noturno, digno do nome: Namorados da Noite. Ao longo dos anos, os Namorados da Noite conquistou a fama de time vencedor, desfilando nas quadras e nos campos com suas camisas irradiando o brilho da lua e das estrelas, em verdadeiras proezas futebolísticas, principalmente aquelas acontecidas contra seu mais ferrenho rival, o Politeama, conhecido como *o time do Chico Buarque*, que vem correndo atrás, tentando ser melhor que os Namorados da Noite, e jamais conseguindo, nem no campo, muito menos no uniforme, e menos ainda no hino, diante da joia musical que compus para louvar meu invencível time.

*Sou do Namorados da Noite
Corpo, alma e coração
Tiveste a grande glória de nascer
Com a sina de vencer
E ser um time campeão
Oh! Meu Namorados da Noite
O teu destino é brilhar
Tens a poesia das noites de luar
E a alegria de um dia de sol
Uma estrela guia veio iluminar
A magia do teu futebol
Com raça, elegância e galhardia
Superas com bravura teus rivais
Guardas no passado histórias e emoções
De vitórias imortais*

Como que abençoando a casa de Jaguariúna, há um jatobá centenário, e eu o chamo de *o grande senhor*, colocando-me até na posição de um índio capaz devê-lo e respeitá-lo como um sábio ensinador. Da admiração por essa verdadeira entidade da natureza verteu uma música: *À Sombra de um Jatobá*. Essa música sintetiza tudo o que comecei a incorporar nesse lugar, em termos de valores, que talvez já existissem em mim, mas aqui ficaram muito mais evidentes. Como cultivar os poucos amigos que se tem, como valorizar as pessoas que realmente gostam da gente. E o jatobá, com esse tempo todo de idade, me cedeu uma migalha de sua enorme sabedoria para que eu pudesse fazer essa canção e dizer tudo isso.

*Raios de sol na varanda
Verde cobrindo o jardim
Poder sentir a vida, espreguiçar
Com cheiro de madrugada
Dama-da-noite e jasmim
Olhar no céu, estrelas pra contar.
Ter amigos comigo
Quem amo, me amando sim
Longe do amor de quem nos finge amar.
Ver na manhã de um domingo
Meu filho sorrir pra mim
Depois dormir à sombra de um jatobá.
Poucas coisas valem a pena
O importante é ter prazer
Longe de mim a inveja e a maldade
Escondidas na vida.
Hoje estamos nós em cena
E não há tempo a perder
Pois tudo acaba mesmo sempre em despedida.*

26

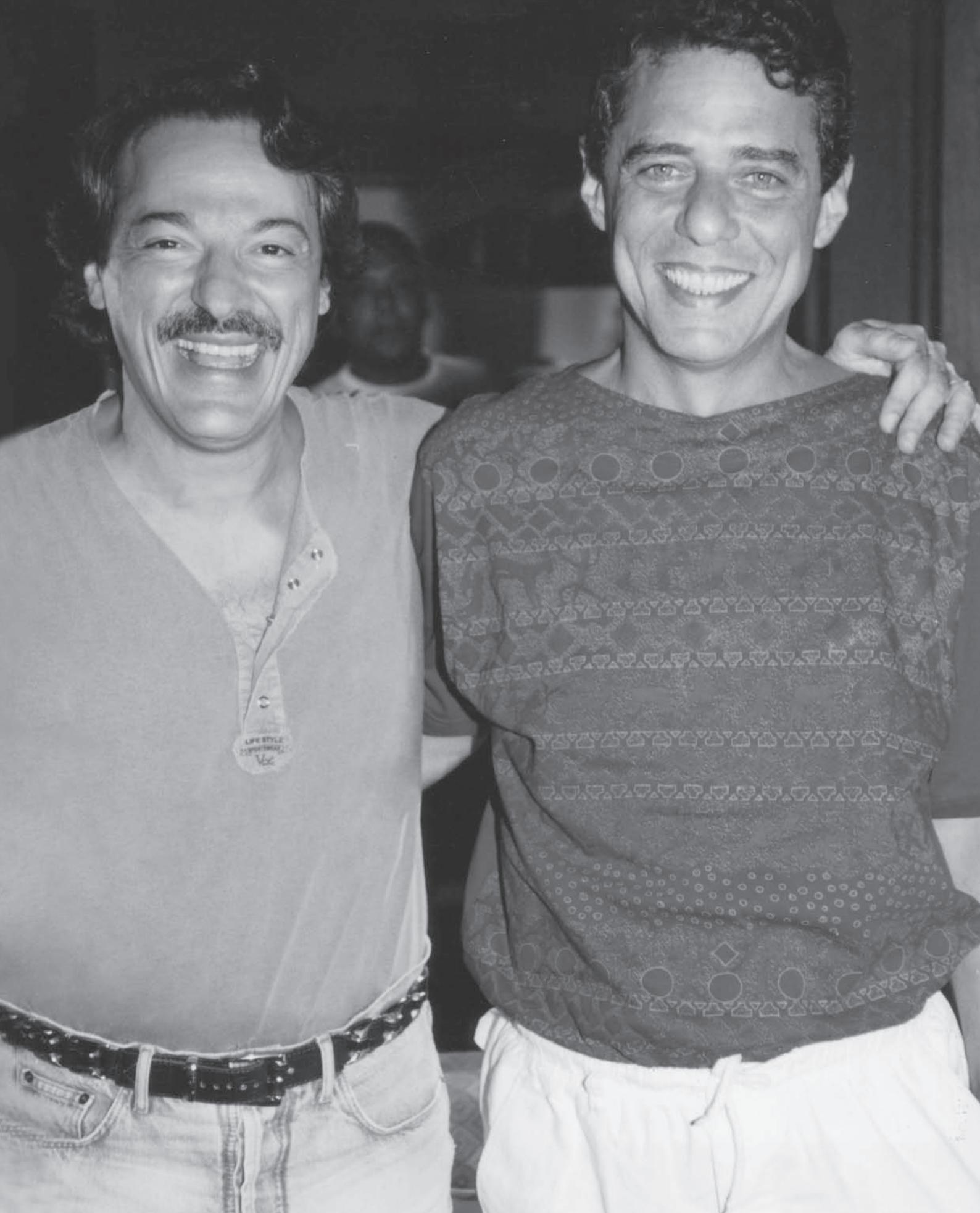
O CD dos 30 Anos de Música O Violão: Psicólogo, Amuleto, Trincheira



A vida exige que prossigamos, e esse prosseguimento às vezes inclui o nosso passado, como é o caso do CD dos 30 anos de música lançado durante o ano de 1995, que contém 21 sucessos de minha carreira. Em algumas dessas músicas, estou acompanhado de grandes amigos, como Gilberto Gil, Chico Buarque, Jorge Ben Jor e Quarteto em Cy.

Na esteira desse sucesso, fiz dois Especiais para televisão, com a participação de todos esses nomes, mais Paulinho Nogueira e Lucio Dalla. Em novembro de 1995, estreei um novo show no Tom Brasil, em São Paulo, quando pude constatar naquele palco como esse passado ainda emociona as pessoas e

Toquinho e Gilberto Gil
(Gravação de "Tarde em Itapoan" para o CD 30 Anos de Música)





faz parte da vida delas. Há um verso de Drummond que diz: *De tudo resta um pouco...* Creio que restou alguma coisa de tudo o que fiz, das pessoas que conheci, felizmente. Eu me propus a aproveitar da melhor maneira a experiência vivida com esses encontros ao longo dos anos. Esse tempo me ensinou a dedicar-me à música, não só na parte técnica, mas também na intuitiva. Conseguir definir os limites entre esses sistemas, saber onde termina a técnica e começa a intuição musical. Um equilíbrio que requer dedicação constante para ser atingido. A experiência me ensinou que a simplicidade é o elemento básico para se fazer música, e difícil de ser alcançada. Tornou-se um componente muito forte de minha personalidade nessa aventura de músico. Com isso, habituei-me a conviver com o lugar-comum. Outra coisa: passei a respeitar todos os músicos, inclusive os menos conhecidos. Todos têm algo a dizer e a humildade é fundamental nesse trabalho. Tanto as pequenas como as grandes coisas têm sido decisivas nessa minha trajetória.

Após o lançamento do CD *Toquinho 30 Anos*, trabalho que prossegue até hoje no catálogo da BMG, decidi ingressar na área da informática com um

Toquinho e Chico Buarque
Toquinho e Jorge Ben Jor
(Gravação de "Que maravilha"
para o CD 30 Anos de Música)

projeto pioneiro, na época: o CD-ROM Toquinho – Livro de Canções Interativo, que contava, em depoimentos (gravados em vídeo), partituras e letras, a história de 30 de meus maiores sucessos, músicas selecionadas por mim, que foram objeto de uma primorosa gravação – tal como concebidas, apenas com voz e violão. Lançado pela gravadora Paradoxx, era um produto ousado, espécie de *songbook* virtual, em que o usuário podia ouvir e seguir a partitura das 30 músicas em questão, além de poder conferir exatamente os acordes tocados. Acompanhava uma galeria de fotos, além das letras das músicas com as cifras dos acordes, que podiam ser impressas pelo usuário. Lançado em 12 de dezembro de 1996, num show na casa Tom Brasil – Vila Olímpia, teve seu lançamento também na Itália em 1997, com o título de *Toquinho – Libro di Canzoni Interativo*, com a inclusão de uma música em italiano, *La Voglia, la Pazzia*. Em decorrência desse CD-ROM, surgiu o CD duplo batizado por mim de *Toquinho e suas Canções Preferidas*, que continua sendo um dos CDs mais procurados, exatamente pela forma escolhida (voz e violão).

Para o instrumentista, o instrumento passa a ser o prolongamento de seu próprio corpo. A cada dia me dedico mais ao violão, como se ele fosse um bebê recém-nascido, a ser alimentado, acarinhado, exigindo sempre cuidados aprimorados, e o instrumentista, um pai extremoso, ambos se completando, permitindo que a vida os confunda em madeira e pele, cordas e coração. Simbiose a se propagar em parcerias, viagens, shows e discos pelo Brasil e pelo mundo. Construindo histórias e carismas, colocando à prova sentimentos, euforias, encontros e solidões. O violão me faz dialogar com Deus, e a música é a escritura desse diálogo.

Tocar violão, para mim, é respirar com as mãos, e a música é o ar em forma de acordes. Minha transpiração tem o odor da madeira que encosta em meu peito e a frequência de meu coração se regula pela vibração das cordas de meu instrumento. O violão é meu psicólogo, meu amuleto, minha trincheira, o tabernáculo de minhas prudências e de meus pecados. O violão traçou em minha existência uma geografia serena e ao mesmo tempo ousada. Desenhou-me parceiros e amigos, atalhos de amor, venturas e aventuras. Encurtou-me horizontes, alimentou-me desejos de trabalho e de lazer. Do bojo de meu violão, extraio o néctar capaz de garantir o lema de meus dias: só tenho tempo para ser feliz.

27

Na Itália, um Artista Popular A Emoção de Cantar com Andrea Bocelli

No meu entender, o tempo para ser feliz não pode excluir a solidariedade. Em 1997, voltei à Itália após quatro anos para participar de um projeto originado no trabalho de um missionário italiano, Don Bruno Seti, radicado no Brasil. Residindo há anos em Belém do Pará, passou a atuar na ressocialização de crianças que haviam perdido o contato com a família e fizeram da rua sua própria casa. Acolhendo o apelo de Don Bruno, o Instituto Sindical de Cooperação Internacional (Iscos-Cisl) da Lombardia promoveu três concertos, cuja renda total foi destinada a ajudar na recuperação dos meninos de rua de Belém do Pará. Apoiado em minha popularidade sempre crescente na Itália, e conhecendo a dura realidade de meu país em relação aos problemas de igualdade e justiça, dispus-me prontamente a realizar os tais concertos, acompanhado de minha banda. Desse espetáculo, foi gravado um vídeo, *Toquinho Live in Concert*, pela Hobby & Work, e depois transformado em DVD, tecnologia completamente nova, na época, e um CD distribuído pela BMG-Itália. A Itália continuaria generosa comigo. Ainda em 1997, a Hobby & Work lançava naquele país o CD *Brasiliando*, com imediato sucesso de vendas, atingindo logo perto de 80 mil cópias. Entre outras versões já conhecidas na Itália, esse CD apresentava pela primeira vez as versões em italiano de *Ao que vai Chegar* (Angelo Straniero), *Canção pra Jade* (Se T'innamorerai), *Tonga da Mironga* e *O Caderno* (Mistero).

Durante os anos de 1998 e 1999, apresentei-me na Espanha e em Portugal, tendo participado também do primeiro Festival Latino-Americano, na Itália, com shows em Milão, Verona e outras cidades, de norte a sul, cantando e tocando para mais de 50 mil pessoas. Em fevereiro de 1999, fui convidado pela RAI UNO (TV italiana) para fazer parte do júri do Festival de San Remo ao lado do tenor José Carreras, do maestro Ennio Morricone e do famoso ator cômico Carlos Verdóne. Em agosto, depois de muitos anos, senti a emoção de tocar e cantar outra vez com Ornella Vanoni na maravilhosa *cornice* de Positano, perto de Nápoles, na Costa Amalfitana. Numa noite memorável, com o palco armado praticamente sobre o mar, acompanhados apenas pelo violão, eu e Ornella transformamos aquela apresentação numa obra única, sendo aplaudidos por mais de dez minutos seguidos. Fechando esse ciclo de atividades pelas cidades no ano de 1999, fui um dos protagonistas do espetáculo realizado em Bari, sul da Itália, na noite de 31 de dezembro,

réveillon marcado por um fato fora do comum: a neve caía sobre a região após cinquenta anos de ausência, em meio a um frio de congelar o sangue. Mesmo assim, as pessoas dançavam cantando músicas brasileiras.

A dedicação e a generosidade por parte do povo continuam sendo as marcas constantes nas minhas seguidas apresentações pelas cidades italianas. Ainda em 2001, depois de uma passagem por Lisboa e por Lugano, na Suíça, empreendi uma turnê pelo território italiano, tocando em Florença, Reggio Emilia, Milão, Roma, Nápoles, Palermo, Sciacca, Bari, Verona, no Casino di Campione d'Italia e em teatros históricos como o Ponchielli di Cremona, construído no final dos anos 1980.

Em julho de 2004, participei de um importante espetáculo realizado na Piazza di Siena, em Roma, com direção de Sergio Bardotti. O título do show: *Siamo Tutti Brasiliani* (Somos Todos Brasileiros), promovendo o encontro inédito de grandes artistas brasileiros. Estavam comigo Gilberto Gil, Jorge Ben Jor, Gal Costa, a italiana Fiorella Mannoia e a bateria da escola de samba Mangueira. Fizemos 200 mil pessoas vibrarem durante as três horas de um show marcado pelo ritmo e pela emoção. Um sentimento de alegria e descontração tomou conta da praça quando os tambores da Mangueira deram início ao espetáculo. Já era meia-noite, e o público empolgadíssimo queria mais. Gilberto Gil fez uma pausa para que todos cantassem *Parabéns a Você*. Eu completava 58 anos naquele momento, dia 6 de julho. Certamente, a maior festa de aniversário de minha vida. Afinal, havia perto de 200 mil convidados!

No verão europeu de 2005, a Itália me chamou para mais uma série de shows. Milão e Roma me receberam em espetáculos a céu aberto, que registraram cada um, a presença de 7 mil pessoas. Em Palermo, o Teatro Di Vardua, de palco descoberto, abrigou 2 mil pessoas a requisitar vários *bis* no final do espetáculo. Os shows nas cidades de Segesta e Tindari foram realizados em teatros históricos, arenas gregas localizadas no topo de montanhas. Em Tindari, a arena era cercada de muitas oliveiras, ao lado do santuário e das termas, edificações milenares com aproximadamente 3.400 anos. Em Sorrento, o Teatro Del Mare, aberto, fica próximo ao porto, de onde se avista a casa onde morava o grande Caruso. Aí, cantei e toquei para mil pessoas. Em Trani, de clima agradável e gente descontraída, 1,2 mil pessoas me aplaudiram vibrantemente na Piazza Storica Cattredau Trani, ao lado da catedral e do mar. O show mais emocionante da temporada foi realizado em Palmi. Assim como em



Sorrento, Spoleto e Trani, era a primeira vez que me apresentava em Palmi, na Sicília, cidade agrícola e turística. Quinze mil pessoas, entre adultos e crianças, se concentraram na grande Piazza Storica, dedicando-me um generoso carinho de admiração e reconhecimento. Depois, apresentei-me em Cetraro, onde recebi o Prêmio Vela Del Meditteraneo em sua primeira edição.

Nos últimos anos, tornaram-se rotineiras minhas apresentações fora do Brasil, tanto na América do Sul quanto na Europa. Estive em Santiago, Bogotá, Buenos Aires e Montevidéu com *shows* em vários formatos. Apresentei-me também nas Ilhas Canárias, passando por Las Palmas e Tenerife, enquanto Espanha e Itália estiveram constantemente em meu roteiro em importantes cidades desses dois países. Na Itália, em 2008, vivi a emoção de me apresentar em Toro, onde nasceu meu avô paterno, recebendo homenagens por parte de uma comunidade simples e carinhosa.

Outra grande emoção aconteceu em 2009. Andrea Bocelli é um dos maiores tenores do mundo. Há tempos vem demonstrando interesse pela música brasileira, e, em especial, pela minha obra, revelando-se conhecedor de várias de minhas canções, muitas delas de grande sucesso na Itália. Antes de conhecê-lo, chegou a dar uma entrevista aqui no Brasil falando de mim, que gostaria muito de trabalhar comigo, de gravar comigo. Fiquei lisonjeado e soube que ele falou isso na Itália também. Um dia tentei falar com ele na Arena de Verona após uma apresentação dele, mas não consegui. Aí, culminou que eu estava fazendo um *show* no Teatro Sistina durante uma das últimas turnês que fiz pela Itália, e após o espetáculo, eu estava dando autógrafos, e se aproximou uma senhora com um celular nas mãos, falando em italiano: *Andrea quer falar com você!* Pensei que fosse o tio dela, o marido, sei lá. Mas ela insistiu tanto que atendi o telefone: *Aqui é Andrea Bocelli...* Eu duvidei. Então, ele cantou um trecho de uma música e percebi logo que era o Bocelli

mesmo! *Mas como você está me ligando?*, perguntei. E ele me explicou que aquela senhora que me procurava era a sogra dele e que ela gostava muito de mim. E me dizia que queria ter ido com ela, mas não pôde e para eu dar uma atenção especial a ela. Falei de minha satisfação em atender aquela senhora e do prazer de ter falado com ele. Depois ele veio para o Brasil para o concerto em homenagem à Independência, no dia 7 de setembro, no Parque da Independência, em São Paulo, e me convidou para participar com ele. O ensaio foi um dia antes, no Hotel Mofarrej. Quando cheguei para o ensaio, Bocelli estava tocando piano com amigos. Eu andava em direção a ele por um corredor enorme. Quando estava a uns 6 metros, ele parou de tocar e disse: *Toquinho!* Impressionante. Ao ouvir minha voz, começou a tocar no piano *Aquarela*, depois *Samba da Rosa* e *La Voglia, la Pazzia*, mostrando sua intimidade com essas minhas composições. Essa atitude dele me comoveu demais. Na tarde do dia 21, durante o Concerto, cantei *Acquarello* com ele. Foi outro momento mágico para mim. A partir daí nossa amizade se fortaleceu. Após essa apresentação no Parque da Independência, Bocelli viajou a Porto Rico. De lá, me ligou convidando-me para a apresentação anual que faz há cinco anos, em sua cidade natal, Lajatico, próximo a Pisa, no Teatro del Silenzio. Fui o único artista popular no concerto deste ano, ao lado dos demais convidados: o tenor Plácido Domingo, o flautista Andrea Griminelli e as cantoras líricas Katherine Jenkins e Sabina Cvilak. Para uma plateia de 10 mil pessoas, cantei no ensaio aberto do dia 17 de julho e no show do dia 18, *La Voglia, la Pazzia*, acompanhando-me ao violão. Depois, Bocelli foi ao palco para dizer que na juventude se emocionava com minha música e que estava muito feliz em receber-me em seu país para cantar com ele a canção que sempre o encantou: *Acquarello*. Foi um dos momentos mais marcantes do show, reafirmando meu prestígio e minha popularidade na Itália.



28

O show *Vivendo Vinicius* O Emocional Depoimento de Baden Powell

No Brasil, os anos finais do século passado destinaram-me realizações artísticas que sintetizaram homenagens, recordações, reencontros e novas parcerias. Vinicius de Moraes parecia estar vivo no palco do Metropolitan, no Rio de Janeiro, como que dançando e cantando comigo, com Miúcha, Baden Powell e Carlos Lyra durante o espetáculo *Vivendo Vinicius*, sob a direção de Miéle. No show, parecia que Vinicius se apresentava no palco com seus principais parceiros, três dos quais estavam lá, e Miúcha, uma espécie de porta-voz de Tom Jobim. O espetáculo ficou registrado ao vivo em dois CDs produzidos pela BMG.

Foi nessa ocasião que Baden Powell provocou em mim uma incrível emoção, revelando, num depoimento escrito de próprio punho, a imagem que fazia de mim. Um autêntico reconhecimento carinhoso de minha qualidade artística e do meu valor humano. Eu que, durante algum tempo, o tive como ídolo, e, ainda que no mesmo palco dividindo um solo de violão, continuava a vê-lo como um grande mestre. Quando acabei de ler aquelas palavras tive uma reação espontânea que trazia embutida uma orgulhosa gratidão: *Puxa, Baden! Você demorou todo esse tempo para me dizer tanta coisa bonita!*

É delicado e ao mesmo tempo também muito honroso para mim falar de um músico tão sábio e tão importante assim como o nosso querido Toquinho, mundialmente conhecido e respeitado por todos os grandes músicos internacionais, pelo talento de sua arte. E mais ainda, quando esse músico carrega com ele a mais bela das artes, que é o dom da composição. Ó, meu Toquinho, você foi abençoado por esse dom maravilhoso, a composição, que é o dom da criação. A tua composição, a tua música tem uma forte imagem e uma cor pura. Essas são as características mais bonitas que marcam o verdadeiro músico e compositor. Por essa razão você se tornou um virtuose... O importante é o grande guitarrista, pelo domínio fantástico de seu instrumento. Habilidoso e dotado de uma técnica rara (técnica de apoio) e clássica, com pegadas firmes da mão esquerda e ao mesmo tempo doce nos ligados e com um polegar direito firme e valente, bem brasileiro nos seus choros. Uma dedilhação leve e veloz que fez da tua música e do teu violão um som inconfundível que marcou em você esse virtuose guitarrista pelo mundo afora... Eu posso dizer tudo isso com absoluta firmeza porque te vi nascer na carreira, desde os tempos do Fino da Bossa, em São Paulo. Quando, você ainda garoto, começava a revelar o seu grande talento no violão. Quando andava

Show "Vivendo Vinicius"

entre nós pelos bastidores do teatro da Consolação (Teatro Paramount), Elis, Tom, Zimbo Trio, enfim, os mais adultos que éramos, tínhamos você como o nosso Coringa, e considerado por todos nós como o Caçula revelador mais autêntico da Bossa Nova. Pelo seu ritmo incrível de samba e choros que você, tão pequeno, já nos deliciava com sua música. Mal sabíamos do grande compositor que já existia dentro de você... Tua música desabrochou como raio de luz e se tornou brilhante pela cor e pela imagem que possui. Você cresceu, e continua ainda o nosso Caçula mais querido, e agora mais do que nunca o nosso "Duende".

Teu violão brasileiro e puro é o retrato das suas raízes, velhas serestas, madrugadas, e lembram o sereno da garoa paulista, terra de amor. Vinicius de Moraes era grande poeta e sábio, um gênio, porque soube bem te escolher como parceiro. Não foi à toa, ele tinha uma visão fantástica. E por que não dizer a mim, quando ele me escolheu, ao Tom, a Carlinhos. Eu, se fosse letrista, me candidataria como seu parceiro pelas suas belas melodias, porque têm cores. A tua composição é o resultado do teu coração misturado com as coisas que você ouviu, viu e sentiu. E aí é que se forma a imagem bonita que ela tem: um mestiço colorido e harmonioso nas suas notas. Esse é o maravilhoso Toquinho, compositor e guitarrista que eu amo, respeito e admiro. Toquinho amoroso, amigo, chorão brasileiro. Cheio de docura, caloroso, jeito malandro e grande músico. Sua criação espontânea jorra sem parar e com muito amor. Tua música não tem tempo nem idade. É abençoada. Isso é Toquinho.

Do teu amigo e colega, Baden Powell

Hermínio Bello de Carvalho, Toquinho, Baden e Paulinho da Viola
Carlos Lyra, Miúcha, Toquinho, Susana de Moraes e Baden Powell



29

O CD *Toquinho/Paulinho Nogueira*

Parcerias:

Paulinho da Viola e Paulo C. Pinheiro

O CD *Só tenho tempo pra ser feliz*



Toquinho e Paulinho Nogueira

O ano de 1999 pode ter sido para mim o do reconhecimento. As treze faixas do CD *Toquinho/Paulinho Nogueira*, lançado pela Movieplay, é a prova concreta disso. Solamos num trabalho instrumental irretocável a traduzir uma relação tão bem sintetizada por Paulinho Nogueira no encarte do CD: *Quando conheci Toquinho, ele era apenas um adolescente. Não demorei para perceber que estava diante de um violonista excepcional e a relação professor/aluno transformou-se numa bonita amizade. O resultado dessa história de tantos anos está nesse CD, no registro conjunto de um repertório que é significativo tanto para mim quanto para ele. É o encontro de dois músicos que trilharam caminhos diferentes, mas nunca distintos.* Foi lindo gravar com Paulinho Nogueira esse CD. Revivemos tantos momentos importantes e carinhosos que nos levaram ao reconhecimento mútuo da atuação de cada um na vida do outro. Fica difícil sintetizar em palavras o orgulho do ex-professor e a vibração do ex-aluno durante a confecção desse disco.

Na diferença dos caminhos, conservo a marca das grandes amizades. Essa marca vem registrada no show *Sinal Aberto*, assinalando meu reencontro com Paulinho da Viola num palco após trinta anos. Em *Sinal Aberto*, fizemos questão de relevar a música essencialmente brasileira, tanto em nossas próprias composições quanto naquelas em que revivemos Dorival Caymmi, Cartola, Pixinguinha, Canhoto, Dilermando Reis, Chico Buarque, Jorge Ben Jor, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Garoto, Canhoto da Paraíba, num espetáculo caracterizado pelo bom humor, pela sintonia entre violão e cavaquinho, na louvação de uma antiga amizade que, por incrível que pareça, só depois de tantos anos ganhou uma parceria musical: o gostoso samba *Caso encerrado*, fazendo parte do show que foi gravado ao vivo quando apresentado no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, resultando o CD duplo *Sinal Aberto*, produzido pela BMG.

O ano de 2000 me proporcionou a oportunidade de fazer música com um novo parceiro: Paulo Cesar Pinheiro. Parceria que fora ensaiada em várias situações, mas que só então frutificava em função de um texto de Millôr Fernandes para teatro baseado nos quinhentos anos do descobrimento do Brasil. Criamos oito canções para a trilha musical da peça *Outros Quinhentos*, que teve vida curíssima. Parece que o melhor da peça foi mesmo a trilha musical. Conhecedor profundo das histórias e das lendas que fazem do Brasil um país de lampejos de esperança e sonhos naufragados em sucessivas decepções políticas, Paulo Cesar Pinheiro, inspirado em minhas melodias,

acabou caracterizando em suas letras o ilogismo fantástico que impera em nossa nação desde a chegada dos portugueses e seus contatos com os índios até os variados tipos de cortes que têm desgovernado esse país. Além das oito músicas que integraram a trilha da peça teatral, criamos mais quatro canções que completam as doze componentes do CD *Mosaico*, lançado em novembro de 2005 (Círculo Musical/Distribuidora Independente). O texto de apresentação do CD é do Paulo César Pinheiro: *Em 2000, Toquinho foi convidado para fazer as músicas de uma peça de Millôr Fernandes em comemoração aos 500 anos do Brasil. Ligou para mim, perguntando se eu topava dividir a empreitada com ele. Millôr é meu velho amigo e, de imediato, aceitei o trabalho. Apesar de nos conhecermos há mais de trinta anos, Toquinho e eu nunca fomos parceiros. Pois bem: me hospedei em sua casa em Jaguariúna, no interior de São Paulo e, em uma semana, já tínhamos esboçado cerca de oito belos temas. Dias depois, demos o arremate final. A peça estreou no Teatro Municipal de São Paulo e, por problemas de produção, só foi encenada num fim de semana. Ficamos com aquelas músicas fortíssimas engavetadas.*

Com pena de perdê-las para sempre, resolvemos compor mais algumas, seguindo a ideia. Percebemos, então, que tínhamos em mãos um disco maravilhoso que contava a história do Brasil. Era, por assim dizer, um “disco-enredo.” Canção, fado, samba, canto-índio, afro, maracatu. Um verdadeiro retrato da cultura popular e da diversidade rítmica de nosso país. Uma obra atemporal e com possibilidades internacionais. Um mosaico da alma brasileira. E com esse nome, Mosaico, foi batizado o CD. Toquinho foi para o estúdio, gravou tudo e, sem pressa, esperou a melhor oportunidade para seu lançamento e apresentação. Chegou, enfim, a hora. Gosto demais do resultado. E sei que, em qualquer lugar do mundo e em qualquer tempo, por onde esse disco passar o Brasil estará bem representado.

O ano de 2003 assinala o surgimento, após oito anos, de um novo CD de minha carreira com músicas inéditas. Destacam-se desse trabalho, lançamento da Movieplay, a canção que dá título ao CD, *Só Tenho Tempo pra Ser Feliz*, e os sambas *Caso Encerrado*, parceria com Paulinho da Viola, e *Esquece*, só meu. Porém, a verdadeira obra-prima do disco conta com a colaboração de Mutinho, o parceiro dos temas familiares, e traduz momentos de profundo carinho, amor e dedicação vividos por mim, que representam todo fascínio que só uma filha é capaz de exercer sobre um pai: *Canção pra Jade*.

30

DVDs e Shows Importantes

Com o surgimento dos DVDs, o artista passou a entrar na casa das pessoas de uma forma mais viva e real. Desde então, vários DVDs meus foram lançados mostrando diversas fases de minha carreira. Em 2001, a Kau Laser/Biscoito Fino produziu e a Sony distribuiu o DVD de minha biografia musical contendo músicas e depoimentos, com participações especiais de Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Chico Buarque, Quarteto em Cy, Fiorella Mannoia, Jorge Ben Jor, Gilberto Gil, Ivan Lins e Paulinho Nogueira, que teve mais de 25 mil cópias vendidas, resultando daí o DVD de Ouro. Este título continua no catálogo da gravadora, sendo um dos mais vendidos da Biscoito Fino.

A Biscoito Fino lançou outro DVD em 2005, com o título de um show, *Só Tenho Tempo pra Ser Feliz*, no qual eu revivo os grandes sucessos de minha carreira. Nesse show, eu contava com uma convidada especial, Badi Assad, que se apresentava todas as noites. Mas reservava um momento do espetáculo para a hora da canja, em que chamava amigos e parceiros para uma apresentação descontraída. Estão comigo Yamandu Costa, Leo Gandelman, Carlos Lyra e Carlinhos Vergueiro.

Outro DVD lançado em 2004 faz parte de um projeto grandioso, incluindo três modalidades de trabalho: um CD duplo contendo trinta das mais representativas canções que caracterizam a Bossa Nova; o próprio DVD com músicas e depoimentos de artistas que participaram do início e da evolução da Bossa Nova; e um livro, escrito por meu irmão, João Carlos Pecci, narrando fases mais importantes desse movimento transformador da música brasileira, e que se espalhou pelo mundo. Esse projeto, intitulado *A Bossa Nova não tem Tempo nem Idade*, nasceu de uma ideia do produtor italiano Raimondo Moretti objetivando relançar, não somente aos fãs, mas também às novas gerações, aquela época musical do período em que eu iniciava a carreira, e que influenciou decididamente minha dedicação como instrumentista.

Ao longo de mais de quarenta anos de carreira, aprendi a agarrar a vida e a música com naturalidade e alegria, do jeito que elas chegam. A Bossa Nova marca o início de meu longo percurso artístico e representa a transformação cultural consumada no Brasil por uma juventude que buscava uma realidade musical mais autêntica, condizente com a euforia e a liberdade predominantes no País naquela época. Faço parte de uma geração que elegeu o violão como signo genuíno de uma criatividade enraizada na beleza melódica

dessas canções. Daí meu devotamento ao violão, obcecado, em primeiro lugar, pela revolucionária *batida* de João Gilberto; depois, pelo extraordinário aprendizado com meu grande mestre Paulinho Nogueira; passando ainda pela influência melódica de Oscar Castro Neves; chegando, enfim, àquele encontro inigualável de amizade e colaboração com Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Baden Powell, que contribuíram para que eu conservasse sempre vivo em mim aquele anseio e aquela inspiração musical que ainda hoje perduram com a mesma intensidade. Após todos esses anos, senti que devia homenagear a Bossa Nova lançando esses dois CDs e o DVD com trinta das mais representativas canções daquela transformação cultural, cuja beleza prossegue encantando sucessivas gerações. A Bossa Nova difundiu para o mundo a vitalidade da arte musical brasileira, ainda hoje presente, conhecida e admirada por todos. Posso, sem dúvida, afirmar que a Bossa Nova não tem tempo nem idade. Todo esse pacote musical começou a ser apresentado na Itália no final de 2004. Por conta desse lançamento, realizei dez *shows* nas cidades de Verona, Cesena, Florença, Bari, Roma, em Lugano, na Suíça, e em Milão. Nessa última, a apresentação deu-se no Teatro Dal Verne, com o objetivo de colaborar com a Fundação Gol de Letra, dirigida pelos ex-futebolistas Leonardo e Raí, grandes amigos meus. No final do *show*, Leonardo e mais os jogadores brasileiros que integravam a equipe do Milan, ou seja, Dida, Cafu, Kaká e Serginho, dedicaram-me uma camisa do Milan com o número 40 registrado nas costas em homenagem aos quarenta anos de carreira.

Outro projeto musical que inclui um DVD foi concluído em 2005. Seu título, *Passatempo*, tem tudo a ver com a casa noturna homônima, um ponto de encontro na noite paulistana com música ao vivo de grande qualidade. Apresentei-me pela primeira vez no Passatempo em maio de 1997. A partir daí, esse espaço para 120 pessoas, tão bem dirigido pela empresária Lilia Klabin, passou a receber os mais expressivos nomes da MPB. Eu fiz alguns *shows* lá, e conheci melhor a Lilia. E um dia ela chegou pra mim e me falou que queria fazer um projeto musical. Então, chamei o Genildo, a Circuito Musical entrou no meio e comecei a administrar essa ideia, que ainda não era muito clara para mim. E numa noite, a Lilia foi até minha casa e eu comecei a tocar e a cantar canções de minha infância, as primeiras canções que me emocionaram. E é claro, aí me chegavam Cauby Peixoto, Ângela Maria, o Anysio Silva, Nelson Gonçalves, Agostinho dos Santos, Jorge Veiga, João Dias. Então,

comecei a peneirar isso, e cada canção que eu tocava, as emoções vinham claramente, lá na sala de visitas da casa de meus pais, aquela vitrola antiga tocando aqueles discos 78 rotações, e tudo isso eu tentei passar no disco e no DVD, e acho que consegui. Minha interpretação é muito pessoal, deixando-me levar pela memória afetiva. Como se abrisse a janela do tempo para vasculhar o passado e trazer a síntese daquilo que mais fortemente buliu com meus sentidos, porque esses temas não são apenas a letra e a melodia, mas também o perfume, o comportamento, a atmosfera de uma época.

Há outro DVD, lançado há poucos anos, que registra uma apresentação ocorrida em 1983, na cidade suíça de Lugano. É o *show* que fechava uma excepcional turnê que realizei por vários países da Europa. Esse DVD é uma verdadeira raridade. Tem a participação de Luciana Rabello no cavaquinho e Papete com seu berimbau, ambos destacando-se com solos maravilhosos. Mais recentemente, houve o lançamento de mais dois DVDs. Um deles: *Toquinho no Mundo da Criança*, produzido pela Editora Delta, que mostra sete clipes animados das canções *Aquarela*, *O pato*, *O caderno*, *A casa*, *Errar é humano*, *A bicicleta* e *Mundo da criança*. E o outro DVD, em 2009, *Toquinho e MPB-4 – 40 Anos de Música*, que nasceu de um *show* essencialmente intimista e acústico. Em 2007 resolvemos nos reunir para um espetáculo, cujo grande sucesso gerou seguidas apresentações em várias cidades do País, o que nos levou a gravar um CD e um DVD, produzidos na realização de um *show* no Teatro Fecap, em São Paulo. No DVD, o *show* do Fecap está na íntegra. Além das canções do CD, contando com as homenagens a Dorival Caymmi, Tom Jobim, Paulinho Nogueira, Baden Powell, Vinicius de Moraes e Chico Buarque, foram incluídas as músicas *O Cio da Terra*, *Chega de Saudade*, *Retrato em Branco e Preto*, *Samba do Avião*, *Amigo é pra Essas Coisas*, *A Lua*, interpretadas pelo MPB-4, e mais *Que Maravilha*, *Aquarela*, *Os Quatro Mosqueteiros* e *Samba de Orly*, interpretadas por mim.

Em agosto de 2004, eu iniciava a comemoração de meus 40 anos de carreira com informalidade e descontração, num espetáculo ao mesmo tempo grandioso e intimista. Apoiado por 17 músicos excepcionais, abria o *show* com uma saudação à Bahia, por ser o lugar de canções marcantes em minha vida, como *Morena Flor*, *Meu Pai Oxalá*, *Canto de Oxum* e tantas outras, feitas com Vinicius de Moraes. Em seguida, com meu violão, relembrava

canções que me influenciaram na infância, ligadas a Ângela Maria, Orlando Silva, Luiz Gonzaga, Francisco Alves, entre outros. Não poderiam faltar homenagens aos mitos de minha adolescência, que vieram a se transformar em amigos: Tom Jobim, com os clássicos *Este seu Olhar*, *Corcovado*, *Eu Sei que Vou te Amar*, *Se Todos Fossem Iguais a Você*; Baden Powell, com *Berimbau*, e meu grande mestre Paulinho Nogueira, com *Bachianinha nº 1*. Ressaltava também a importância dos amigos e parceiros nas canções com Mutinho (*Escravo da Alegria*, *Turbilhão*); com Paulinho da Viola, *Caso Encerrado*, com Jorge Ben Jor, *Que Maravilha*, meu primeiro sucesso; com Chico Buarque, *Lua Cheia*, a primeira composição que fizemos, ainda adolescentes. Lembrava ainda dois momentos mais importantes de minha vida, cantando canções que fiz para meus filhos, *Ao que Vai Chegar* e *Canção pra Jade*. Para as crianças, cantava *A Bicicleta*, *O Pato*, *A Casa e O Caderno*, e encerrava o espetáculo com os grandes sucessos que fiz com Vinicius de Moraes, uma síntese da criativa parceria de 10 anos. As emoções maiores, porém, eram causadas pelo uso da moderna tecnologia eletrônica: em determinados trechos do show, descia um telão, no qual surgia a presença virtual, ora de Paulinho da Viola, ora de Jorge Ben Jor, e, por fim, de Chico Buarque, cada um deles a conversar comigo e a cantar junto, numa coordenação tão perfeita a ponto de, em certos momentos, a plateia chegar a duvidar que aqueles amigos não estivessem realmente no palco.

31

O Musical *Cats*, com Versão de Toquinho Toquinho e Paulo Ricardo: O CD *Viver Vinicius* Parceria Toquinho/Antonio Skármeta

Em 2010 chegou pela segunda vez ao Brasil o musical *Cats*, composto por Andrew Lloyd Webber, musicando uma série de poemas de T. S. Eliot sobre gatos e submetendo-os a um roteiro. Tendo estreado em 1981 no New London Theatre, manteve-se em cartaz por 21 anos, além de consagrado por mais e 20 anos na Broadway. Desta vez *Cats* foi apresentado ao público brasileiro em língua portuguesa, com versão para o português feita por mim, dando ao musical um clima brasileiro. Na adaptação que fiz, consegui inserir na Londres de 1981 um pouco da cidade de São Paulo, como bairros de Vila Nova Conceição e Morumbi e achar uma brecha para nomes como Fernanda Montenegro e Paulo Autran, preocupando-me, acima de tudo, em não desvirtuar a montagem original. Quando recebi o convite para esse trabalho, confesso que relutei em aceitar, pois não havia ainda feito nada nesse sentido. Acabei topando e preparei cinco versões como teste para a concretização do contrato final. Fui aprovadíssimo. Quando recebi o monte de canções a serem adaptadas para o português, assustei-me. O trabalho representava muito mais do que tinha pensado. Minha primeira decisão foi a de desligar-se completamente da tendência de seus autores originais e do peso do sucesso do musical, assistido por 50 milhões de pessoas, apresentado em mais de 300 cidades do mundo, em 11 idiomas. Passei a confiar apenas em minha capacidade artística, concentrar-me nas características de seus personagens, e conviver com todos aqueles gatos de uma forma lúdica e brincalhona. Trabalhei duro durante dois meses, em letras de 23 canções a serem vertidas para o português tendo de obedecer as rimas cantadas em inglês e manter a métrica exata da música em função da coreografia, preservando a ação dos atores. Não foi fácil. Tive o dobro do trabalho que pensava. Apesar de tudo, tive toda a liberdade para criar, inventar situações encaixando o humor brasileiro sem macular o original. Foi, antes de tudo, muito divertido. Quando assisti ao espetáculo, pude avaliar a dimensão do que tinha feito e fiquei feliz com o resultado.

A responsável pelo meu trabalho com Paulo Ricardo foi Lilia Klabin, dona da casa de espetáculos Passatempo. Ela tinha uma verba disponível para patrocinar um projeto musical, e juntou nós dois, artistas de tendências completamente distintas. Diante das dúvidas de como desenvolver o projeto, o Paulo propôs gravar um CD com músicas de Vinicius de Moraes, uma espécie de homenagem ao grande poeta. De início, um desafio: como gravar músicas de Vinicius sem ser repetitivo? Então, o Paulo trouxe o Waldo Denunzzi,

um músico, arranjador, homem de publicidade, de quem ele havia ouvido algumas coisas e gostado muito. Ouvi um arranjo dele, muito *pop*, moderno, só computador, uma linguagem que requer coragem para ser enfrentada, uma coisa muito diferente de tudo que já foi feito. Ele me mostrou outros arranjos, fragmentos de canções e pude sentir o caminho musical estético dele. Porque o arranjo é mais uma coisa estética dentro do universo que define uma canção. Eu tinha de arriscar, mas com certa cautela. Propus então que eu gravaasse todas as bases do violão preparando já possíveis mudanças para as ideias de harmonias e de arranjos. E que se colocassem as vozes de Paulo e a minha. De certa forma, já ficaria um disco pronto, com voz, violão e possíveis diferenças. E que o Waldo colocasse tudo em cima, como ele quisesse, com liberdade total de fazer o que bem entendesse. Dessa maneira, a canção continuaria absolutamente presente, como ela é e sempre foi. Então, o Paulo e eu estamos como quase coadjuvantes. As estrelas do disco são os arranjos e o Vinicius. O Vinicius, que deu esse alinhavo todo como ideia, e o Waldo, que fez o grande diferencial. Ficou um ano trabalhando nisso, pois, quanto mais liberdade se tem mais difícil se fazer coisas. Além de poder colocar qualquer tipo de som, ele tinha à disposição toda a tecnologia de hoje, o que torna mais complicado fazer um arranjo. Propus ainda que queria mixar o disco. Assim, como ele tinha a liberdade de criar, eu poderia cortar o que bem entendesse. Quando ouvi o primeiro arranjo, levei um susto. Era uma coisa muito estranha, sons, harmonias, tudo trocado. Aí, começamos a discutir, a examinar as melhores possibilidades de o violão estar mais presente sem parecer lugar-comum, parecido com tudo que eu havia feito. Foi muito difícil atingir esse equilíbrio, porque escolhemos uma linha de muita liberdade e uma forma muito inusitada. O Waldo deu todas as pinceladas de modernidade, muito mais próximo da música *pop* do que eu, sem abandonar o passado das canções, colocando fragmentos de gravações originais em cada arranjo. Ouvi-se o Vinicius cantando *Canto de Ossanha* com a gente,

misturando as épocas numa linguagem altamente *pop*. Ouve-se uma coisa moderna, *pop*, e de repente para tudo e entra a voz do Vinicius como se surgisse do infinito, meio anasalada mecanicamente, falando poesia em meio a um baita *rock*, ou então o Quarteto em Cy cantando trechos de canções na forma original. É tudo muito louco e fantasticamente atraente. Um trabalho que nunca foi feito com essas músicas, muito polêmico, a receber críticas boas ou ruins. O que importa é que há um respeito total por Vinicius. Tomamos um cuidado especial com isso, o Paulo demorou muito para botar a voz, pois não se enquadra nesse tipo de harmonização, está acostumado a cantar *rock*. Nós cantamos juntos, fazemos duas vozes, às vezes não se sabe bem quem é um e quem é outro, é muito engraçado. É algo que se estranha, mas depois pode se adorar tudo aquilo. Não se consegue achar ruim. Outra coisa: esse disco prova quanto o Vinicius é *pop*. Ele tem um lado mutante que impressiona. O Vinicius sempre foi *pop*, ajustando-se a qualquer coisa. Quem mais se enquadrou nesse trabalho foi o Vinicius, quando ele entra, parece que está com a gente, sempre despontando carismaticamente.

O disco é surpreendente, é não linear. O Waldo é contra qualquer coisa linear, e eu me dobrei várias vezes diante dessa posição dele. Se alguém me convence de alguma coisa, eu vou junto. Ser radical ou irredutível é sinal de velhice. Eu tocando violão, parece um solo de guitarra. É a minha linguagem de improvisação, que é brasileira, tocada como se eu fosse um roqueiro. Depois de todas as canções prontas, sentimos a necessidade de introduzir também a música *Sei lá... A Vida tem Sempre Razão*, abertura da novela da Globo *Viver a Vida*. Então, o Waldo deu a ideia de se começar o arranjo com prato e caixa de fósforo, que é a origem de tudo. E quem melhor se saiu na caixa de fósforo foi um grande amigo meu, carioca da gema, o Paulo César, famoso PC, que estava no estúdio acompanhando tudo. Tudo isso prova a liberdade com que foi tratado esse disco. E deu certo! Seu lançamento se dará durante o ano de 2010.

Outro CD a ser lançado futuramente contém músicas minhas com letra de Antonio Skármeta, grande escritor chileno, autor do livro que originou o filme *O Carteiro e o Poeta*. Skármeta gosta muito de música, jazz, música brasileira, choro, tem disco de tudo quanto é gênero. Quando me apresentei no Chile em 2006 ou 2007, não me lembro bem, ele foi assistir ao show, ligou para meu empresário Genildo dizendo que queria me conhecer, e fomos almoçar juntos. Alguns meses depois voltei ao Chile para outros shows e ele me convidou para jantar na casa dele. Nessa ocasião, eu tinha acabado de fazer um samba inspirado numa moça muito linda exaltando o amor e a vida.

Mostrei o samba e ficamos cantando a noite toda. Entusiasmado, ele começou a fazer uma tradução para o castelhano. Mexi numas coisas, ficou uma letra muito boa e cantamos repetidas vezes. Então, passei a entusiasmá-lo a fazer letras de música. Quando recebi as letras, percebi que não dava para fazer nada. Faltava a linguagem musical, o pique musical da frase. Então, mandei algumas melodias para ele, talvez ele se enquadrasse melhor nessa atmosfera musical. Ele ficou endoidecido. A mulher dele me ligava dizendo que ele parou de escrever, deixou de lado a novela que estava fazendo, tão empênhado que ficou na tentativa de fazer aquelas letras com muita dificuldade, morrendo de medo de mostrar. Então, ele veio para o Brasil para me mostrar e logo vi que era tudo mal enquadradado, faltava o pique do acento, da rima, de tudo. Aí, começamos a trabalhar em cima daquelas letras, e eu tive um trabalho enorme, procurando ajustar o sentido exato das palavras, mudando, ele relutando muitas vezes em aceitar essas mudanças propostas por mim, tudo em castelhano. Mexi em 40% das letras e aquilo foi ficando com cara de música, canções para ser cantadas. As ideias dele são bonitas e originais, surrealistas, bem no estilo dele como escritor. Eu não teria essas ideias, adequadas até para um musical, no qual a música fica em função de uma ideia. É uma parceria importante que tem tudo para fazer sucesso.

32

Toquinho: Operário do Próprio Talento

Depois de mais de quarenta anos de carreira, continuo sendo um operário do próprio talento. Trabalho com o mesmo apego tanto nos discos quanto nos shows. Minha profissão me equilibra, estudo violão todos os dias, adoro fazer espetáculos, adoro cantar. Porém, gosto de cuidar também do lado comercial, financeiro e administrativo de minha vida. Sempre me preocupei em ganhar dinheiro, pois é o que nos dá a força de escolher o que fazer, de dizer não para as coisas. Se tenho a possibilidade de ganhar com prazer, vou fazer. Na hora em que piso no palco começa a diversão. Conto histórias, improviso. E gosto de tocar violão, de brincar com os músicos. Espero poder fazer isso até os 90 anos. Tem um ditado que diz: *Isca longe, peixe grande*. Eu vejo a coisa lá na frente. O bom negócio, você faz sem pressa. Eu me sinto tão à vontade nos estúdios de gravação e nos palcos, que consigo descobrir, com bom humor, o caminho mais simples que leva à solução de qualquer problema, estabelecendo conclusões, sempre óbvias, seguidas de gostosas gargalhadas. Aliás, o sorriso é a chave mestra que sustenta o entusiasmo por tudo o que faço.

Em praças públicas, *shoppings*, teatros de grande ou médio porte, a qualidade do som é minha principal exigência. Gosto de me entregar à plateia como se estivesse na intimidade da minha sala de visitas. Em shows fechados para empresas ou abertos para o público em geral, acompanhado só do meu violão ou com a banda, além de intérprete e instrumentista, me sinto um autêntico contador de casos envolvendo a plateia com a alegria e meus valores humanos. Muitas vezes, decido algumas horas antes como começar um show, porque há tantas músicas e tantos fatos a relatar que posso me dar ao luxo de montar um espetáculo diferente a cada apresentação. Tenho prazer em desfrutar do prazer de ser artista, e sei que sou um artista que não compromete as ações do homem comum, mantendo uma comunhão perfeita entre a arte com que exerço a vida e a vida que coloco em minha arte. Sem dúvida, Vinicius de Moraes tem uma parcela de influência na minha formação de comandante de shows. Aprendi muito com Vinicius. Eu tinha 23 anos quando comecei a trabalhar com ele. Eu ficava do lado dele, vendo como manejava as coisas que tinha feito no dia anterior e nunca era igual. Ele sabia onde colocar a emoção, para depois mudar e brincar com outra música. Aprendi como fazer um show. No palco, ele fazia coisas inusitadas, era o anti-show. Às vezes, no meio do espetáculo, colocava o microfone de lado, pegava o copo,

despejava uísque, punha gelo, mexia... tudo isso sem ninguém falar nada, o espetáculo simplesmente parava! Ritual que demorava pelo menos um minuto e meio! E repetia isso duas, três vezes. Era um grande personagem no palco, trazia com ele vários Vinicius.

Carrego comigo uma serena inquietude e dificilmente deixo de abraçar as grandes oportunidades que me cercam. Sinto a renovação de meu público a cada apresentação. Uma juventude que canta comigo, aplaude, solicita, admira e se diverte porque percebe que – por trás da silhueta física do artista de palco – há um espírito vibrante, movido pelo amor à vida e às artes de cantar e de tocar violão. Extraio da prática da vida fundamentos para a felicidade. Fundamentos baseados em reflexões e comportamentos aparentemente absurdos, mas que, friamente analisados, provocam nas pessoas uma serena aceitação. Por exemplo: a mentira é a arte da preservação. Há situações em que somente a mentira é capaz de apaziguar e arrefecer as emoções. A mentira é vital para o congraçamento dos seres humanos, para a vida continuar harmoniosa. Tanto que as mulheres evitam de se olharem diante de certos espelhos que contêm focos reveladores, porque as rugas aparecem demais. Esses espelhos revelam uma realidade devastadora. Por isso a mentira é o filtro da vida, como se a vida fosse mais bonita. Sem mentira, é a luz na cara! A ruga aparece, o espelho aumenta, a luz fria aparece na cara! Com a mentira, a vida adquire outra cor, é o disfarce necessário. Assim como a omissão é a semente da harmonia. Tem horas em que se omitir é a única saída para a tranquilidade. E tem mais: o egoísmo é fundamental para a preservação. Preservando-se, você pode se dar mais para os outros. O egoísmo é essencial para qualquer tipo de relação. Outra coisa: há que se tomar muito cuidado com o presente, qualquer objeto que se oferece a alguém. O presente é um perigo, pode destruir uma amizade.

O presente tem de ser exato, sem excesso, mas sem carência também. O presente, que aparenta insignificância, pode causar mal-estar na pessoa que recebe: *Puxa! Eu valho mais que isso. Mereço mais!* Ao contrário, se o presente revela um valor excessivo, fora do normal, quem recebe pode pensar: *Esse cara está mal-intencionado, está querendo algo em troca! Está me dando ouro? A intenção é outra!* Por isso, para se dar um presente exato para uma pessoa, que caiba na amizade, o que ela espera do presente, é muito difícil. Como correr esse risco? Melhor não dar. Um forte abraço, leal e sincero, pode evitar tantos constrangimentos... Minha música, em certo sentido, contém todos esses fundamentos.

Não há fronteiras para a música. Eu a levo para bem longe de minha terra, ao mesmo tempo que conservo aquela brasiliade de quem ama andar pelos mais distantes locais do meu país, seja a cidade grande ou pequena, próxima ou distante. Faço desse itinerário um trançado de harmonia comigo mesmo, um ziguezague de emoções e tranquilidades, num ritmo perfeitamente subordinado à dinâmica que a vida impõe. Porque, para mim, a vida virá sempre antes da arte. Para exercer minha arte tenho de conjugar altivez, humildade, dedicação, sensibilidade intuitiva, evolução técnica, paciência, teimosia, bom humor e, principalmente, um vibrante amor à vida. Só assim consegui produzir, até agora, cerca de trezentas canções, uma extensa discografia com mais de oitenta itens, entre títulos lançados no Brasil e no Exterior, e perto de 5 mil shows espalhados pelo território nacional, América Latina, Europa e Japão.

Essa abrangente atividade requer uma profunda percepção artística, profissional e humana na lida com parceiros, produtores e diretores de shows; músicos, técnicos de estúdios e de palcos, cantoras, conjuntos vocais e assédios de fãs. Exige uma destreza psicológica no trato com comissários e comandantes de

voos, camareiras e gerentes de hotéis, garçons e chefes de cozinha. Um artista tem de estar constantemente guardado para a criatividade, matéria-prima do talento na continuidade de sua carreira. E essa reserva emocional depende de minha relação com empresários. Walter Silva e Roberto Colossi fizeram parte do início de minha carreira. Depois trabalhei com Roberto Santos, Roberto Oliveira e, durante 25 anos, com Fred Rossi, com quem sedimentei minha marca artística junto e separado de Vinicius de Moraes. Na Itália, foram meus empresários Giorgio Rocco, Franco Fontana, Gianni Sergio e Raimondo Moretti. Desde 1992, tenho ao lado um autêntico escudeiro: Genildo Fonseca, uma espécie de empresário-anjo da guarda que idealiza, prepara, aciona e realiza contratos, *shows*, programas, gravações e viagens. Especialista em aeroportos, hotéis, restaurantes, interior de aeronaves, tipos de táxi e até de cardápios, Genildo é um mestre da elegância e da gentileza. Carrega com ele a integridade da palavra ainda amarrada ao fio do bigode, sempre acionada pela sensatez e pela fraternidade. Isso me preserva a tranquilidade para o prosseguimento de minha carreira.

Genildo compartilha comigo a alternância do dia a dia ligada à profissão, à família, aos amigos, à concepção contemporânea e positiva do mundo, sabendo distinguir e cooperar tanto com o Toquinho objetivo, pragmático, calculista e decidido, quanto com o Toquinho subjetivo, contido, desconfiado e fugaz. Tanto que, certa ocasião, precisando de um depoimento dele sobre mim, pedi a ele que o fizesse. E ele escreveu isso: *Trabalho com Toquinho desde 1992, cinco anos como produtor e doze como empresário. São dezessete de uma convivência diária que revelou um amigo incomum, sempre disponível e atento às coisas mais simples. Extremamente precavido, detesta surpresas. Não sai de casa sem um roteiro definido, mas é capaz de esquecer da vida diante de um bom papo, um novo violão, uma nova conquista. Metódico, não viaja sem a organização rigorosa das malas, a verificação dos remédios que praticamente não usa, sem saber a previsão do tempo. Observador e intuitivo, tem o dom de conhecer as pessoas, descobrir talentos, elogiar na hora certa. Sedutor e ciumento, defende seu território com unhas e dentes. Generoso, dá sempre uma nova chance. Sabe dizer não sem perder a ternura. Assume os erros, mas não gosta do sofrimento da culpa. Quando sente a situação fora de controle, não se deixa abater, usa o bom-senso. Tem medo do compromisso, mas diverte-se com o que faz. Calmo, não gosta de nada*

Toquinho e Genildo



Toquinho e Genildo

apressado, passa a sensação de que tem tempo para tudo, exerce o direito de ser feliz. Adora o conforto da vida urbana, é muito prático, descomplicado, não parece artista. Usa com rara habilidade seu lado diplomático e dualista para unir os opositos. Utiliza a disciplina e a técnica como bases para o improviso. Competitivo, detesta perder, seja num jogo de sinuca, numa partida de futebol, numa simples aposta. Mas, se perde, dá logo a volta por cima. Vive intensamente cada momento, nunca considera a partida ganha, está sempre procurando o melhor acorde, o investimento mais rentável, o modo mais prático de fazer as coisas. Aceita com naturalidade a noção do envelhecimento, mas não admite perder o domínio de seu instrumento, ao qual se entrega durante horas todos os dias. Versátil, gosta da troca, de ganhar dinheiro, de manter uma reserva. Vi nascerem canções que pareciam definitivas no dia da criação, e noutro já ganhavam novas formas, outros nomes. Tive a sorte de conhecê-lo numa fase madura, em que não dá para saber se o mais importante é o homem ou o artista, o músico ou o letrista, o contador de histórias ou o amigo. Eles se juntam sempre no mestre e aprendiz com alma de criança.

Ao prosseguir trabalhando ao lado de uma pessoa que me conhece tanto fica fácil colocar-me sempre a favor ao vento, como um autêntico contemporâneo do futuro, não permitindo que nem mesmo o tempo se antecipe ou me surpreenda. Minha carreira certamente continuará embalada por minha criatividade, pelo virtuosismo de meu violão e por minha descontração no palco, incorporando a cada show o amigo da plateia, mais que o artista, sem deixar de prevalecer minha arte.

DISCOGRAFIA

- O Violão de Toquinho – Instrumental – 1966 – Fermata
Toquinho – 1970 – RGE
- Vinicio de Moraes em La Fusa – 1970 – Trova
- Como Dizia o Poeta... Música Nova – RGE – 1971
- São Demais os Perigos Desta Vida... – RGE – 1971
- Toquinho e Vinícius – RGE – 1971
- Vinicio+Bethania+Toquinho en La Fusa (Mar del Plata) – 1971
- Per Vivere un Grande Amore – Fonit-Cetra – Itália – 1971
- Vinícius *Canta Nossa Filha Gabriela* – Polydor – 1972
- Trilha sonora da novela da TV Tupi Canal 4-SP
- O Bem-Amado – Som Livre – 1973
Trilha sonora original da novela (Rede Globo)
- Botequim – Toquinho & Guarnieri – RGE – 1973
- Toquinho – Boca da Noite – RGE – 1974
- Toquinho, Vinícius e Amigos – RGE – 1974
com Maria Bethânia, Ciro Monteiro, Sergio Endrigo, Maria Creuza,
Chico Buarque de Hollanda
- Fogo Sobre Terra – Som Livre – 1974
Trilha sonora da novela da Rede Globo
- Toquinho e Vinícius – Philips – 1974
- Vinícius/Toquinho – Philips – 1975
- Toquinho e Vinícius – o Poeta e o Violão – RGE – 1975
Gravado na Itália
- Toquinho – Il Brasile Nella Chitarra – Fonit Cetra – 1976
Gravado em Torino – Itália

La Voglia La Pazzia L'Incoscienza L'Allegria – RGE – 1976
Gravado na Itália, com Ornella Vanoni

Toquinho Tocando – Philips – 1977 – Instrumental

The Best Of Vinicius & Toquinho – Philips – 1977

Tom, Vinícius, Toquinho, Miúcha – Som Livre – 1977
Gravado ao vivo no Canecão

Enciclopédia da Música Brasileira – Toquinho – Instrumental
Art Editora Ltda - 1978

Toquinho Cantando – Pequeno Perfil de Um Cidadão Comum
Philips – 1978

10 Anos de Toquinho e Vinícius – Philips – 1979

Paulinho Nogueira e Toquinho – Sempre Amigos – Arlequim – 1980

Um Pouco de Ilusão – Ariola – 1980

Arca de Noé – Ariola – 1980

Participações de Chico Buarque , Milton Nascimento, MPB-4, Elis Regina, Alceu Valença, Moraes Moreira, Bebel, As Frenéticas, Fábio Jr., Boca Livre, Ney Matogrosso, Marina, Walter Franco e Toquinho

Arca de Noé 2 – Ariola – 1980

Participações de Boca Livre, Fagner, Grande Otelo, Céu da Boca, Elba Ramalho, Ney Matogrosso, Tom Jobim, Clara Nunes, As Frenéticas, Paulinho da Viola, Jane Duboc, Dionísio Azevedo

Toquinho, La Chitarra e Gli Amici – CGD – Itália – 1981

Doce Vida – Ariola – 1981

Toquinho ao Vivo em Montreux – Ariola – 1982

Acquarello – Maracaná – Itália – 1982

Acuarela – CGD – Espanha – 1983

Aquarela – Ariola – 1983

Casa de Brinquedos – Polygram – 1983
Participações de Dionísio Azevedo, Simone, Tom Zé, Lucinha Lins,
Toquinho, Roupa Nova, MPB-4, Chico Buarque, Paulinho Boca de Cantor,
Carlinhos Vergueiro, Baby Consuelo, Moraes Moreira e Cláudio Nucci

Bella La Vita – CGD – Itália – 1984

Sonho Dourado – Barclay – 1984

A Luz do Solo – Barclay – 1985

Le Storie Di Una Storia Sola – CGD – Itália – 1986

Coisas do Coração – Barclay – 1986

Vamos Juntos (Toquinho Live At Bravas Club'86 – Japão – Polydor – 1986
Intérprete: Toquinho

Canção de Todas as Crianças – Philips – 1987

Made in Coração – BMG-RCA – 1988

Toquinho In Canta Brasil – CGD – Itália – 1989 – Álbum duplo
Carosello di musiche, canti e immagini del Brasile di ieri e di oggi
con Luizão Maia, Marçal da Portela, Borel, Mutinho, Rafael 7 Cordas,
Branca de Neve, Papete, Bel, Silvia Maria, Guadalupe e con la
partecipazione di Dominguinhos e di Eliana Estevão

À Sombra de um Jatobá – BMG-RCA – 1989

Toquinho Instrumental – Caju Music – 1990

História dos Shows Inesquecíveis – O Poeta, a Moça e o Violão
Vinicius de Moraes, Clara Nunes e Toquinho – 1991
Álbum com três discos
Gravação ao vivo do show realizado no Teatro Castro Alves,
em Salvador, BA – 1973

Il Viaggiatore Del Sogno – BMG-Ariola – Itália – 1992

El Viajero Del Sueño – BMG-Ariola – Espanha – 1992

O Viajante do Sonho – BMG-Ariola – Brasil – 1992

La Vita è L'arte Dell'incontro – BMG-Ariola – 1993
Álbum com dois discos

Toquinho – Trinta Anos de Música – BMG – Ariola – 1994

Toquinho e suas Canções Preferidas – Paradoxx – 1996 – CD Duplo

Toquinho – Boca da Noite – Paris-França – Rym Musique – 1997

Toquinho – Coleção Minha História – Polygram – 1997

CD Brasiliando – Hobby&Work italiana – Itália – 1997

Intérprete: Toquinho

CD Toquinho e Convidados – Movieplay – 1997

CD Canção dos Direitos da Criança – Movieplay – 1997

Coleção O Melhor de Toquinho – BMG – 1998

Coleção Millennium – Toquinho e Vinicius – Polygram – 1998

CD Toquinho – Italiano – Movieplay – 1999

CD Toquinho – Paulinho Nogueira – Movieplay – 1999

Em todas as faixas, Toquinho e Paulinho Nogueira tocam juntos

CD Duplo Sinal Aberto – Toquinho e Paulinho da Viola BMG – 1999

Gravado ao vivo no Teatro João Caetano, Rio de Janeiro, RJ

CD duplo Vivendo Vinicius – ao Vivo – BMG – 1999

Baden Powell, Carlos Lyra, Miúcha e Toquinho

Millennium – Toquinho – Universal – 1999

Música do Brasil – Volume 6 – Tom Brasil – 2000

Toquinho Live – BMG – Vitola – 2000

CDs Coleção Toquinho & Orquestra – Tom Brasil Estúdio 2001

CD Homenagens

CD Mulher, Amor e Romantismo

CD Filosofia de Vida

CD Canciones de Los Derechos de Los Niños – Circuito Musical – 2001
Músicas de Toquinho e Elifas Andreato adaptadas al castellano por
Francisco Aguirre R.

Toquinho – Amigos e Canções – BMG – 2002

Coleção de cinco CDs lançados pela *Seleções Reader's Digest*

CD 1 Revivendo Toquinho e Vinicius

CD 2 O Brilho Aolo de Toquinho

CD 3 Toquinho e seus Amigos

CD 4 Para as Crianças, com Amor

CD 5 Bons Momentos de Toquinho

Toquinho Ensinando a Viver – Grupo Positivo – Circuito Musical – 2002

CD Herdeiros do Futuro – Projeto Guri – Circuito Musical – 2002

Toquinho e Banda, Orquestra e Coro do *Projeto Guri*

CD Só Tenho Tempo Pra Ser Feliz – Movieplay – 2003

Intérprete: Toquinho

CD duplo Toquinho Le canzoni della mia vita – Universal – 2003

CD Duplo Toquinho Bossa Nova Forever – Universal – 2004

A tribute to over 40 years of Bossa Nova

CD Toquinho no Mundo da Criança – Circuito Musical/Editora Delta – 2005

CD Mosaico (Círculo Musical) – 2005

Todas as canções são de autoria de Toquinho e Paulo César Pinheiro, compostas para a trilha sonora do espetáculo Outros Quinhentos, apresentado em 2000, em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil

CD Passatempo – Retrato de uma época – Circuito Musical – 2005

Poeta, Moça e Violão – Relançamento Biscoito Fino – 2009

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

Dimas Schittini: 133, 134, 135, 139

Genildo Fonseca: 83, 142, 145(a) (b), 161

João Carlos Pecci: 9, 11, 13, 16, 18, 19, 24, 27, 29, 31, 35, 46, 49, 52, 58, 61, 70, 73, 80, 86, 88, 89, 91(a) (b), 103, 110, 112, 113, 123, 126, 128(a) (b) (c), 129

Luiz Vergueiro: 32, 36

A despeito dos esforços de pesquisas empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nessa obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores. Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa a autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que seja devidamente creditados

Coleção Aplauso

SÉRIE CINEMA BRASIL

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma
Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista
Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino
Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias
Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro
Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma
Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História
Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha
Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue
Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados
Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida
Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega
Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes
Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro
Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver
Marcelo Lyra

A Cartomante
Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas
Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves
Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suey
Roteiro de Karim Ainouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade
Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens
Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor
Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias
Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade
Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade
Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun
Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG
Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser
Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem
Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo
Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador
Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro
Jeferson De

Dois Córregos
Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História
Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos
Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômagos
Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal
Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura
Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha
Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

- Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil
Luiz Zanin Oricchio
- Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas
Celso Sabadin
- Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior
Klecius Henrique
- Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo
Luiz Zanin Oricchio
- Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas
Pablo Villaça
- O Homem que Virou Suco
Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito
- Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir
Remier
- João Batista de Andrade – Alguma Solidão
e Muitas Histórias
Maria do Rosário Caetano
- Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera
Carlos Alberto Mattos
- José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina
Marcel Nadale
- José Carlos Burle – Drama na Chanchada
Máximo Barro
- Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção
Renata Fortes e João Batista de Andrade
- Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema
Alfredo Sternheim
- Maurice Capovilla – A Imagem Crítica
Carlos Alberto Mattos
- Mauro Alice – Um Operário do Filme
Sheila Schvarzman
- Máximo Barro – Talento e Altruismo
Alfredo Sternheim
- Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra
Antônio Leão da Silva Neto
- Não por Acaso
Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppo
- Narradores de Javé
Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu
- Onde Andará Dulce Veiga
Roteiro de Guilherme de Almeida Prado
- Orlando Senna – O Homem da Montanha
Hermes Leal
- Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela
Rogério Menezes
- Quanto Vale ou É por Quilo
Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi
- Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar
Rodrigo Capella
- Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente
Neusa Barbosa
- Salve Geral
Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade
- O Signo da Cidade
Roteiro de Bruna Lombardi
- Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto
Rosane Pavam
- Viva-Voz
Roteiro de Márcio Alemão
- Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto
Carlos Alberto Mattos
- Vlado – 30 Anos Depois
Roteiro de João Batista de Andrade
- Zuzu Angel
Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende
- SÉRIE CINEMA**
- Bastidores – Um Outro Lado do Cinema
Elaine Guerini
- Série Ciência & Tecnologia
Cinema Digital – Um Novo Começo?
Luiz Gonzaga Assis De Luca
- A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual
Luiz Gonzaga Assis De Luca
- SÉRIE CRÔNICAS**
- Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças
Maria Lúcia Dahl
- SÉRIE DANÇA**
- Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal
Sérgio Rodrigo Reis
- SÉRIE MÚSICA**
- Rogério Duprat – Ecletismo Musical
Máximo Barro
- Sérgio Ricardo – Canto Vadio
Eliana Pace
- Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação
Beatriz Coelho Silva

SÉRIE TEATRO BRASIL

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek
Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta
Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik
Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício
Org. Carmelinda Guimarães
Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior
Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito
Antonio Gilberto e José Mauro Brant
Ilo Krugli – Poesia Rasgada
Ieda de Abreu
João Bethencourt – O Locatário da Comédia
Rodrigo Murat
José Renato – Energia Eterna
Hersch Basbaum
Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher
Eliana Pace
Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílaba
Adélia Nicolete
Maurice Vaneau – Artista Múltiplo
Leila Corrêa
Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem
Rita Ribeiro Guimarães
Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC
Nydia Licia
O Teatro de Abílio Pereira de Almeida
Abílio Pereira de Almeida
O Teatro de Alberto Guzik
Alberto Guzik
O Teatro de Antonio Rocco
Antonio Rocco
O Teatro de Cordel de Chico de Assis
Chico de Assis
O Teatro de Emílio Boechat
Emílio Boechat
O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos
Germano Pereira
O Teatro de José Saffioti Filho
José Saffioti Filho

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pôlvora e Poesia
Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz:
Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro
Ivan Cabral

O Teatro de Noemí Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma
Noemí Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar
Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida
Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri
Sérgio Roveri

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena
Ariane Porto

SÉRIE PERFIL

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo
Tania Carvalho
Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção
Alfredo Sternheim
Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros
Rogério Menezes
Berta Zemel – A Alma das Pedras
Rodrigo Antunes Corrêa
Bete Mendes – O Cão e a Rosa
Rogério Menezes
Betty Faria – Rebelde por Natureza
Tania Carvalho
Carla Camurati – Luz Natural
Carlos Alberto Mattos
Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício
Tania Carvalho
Celso Nunes – Sem Amarras
Eliana Rocha
Cleyde Yaconis – Dama Discreta
Vilmor Ledesma
David Cardoso – Persistência e Paixão
Alfredo Sternheim
Débora Duarte – Filha da Televisão
Laura Malin

- Denise Del Vecchio – Memórias da Lua
Tuna Dwek
- Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas
Reinaldo Braga
- Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida
Maria Letícia
- Etty Fraser – Virada Pra Lua
Vilmar Ledesma
- Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética
Reni Cardoso
- Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério
Neusa Barbosa
- Fernando Peixoto – Em Cena Aberta
Marília Balbi
- Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira
Eliana Pace
- Gianfrancesco Guarneri – Um Grito Solto no Ar
Sérgio Roveri
- Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema
Maria Angela de Jesus
- Ilka Soares – A Bela da Tela
Wagner de Assis
- Irene Ravache – Caçadora de Emoções
Tania Carvalho
- Irene Stefania – Arte e Psicoterapia
Germano Pereira
- Isabel Ribeiro – Iluminada
Luis Sérgio Lima e Silva
- Isolda Cresta – Zozô Vulcão
Luis Sérgio Lima e Silva
- Joana Fomm – Momento de Decisão
Vilmar Ledesma
- John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida
Neusa Barbosa
- Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão
Nilu Lebert
- Jorge Loredo – O Perigote do Brasil
Cláudio Fragata
- José Dumont – Do Cordel às Telas
Klecius Henrique
- Leonardo Villar – Garra e Paixão
Nydia Licia
- Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral
Analú Ribeiro
- Lolita Rodrigues – De Carne e Osso
Eliana Castro
- Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa
Vilmar Ledesma
- Marcos Caruso – Um Obstinado
Eliana Rocha
- Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária
Tuna Dwek
- Marisa Prado – A Estrela, O Mistério
Luiz Carlos Lisboa
- Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição
Renato Sérgio
- Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão
Vilmar Ledesma
- Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra
Alberto Guzik
- Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família
Elaine Guerrini
- Nívea Maria – Uma Atriz Real
Mauro Alencar e Eliana Pace
- Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras
Sara Lopes
- Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Tetê Ribeiro
- Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho
- Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho
- Regina Braga – Talento é um Aprendizado
Marta Góes
- Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis
- Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis
- Renato Borghi – Borghi em Revista
Élcio Nogueira Seixas
- Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace
- Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

- Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho
- Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia
- Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus
- Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro
- Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes
Nilu Lebert
- Silnei Siqueira – A Palavra em Cena
Ieda de Abreu
- Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte
Vilmar Ledesma
- Sônia Guedes – Chá das Cinco
Adélia Nicolete
- Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro
Sonia Maria Dorce Armonia
- Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?
Maria Thereza Vargas
- Stênio Garcia – Força da Natureza
Wagner Assis
- Suely Franco – A Alegria de Representar
Alfredo Sternheim
- Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra
Sérgio Roveri
- Theresa Amayo – Ficção e Realidade
Theresa Amayo
- Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza
Tania Carvalho
- Umberto Magnani – Um Rio de Memórias
Adélia Nicolete
- Vera Holtz – O Gosto da Vera
Analú Ribeiro
- Vera Nunes – Raro Talento
Eliana Pace
- Walderez de Barros – Voz e Silêncios
Rogério Menezes
- Walter George Durst – Doce Guerreiro
Nilu Lebert
- Zezé Motta – Muito Prazer
Rodrigo Murat
- ESPECIAL**
- Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso
Wagner de Assis
- Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta
Elmo Francfort
- Beatriz Segall – Além das Aparências
Nilu Lebert
- Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos
Tania Carvalho
- Charles Möller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais
Tania Carvalho
- Cinema da Boca – Dicionário de Diretores
Alfredo Sternheim
- Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira
Antonio Gilberto
- Eva Todor – O Teatro de Minha Vida
Maria Angela de Jesus
- Eva Wilma – Arte e Vida
Edla van Steen
- Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira
Álvaro Moya
- Lembranças de Hollywood
Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim
- Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida
Warde Marx
- Mazzaropi – Uma Antologia de Risos
Paulo Duarte
- Ney Latorraca – Uma Celebração
Tania Carvalho
- Odorico Paraguá: O Bem-amado de Dias Gomes – História de um personagem larapista e maquiavelento
José Dias
- Raul Cortez – Sem Medo de se Expor
Nydia Licia
- Rede Manchete – Aconteceu, Virou História
Elmo Francfort
- Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte
Nydia Licia
- Tônia Carrero – Movida pela Paixão
Tania Carvalho
- TV Tupi – Uma Linda História de Amor
Vida Alves
- Victor Berbara – O Homem das Mil Faces
Tania Carvalho
- Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado
Djalma Limongi Batista

|imprensaoficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

diretor-presidente
Hubert Alquéres

diretor industrial
Teiji Tomioka

diretor financeiro
Flávio Capello

diretora de gestão de negócios
Lucia Maria Dal Medico

gerente de produtos editoriais e institucionais
Vera Lúcia Wey

Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Pecci, João Carlos

Toquinho: acorde solto no ar / João Carlos Pecci -- São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

180p. -- (Coleção aplauso música / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN: 978.85.7060-891-8

1. Toquinho, 1946 2. Compositores – Brasil – Biografia
3. Cantores – Brasil I. Ewald Filho, Rubens II. Título. III. Série.

CDD 927.816 4

Índice para catálogo sistemático:

1. Compositores brasileiros : Biografia 927.816 4

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 080001234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso
Série Música

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Projeto Gráfico	Via Impressa Design Gráfico
Direção de Arte	Clayton Policarpo Paulo Otavio
Editoração	Douglas Germano Deiverson Rodrigues Emerson Brito
Tratamento de Imagens Revisão	José Carlos da Silva Wilson Ryoji Imoto

Formato	21 x 26cm
Papel Miolo	Couché fosco 150g/m ²
Papel Capa	Triplex 350g/m ²
Tipologia	ChaletComprime, Univers
Número de páginas	180
CTP, Impressão e Acabamento	Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa



ISBN 978-85-7060-891-8



imprensaoficial

9 788570 608918